

ANEXO—NOVOS MAPAS DA INVASÃO

REVISTA DA SEMANA

Cr\$ 2,50

NA CAPITAL

Cr\$ 3,00

NOS ESTADOS

N.º 36

2-9-44

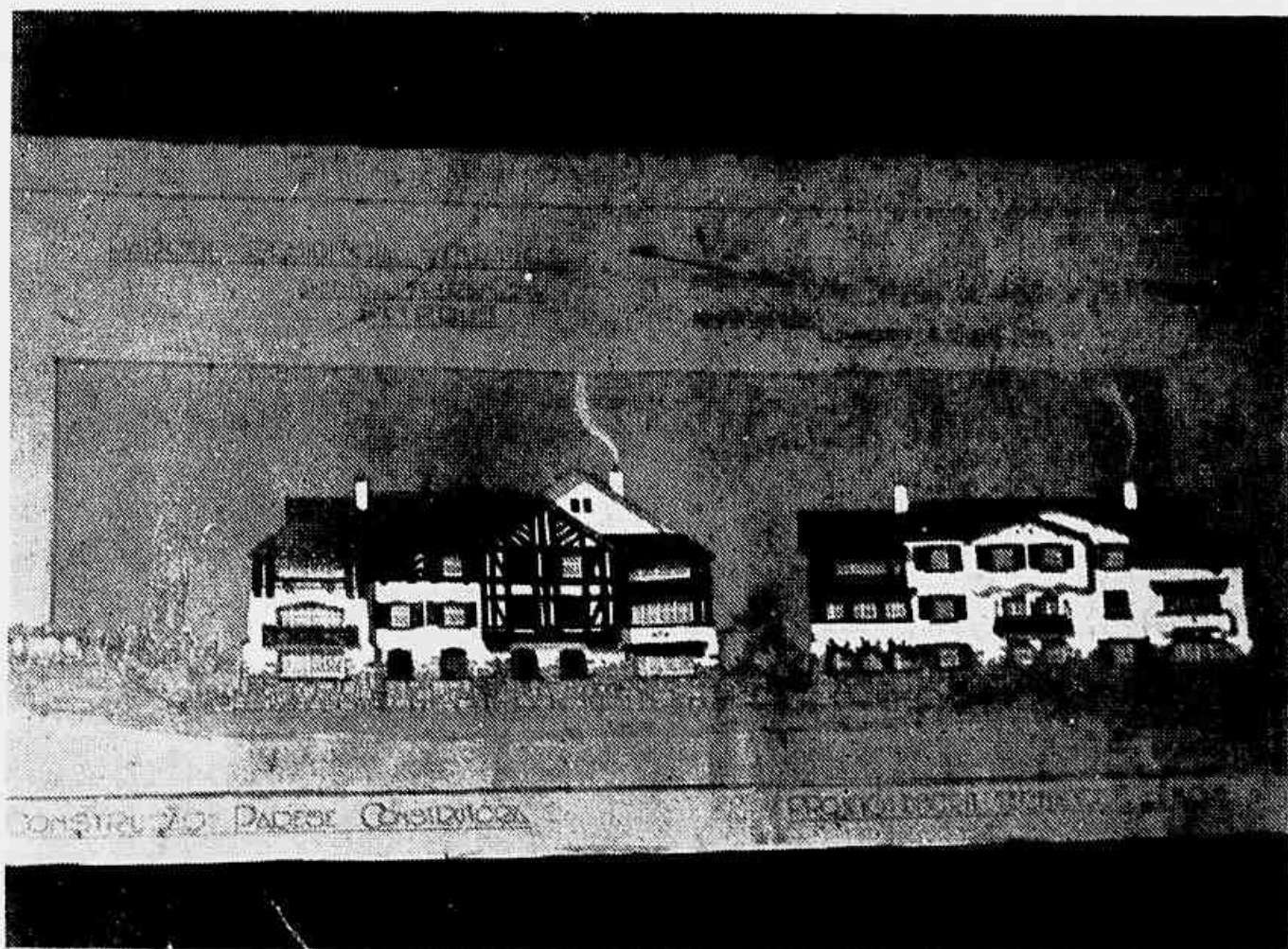




Perspectiva de dois dos solares IPIRANGA em construção.



Grupo de pessoas que participaram do churrasco, sendo-se os. srs. John Lowndes, Aldo Cerva e Paulo Galeão, e as senhoras John Lowndes, Aldo Cerva, Paulo Galeão, Geraldo Mascarenhas e sua filhinha.

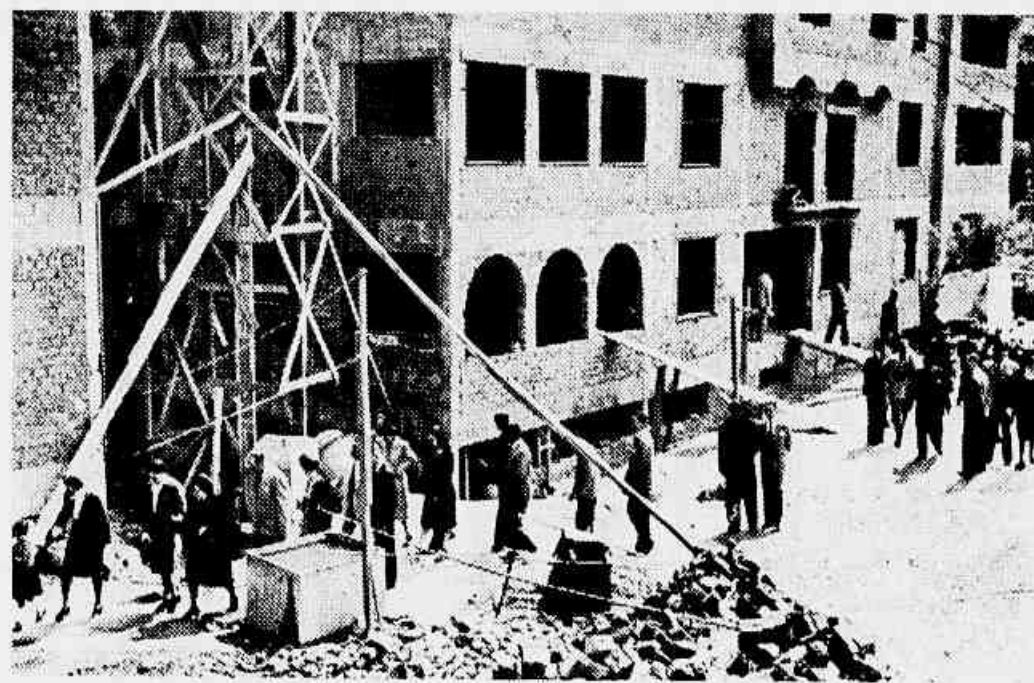


Como ficarão dois dos solares IPIRANGA após serem concluídos



Alguns dos participantes do churrasco.

Festa da Cumieira dos solares "Ipiranga" em Petrópolis



Chegada dos convidados ao churrasco.

Realizou-se domingo ultimo na aristocrática Avenida Ipiranga, em Petrópolis, um churrasco comemorativo da festa da Cumieira de dois dos solares "Ipiranga", dos quatro que serão construídos.

Numerosas pessoas ali compareceram, tendo ocasião de visitar demoradamente as construções, verificando os detalhes do maravilhoso empreendimento, cuidadosamente estudado pela Cia. Geral de Administração e Incorporações, e cujas vendas estão a cargo da firma LOWNDES & SONS LTDA., com escritórios à rua México ns. 90-90-A e Avenida Copacabana n. 777-A.

Serão quatro os edifícios, em estilo colonial e normando, com frente para um grande jardim urbanizado, e play-grounds para crianças e adultos, sendo que dois deles já estão com as construções bem adiantadas.

Cada edifício terá somente 6 apartamentos, com amplas varandas fechadas, salas de estar decoradas com lambris, lareira, aquecimento nos dormitórios, armários embutidos em todos os dormitórios, quartos de *chauffeur*, zelador e jardineiro isolados, e garage fechada para cada apartamento.

Pelo que foi visto, trata-se de uma obra que virá enriquecer mais ainda a bela Cidade serrana, pela grandiosidade, luxo e conforto que caracterizam esse lindo parque residencial, já parcialmente vendido ao preço de Cr\$ 1.500,00 o metro quadrado de área construída.



A preparação do churrasco.

A COROA NA MALETA

por

HENRIQUE PONGETTI

Uma crônica escrita especialmente para a REVISTA DA SEMANA

Os russos brancos refugiados em Paris foram objeto de uma vasta exploração literária, sobretudo de parte dos comediógrafos *boulevardiers*, sempre de antenas dirigidas para a vida íntima da cidade. Alfred Savoir e

Jacques Deval — um com a "Grã-Duqueza e o Garçon", o outro com "Tovaritch" — se tornaram os campeões de bilheteria desse teatro alimentado pelo dramático e pelo ridículo da "prontidão" brazonada. Os tipos eram conhecidos do povo; tinham tôdas as condições de vida cênica. Quem não havia embarcado ainda no taxi côr de

"Quem não havia oferecido ainda uma taça de "champagne" à condessa Balacanova, que tocava balalaika no "Troika", com uns olhos negros tão bonitos e tão nostálgicos que seriam capazes de induzir um bolchevista a repôr no trôno o czar que a fizesse czarina?"



tempo e sujeira, asmático e cardíaco, em cujo volante o príncipe Ropotopoff, humilhado, contava as façanhas da sua "Bugatti Grand Prix" nas pistas de S. Petersburgo? Quem não havia oferecido ainda uma taça de "champagne" à condessa Balacanova, que tocava balalaika no "Troika", com uns olhos negros tão bonitos e tão nostálgicos que seriam capazes de induzir um bolchevista a repôr no trôno o czar que a fizesse czarina?

Paris esbarrava a cada momento nessa nobreza decaída e suspirante. O príncipe Yussupoff, a quem se devia a morte de Rasputin — ninguém antes matara outro homem com tantos fôlegos, lutara tanto para ver a caveira de um semelhante — o príncipe Yussupoff se tornara a *great attraction* da casa de costura da princesa sua espôsa. O *grand monde* ia à copa para ver o delicado e encantador assassino e para encomendar umas camisas de cambraia bem transparentes, coisa que fazia o príncipe corar como si a princesa as usasse de morim grosso ou não as usasse. Procurava-se apertar as brancas e macias mãos criminosas para levar aos *potins* da noite o calor daquele contacto histórico. Havia clientes mais assíduas e mais íntimas que conseguiam ter a mão beijada pelo monstro de olhos lacustres — aqueles olhos claros e serenos em cujas retinas não se descobriam vestígios da cena trágica refletida. O beijo do príncipe como bonificação — compra acima de cinco mil francos — começou a se tornar conhecido como os saldos de fim de estação das galerias "La Fayette" ou "Printemps". Mas a princesa tinha uma fronte larga e um olhar pensativo; parecia alguém vivendo para fazer a vontade a outra pessoa, vivendo em colóquios secretos com a morte.

Na "Coupole" apareciam umas russas brancas tristes, como corujas czaristas camufladas de mulheres para despistar a "Terceira Internacional". Seus silêncios eram geladas ilhas no caloroso zum-zum babélico, dando sempre a impressão de que precediam o suicídio, o salto mortal de uma das pontes do Sena. Condessas, duquesas, princesas — personagens de Savoir e Deval. No dia seguinte elas reapareciam mais fúnebres, mais corujas disfarçadas em mulheres. As anedotas chegavam ao orifício dos seus ouvidos e voltavam para atrás com sua carga de alegria intacta. Ricocheteavam no seu saudosismo como uma bala de pequeno calibre ricocheteia na superfície de uma poderosa blindagem.

Savoir e Deval ganharam muito dinheiro explorando justamente os ângulos tragi-cômicos do novo-pobre. O novo-pobre é mil vezes mais interessante no palco do que o novo-rico. Este teve na sua pobreza alguns momentos de nababo. Há sempre uma hora de Cresus na vida de um Job. Mas nunca houve uma hora de Job na vida da grã-duqueza que aparece no palco tentando descobrir, pelas dificuldades da abertura da casa de um botão, como se conseguiu perfurar o Simplon e outros túneis intermináveis. Ah, os embaraços do príncipe Ripikinska diante do gravíssimo problema de endurecer um ovo no fogareiro a álcool de uma água-furtada! Ela, para quem as galinhas da Ucrânia punham ovos de ouro e para quem um cozinheiro de Paris fazia *omelettes* pela receita original de Vatel!

A nova-pobreza é o descobrimento total do outro lado da vida. E entre os russos brancos de Paris muitos a descobriram guiando um taxi malacafento como o príncipe Ropotopoff ou endurecendo ovos de galinhas sem *pedigree* como a



ATENÇÃO! VAI SUBIR O PANO!

UMA NOITE NOS BASTIDORES DO TEATRO MUNICIPAL

Fotos e texto a começar da pág. 8



E aqui estão Dulcina e Odilon nos protagonistas de "Tovaritch", de Jacques Deval. Eles são dois nobres, obrigados, pelas contingências, a se empregar como criados domésticos, embora frequentando reuniões aristocráticas, em certas noites da semana...

princesa Ripikinska. Dura viagem foi essa ao país do indispensável. E certamente mais rica de surpresas do que as de Marco Polo à Ásia e a de Colombo à América:

— Alexis, eu apurei hoje uma coisa inacreditável!

— Estão dando desfalques no "Socorro Branco"?

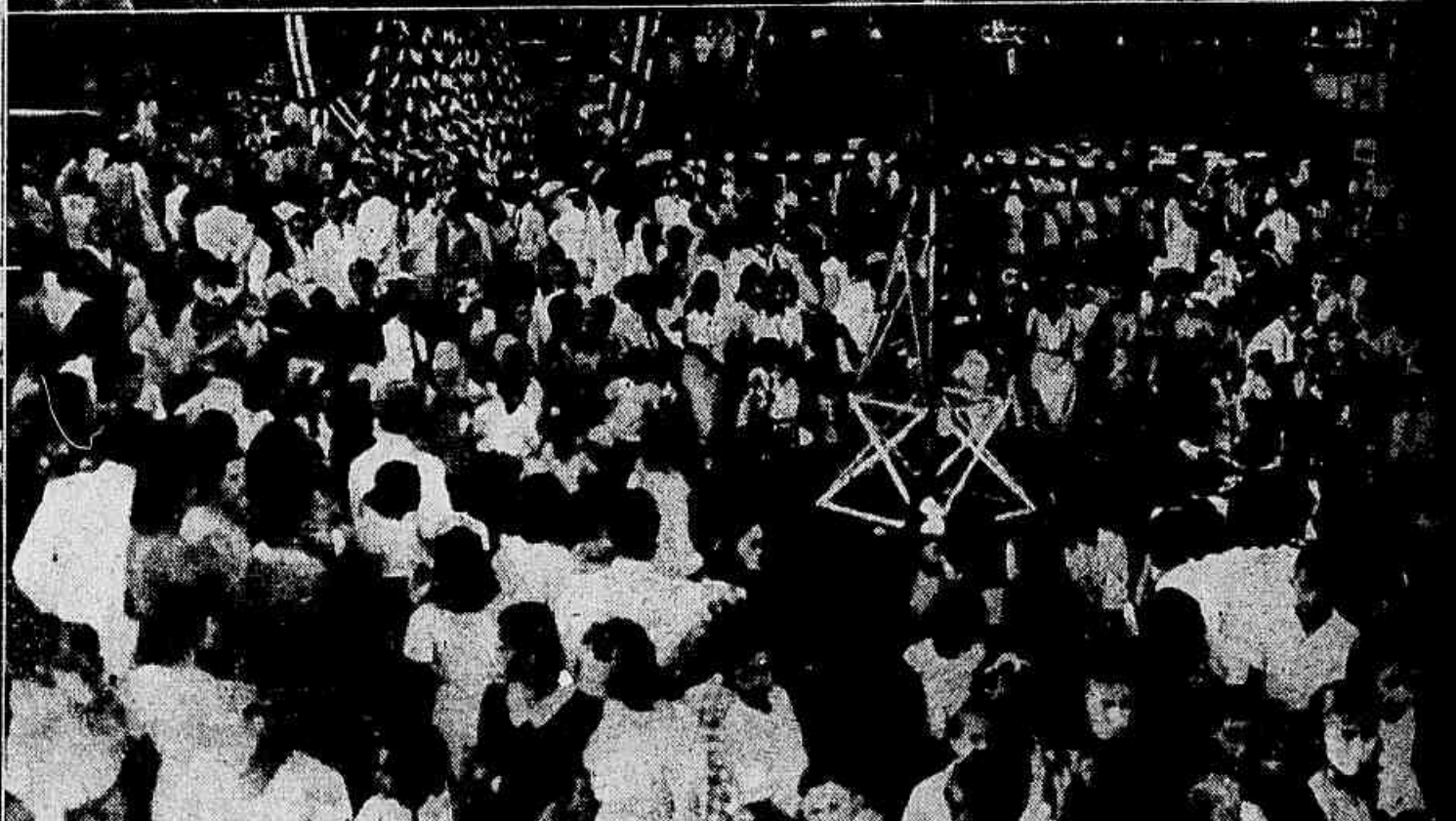
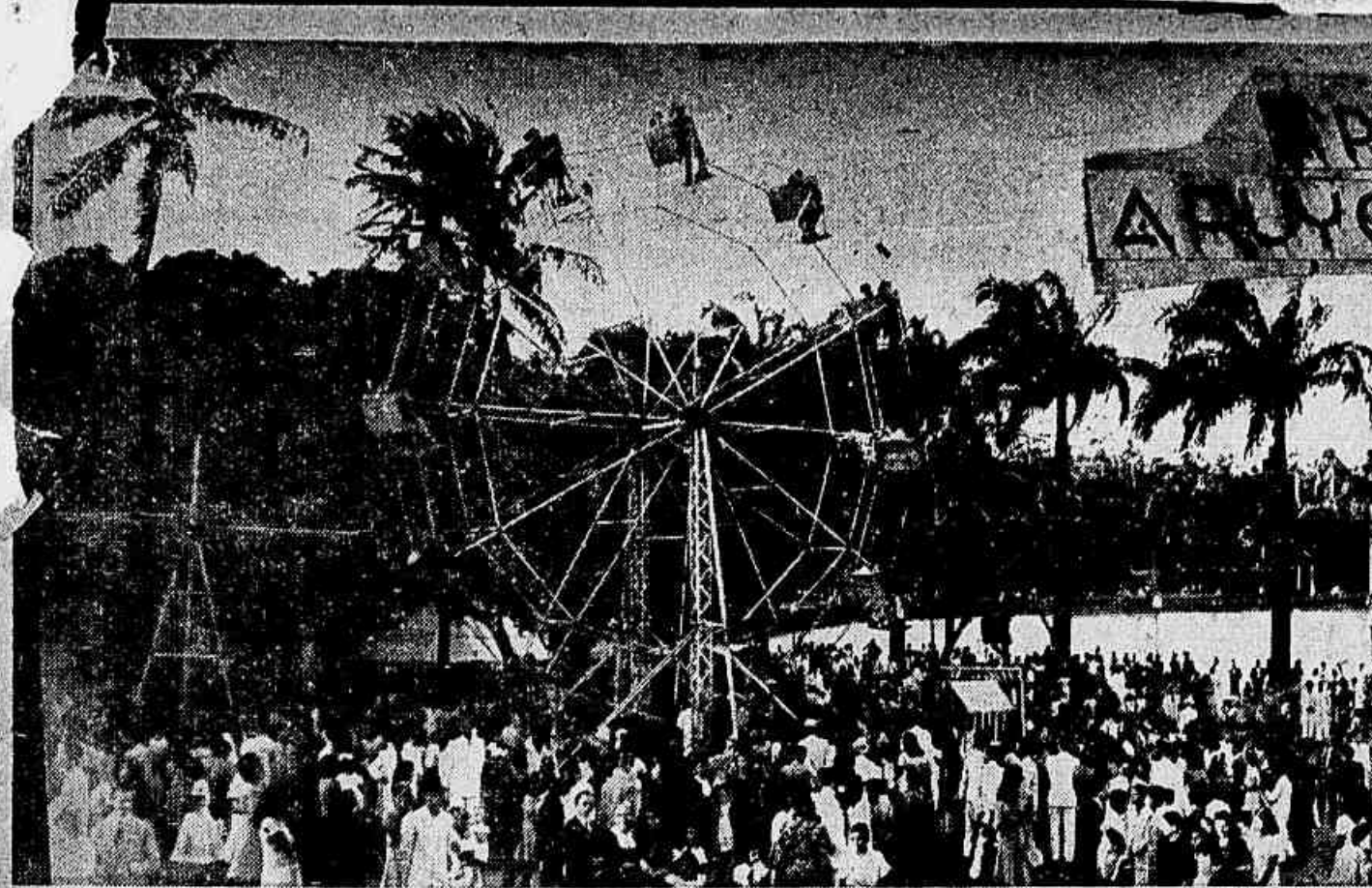
— Não! Pior! Aqui em Paris as meias rôtas são cosidas!

areias nada inclementes da Avenida Atlântica:
— Eu moro em Jerusaleme.

— Então somos vizinhos. Eu moro em Jacópacabana!

Os refugiados europeus de Copacabana se misturaram à vida do Rio sem constituir um tema particular da literatura citadina. A exigência de recursos financeiros para a entrada de refugiados de guerra no Brasil não deu a chance de um "Tovaritch" indígena aos nossos comediógrafos. Deu apenas matéria para os dois trocadilhos que depois da guerra assinalarão a passagem de tantos filhos de Israel pelas





DA PARAÍBA

O transcurso do 4.º aniversário do atual governo da Paraíba, no mês p. passado, deu lugar a que o interventor Ruy Carneiro recebesse expressivas demonstrações de aprêço e homenagens de tôdas as classes sociais do Estado. O chete do governo paraibano, por sua vez, assinalou o acontecimento inaugurando obras e serviços públicos em todo o território estadual, a começar pela capital.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLV --- 2-9-1944 --- N. 36

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor.

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

Sumário

LITERATURA

À corôa na maleta (Henrique Pongetti).....	4,5
Camerino (Guilherme Figueiredo).....	23
Um crime perfeito (C. S. Forester).....	20
Curiosidades Cariocas (Escagnolle Doria).....	32
Uma declaração (Harrison Crockstead).....	33
Livros Novos.....	38/39

REPORTAGENS:

Atenção! Vai subir o pano! (Reportagem de Paulo Salles Guerra — Fotos de A. Vieira).....	3-8/13
Da Paraíba.....	6
O desfecho judicial do rumoroso "caso" Humberto de Campos.....	14 1/40
Jockey Clube.....	15
Noite do Brasil Imperio.....	34/35
Figuras e Fatos.....	36/37
A mulher na guerra e no após-guerra.....	47

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos.....	25
Modelos.....	26-27 e 48

CURIOSIDADES:

Você tem vocação para de cativeiro?.....	21
Nos tempos da Moreninha.....	28-29
Alegria de Viver.....	42-43

SEÇÕES

De Rádio... (Djalma Maciel).....	41
A guerra em marcha.....	17-19
Cinema.....	42

CARICATURAS

De Bom Humor.....	31
-------------------	----

NOVELA:

"Covardia" (Berliet Junior).....	49
----------------------------------	----

ANEXO: — SUPLEMENTO COM OS NOVOS MAPAS DA INVASÃO

Nossa Capa

As estrelas cinematográficas possuem, inegavelmente, um forte poder de sedução. Elas são sempre o ímã da mulher bonita e elegante do seu tempo. Quando folheamos as revistas antigas, onde surgem as estrelas de outrora, não raro vemos nos seus lábios um sorriso de ironia. Como são feias e desleais as mulheres nessas reminiscências fotográficas! Em compensação, não raro as mesmas artistas, nas suas mais recentes poses, impressionam agradavelmente e acabam inspirando modelos e figuras nos "avançados" no setor da moda, para as leitoras mais moças. Heddy Lamarr foi a escolhida para iluminar a sobre-capa deste número. Bonita — como sempre. Elegante no penteado, muito simples por sinal. No entanto, se percorrermos arquivos fotográficos de Hollywood, talvez lá encontrásemos flagrantes antigos da mesma atriz, provendo aqueles sorrisos maliciosos...

Neste número, encontram os leitores, além das seções costumeiras, os mais



recentes mapas da guerra, em suplemento aparte, pelo qual se observam os formidáveis triunfos obtidos pelas Forças das Nações Unidas, nestas últimas semanas

Dôr de Cabeça

Quando V. S. tiver dôr de cabeça, lembre-se que muitas vezes ela é causada por desarranjos e perturbações do estômago, intestinos e fígado e não esqueça nunca que somente tratando estes órgãos é que ficará curado.

Se V. S. tem qualquer dúvida a este respeito, consulte o seu médico.

Não basta tomar pílulas ou comprimidos calmantes da dôr, porque com isto só se conseguirá suprimir o sintoma e não se fará nunca desaparecer a causa da dôr de cabeça, se esta tiver sido provocada pela prisão de ventre.

Em todas as doenças o mais importante é tratar a causa, e os médicos sabem que a dôr de cabeça é frequentemente causada por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos; por isto convém limpar estes órgãos usando **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre trata racionalmente a prisão de ventre, estimula o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, que perturbam as funções do fígado e causam a dôr de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, língua suja, falta de apetite, mau gosto na boca, empachamento, peso e dôr no estômago, mal-estar depois de comer, arrôtos, azia, indigestão, dores, cólicas e outros desarranjos do ventre, mau hálito, preguiça, sonolência e moleza geral, certas coceiras e erupções na pele, nervosismo e outras alterações mais graves da saúde.

Tenha todo o cuidado com sua saúde.

Para evitar a dôr de cabeça e todos estes sofrimentos provocados pela prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio esplêndido, que é tão amplamente conhecido e aplicado, dentro e fora do país.

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

ELIXIR DE NOGUEIRA

O ESPELHO DA SAÚDE

DEPURATIVO DO SANGUE
(Medicação auxiliar no tratamento da sífilis)

ATENÇÃO! VAI SUBIR O PANO!

A ÓPERA VISTA POR DENTRO — A "REVISTA DA SEMANA" ACOMPANHA DOS BASTIDORES DO TEATRO MUNICIPAL A ÓPERA "RIGOLETTO" — O QUE OS ESPECTADORES NÃO VÊEM E NÃO IMAGINAM — OS MAESTROS QUE PODEM REGER EM MANGAS DE CAMISA — UM CABELEIREIRO QUE JÁ PENTEOU MUITAS CABEÇAS FAMOSAS — PROFISSÕES INESPERADAS — UM NOVO JUPITER — O DESCANSO DO MAESTRO

Texto de PAULO DE SALLES GUERRA

Fotos de ARNALDO VIEIRA

No outro lado, atrás da cortina é tudo diferente. Não se assuste o leitor. Não vamos contar nenhuma história de fantasmas da ópera. Mesmo porque não seria preciso a presença de um fantasma para dar movimento àquele mundo que se agita febrilmente atrás da cortina do Municipal, oculto das vistas do público. Ali há verdadeiramente muito mais agitação do que na Avenida Rio Branco nas horas de trabalho. Todo um exército de trabalhadores — eletricitas, montadores, cenaristas, etc. — se cruza e se encontra. Ordens nervosas são dadas, em voz baixa. Parece estar se preparando uma batalha. E realmente é uma verdadeira batalha o que dentro de alguns minutos se vai travar. A batalha entre a platéia e os artistas. Entre o senso crítico e a arte. Isto porque as platéias estão sempre prontas para criticar.

Ali naquele palco diante de alguns milhares de olhos que brilham na escuridão, vai se desenrolar a fantasia. Tragédia, comédia, drama. E o artista será o animador daquele mundo diferente.

As cortinas, os cenários marcam os limites entre a realidade e a fantasia. Atrás dos bastidores todos procuram animar o artista, dar-lhe forças, valorizar o seu trabalho. Transpondo aqueles limites deixa de ser ele mesmo. Incarna a figura do personagem. E então se desenrolam os trabalhos dos bastidores simultaneamente com os do palco.

Rigoletto saía do seu camarim. Alguém ajeitava ainda aquela corcunda nas suas costas. E' impressionante a figura de Warren, assim na sua caracterização de Rigoletto. Os seus olhos são enormes, quase ferozes, de um verde intenso. Pedia licença, abria passagem através do pessoal que se agrupava no caminho.

O maestro José Torre olhava por um pequeno buraco aberto no próprio cenário. Sem mudar de posição, fez para Warren um sinal de que podia entrar em cena.

Mais um segundo e aquela voz poderosa enchia toda a sala, subia às torrinhas, causando *frissons* na assistência:

A corte estava reunida, Rigoletto pedia que dissessem o que fôra feito com sua filha. Risadas e chacotas respondem ao seu desespero. Afinal explode em lágrimas. Pede que lhe devolvam a filha. Mais risadas.

"Cortigiani, vil razza dannata!"

Warren é realmente um grande ator.

Ao seu lado, o cabaleireiro do Municipal concordava em que havia um certo encanto em trabalhar nos bastidores de um grande teatro.

— Eu também limito-me a fazer penteados. Garanto que é uma função importantíssima. Não estou me gabando, mas é preciso compreender as dificuldades do meu trabalho: há cabeleiras complicadíssimas para se armar.

Compreendíamos e simpatizávamos enormemente com aquela gente, cujo trabalho não os torna famosos, embora seja imprescindível.

Camarim do maestro Guarnieri. Não fazia muito calor. O maestro tirara a casaca e descansava na sua cadeira. Convidou-nos a sentar. Transpirava um pouco.



1 Maria Augusta Costa é surpreendida quando, diante do espelho, recebia os últimos retoques para entrar em cena. Dentro de poucos instantes ela entrará no palco e será apenas a Gilda. Sob essa fisionomia tranquila e segura deve haver certa apreensão e ansiedade. Mais de mil espectadores aguardam a sua entrada. Uma nota em falso, o menor descontrôle e tudo estará perdido.

— Que tal o espetáculo, maestro?

— Estou achando muito bom. Warren é um artista de recursos extraordinários. Reparou como vive intensamente o seu papel? Além de grande cantor, tem qualidades cênicas que o tornam completo.

Pela porta entreaberta notámos que passava, acompanhada por uma porção de gente, o soprano Maria Augusta Costa, que faz o papel de Gilda. Pedimos licença ao maestro e saímos.

Maria Augusta devia trocar de roupa. Pediu-nos licença. Não era possível atender-nos naquele momento. Mais tarde voltaríamos ao seu camarim.

Américo Basso acabava de receber os últimos retoques na sua barbicha com que aparece no papel de Sparafucile. Fez-nos sinal para que entrássemos.

Enquanto conversávamos Vieira, nosso fotógrafo, procurava um ângulo favorável para bater a chapa.

Pouco depois era dado o sinal. Um homem apareceu correndo, nervoso. Bateu numa porta, abriu:

— O pano vai subir. Está na hora!

Quem era? Fomos interrogá-lo.

— Sou auxiliar cenotécnico. Isto que vê eu faço há muito tempo.

Estávamos falando a Ernesto de Marco. Todos o conhecem no Municipal. Ele se encarrega de chamar os artistas na hora do espetáculo.

Um atraso pode muitas vezes causar situações imprevisíveis. Há algum tempo, aqui mesmo no Municipal, si não nos enganamos, durante a representação de "Thais", todo o côro chamava a heroína, tornava a chamar e esta não apareceu. Que teria acontecido? Simplesmente isto: ninguém fôra avisá-la no camarim e ela não sabia que estava na hora de entrar em cena.

Um pequeno esquecimento, uma falha, uma distração podem causar cenas grotescas. Conversando, a propósito destes incidentes, ouvimos nos bastidores algumas coisas interessantes. Um banco esquecido no palco depois de levantada a cortina, empurrado pela artista que pretendia escondê-lo do público, foi esbarrar no cenário, fazendo tremer toda a cidade de Alexandria.

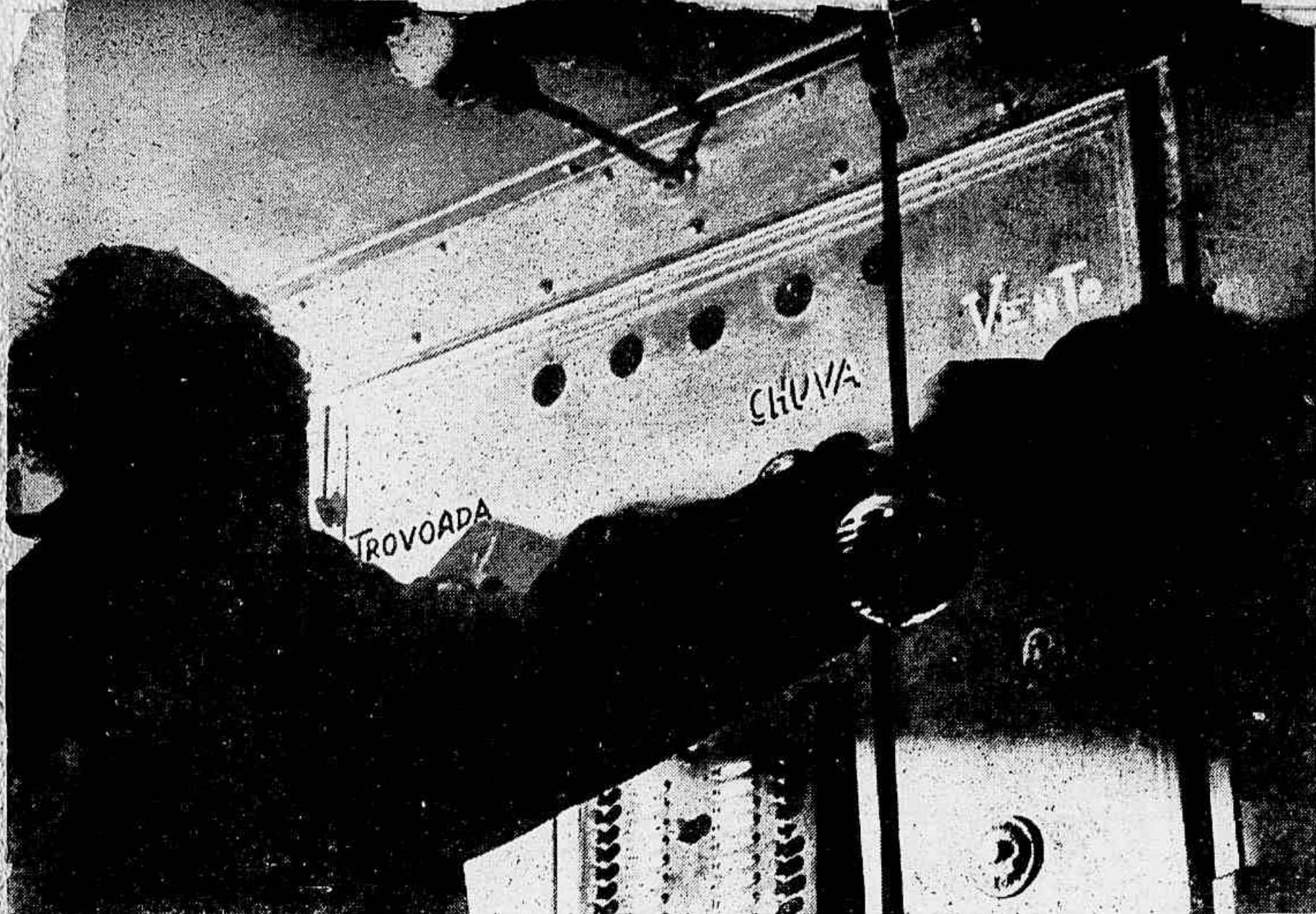
Início do terceiro ato. Queríamos falar com algum representante daquela legião de homens que transportavam sobre os ombros enormes colunas, casas, móveis, cidades inteiras... de papelão, naturalmente. Mas não era possível. Eles se movimentavam com incrível rapidez. Num instante estava mudado o cenário. Os salões se convertiam em florestas como por artes mágicas. Ou então surgiam edificações suntuosas de um momento para outro. Fios eram arrastados. Estávamos tontos, no meio daquela atividade. Embaraçávamos as pernas, tropeçávamos. Resolvemos desistir. Não era possível falar com aqueles transportadores de cidades. Mesmo porque o pano já ia subir. Num instante surgia um *cabaret*. Rigoletto combinava com Sparafu-

No intervalo do primeiro para o segundo ato fomos ao camarim dos artistas. Kullman, a fisionomia risonha, sentado numa cadeira, deixava-se descalçar por um homem baixo e forte. No momento interessava-nos menos o artista que o empregado do teatro. Perguntámos o que fazia além daquilo.

— Nada, respondeu alegremente. Apenas isso. Calço e descalço os sapatos dos artistas. Isto pode lhe parecer aborrecido, mas garanto que estou satisfeito com o meu trabalho. Aliás, há muito tempo dedico-me a essa tarefa. Já travei relações com muita gente célebre. Este movimento aqui dentro me agrada.



Sparafucile, da ópera "Rigoletto", no **maquillage** do baixo
Americo Basso.



3 Trovoada — Chuva — Vento. E aqui está este novo Júpiter do século XX, com o absoluto domínio dos elementos em cena. E' o maestro Affonso Martinez Grau que produz, no terceiro ato, a tempestade. No palco a cena é de alta dramaticidade. Gilda resolve morrer em lugar do duque de Mantua, por quem está perdida de amores. Como vemos é necessário um maestro, aliás bem conhecido, para executar estes detalhes.

4 Nos bastidores do Municipal há cargos como este: calçador de sapatos. Aqui está ele no desempenho da sua função, muito séria, por sinal. E' preciso andar depressa. O espetáculo vai começar. Durante anos e anos este homem que al vemos calçou e descalçou alguns dos mais famosos artistas líricos que passaram pelo Rio. E é um modo original de desfrutar a intimidade de pessoas ilustres, como por exemplo a do tenor Charles Kullman.



cile a morte do duque de Mantua pela soma de 20 escudos. E' o famoso quarteto. Rigoletto e Gilda, olhando por uma abertura, vêem o duque numa grande orgia.

Espiando por um pequeno rasgão no cenário, o maestro José Torre controla a entrada dos artistas:

— Espera um pouco! Agora!

Está trepado numa banquetta. Vendo-nos perto sorri:

— E' preciso estar atento todo o tempo. Muitas vèzes o cantor entra fora da hora. E' o que ia acontecendo agora.

A ópera vai atingindo o climax. O drama vai ganhando intensidade. Lá de trás não podíamos seguir os movimentos dos artistas no palco. De repente um grande estrondo chama a nossa atenção. Procurámos olhar. Era a tempestade do terceiro ato.

Madalena implora a piedade de seu pai. O duque a interessa. Gilda surge vestida de homem. Bate na porta e entra. E' neste momento que desaba a tempestade. Não poderíamos supor que estivéssemos tão perto do Júpiter todo

5 Charles Kullman, pronto para entrar em cena, aguarda apenas o sinal. Enquanto isso, toma uma atitude despreocupada no seu camarim. Kullman faz o papel do duque de Mantua no "Rigoletto". Risonho, alegre ele não parece muito cansado. "Tudo é uma questão de hábito", garantiu-nos, quando lhe fizemos a pergunta. E' ainda bastante jovem o galã da presente temporada.





6 Guilherme Damiano, durante um intervalo, interpreta para o nosso fotógrafo um dos momentos da sua representação no papel de Monterone, no "Rigoletto". Damiano é segundo barítono. Neste momento ele estaria provavelmente descansando enquanto aguardava a entrada em cena. Mas o nosso fotógrafo não o permitiu.



7 "Vai subir o pano!", avisa aflito Ernesto de Marco, diretor de cena do Municipal. Esta frase já foi repetida por ele centenas de vezes desde que desempenha as suas funções. No camarim a artista, que se preparava, recebe nervosamente o aviso. Para ela também o momento é sério. E' a vida agitada nos bastidores do Teatro. Lá dentro é sempre assim. Na platéia o público espera. E' preciso andar depressa.

8 O maestro Edoardo Guarnieri, regente da orquestra do Municipal, dá o sinal para o início do espetáculo. A música se eleva, enche a sala. Os músicos — muitos professores — estão aí quase anônimos. E entretanto deles depende em grande parte o sucesso ou o fracasso do espetáculo.



poderoso que produzia todo aquele barulho. E' que ele nada tem do terrível deus. E' amável e calmo. Quanto ao modo de desencadear os elementos, é muito simples, como pudemos ver. Basta torcer uns botões num quadro preto. Debaixo de cada um está escrita a consequência que a operação irá produzir — chuva, trovoadas, vento. O maestro Martinez Grau, maestro substituto no Municipal, explica-nos o seu trabalho. E' preciso entrar em tempo. Martinez Grau é uma figura conhecida em nossos meios musicais. A sua orquestra de cordas já obteve sucesso em diversas ocasiões. Segundo nos disse, já tivera oportunidade de reger o "Rigoletto".

Coisa estranha observar o contraste entre aqueles três mundos que entretanto se harmonizavam: a platéia, o palco e os bastidores. Aqui atrás o trabalho minucioso e oculto, a preocupação com os mínimos detalhes para imprimir à fantasia um cunho de realidade. No palco o pleno domínio da arte. A platéia espera apenas a sugestão para se deixar levar nas asas da fantasia, para fugir um pouco à dura realidade da vida. Durante duas ou três horas eles poderão recuar no tempo e ouvir, através das vozes dos artistas, as paixões, os ódios, os amores desespe-



12

9

Extase? Não. Apenas uma atitude do maestro Guarnieri num dos momentos culminantes da ópera. Inteltramente absorvido pela sua arte, ele parece alheado de tudo que não seja a música. Para ele o trabalho está intimamente ligado ao ideal artístico. Esta é a sua tarefa: reger. Cada vez que o faz é obrigado a pôr no seu trabalho toda a alma e toda a sensibilidade.

10

Ernesto de Marco é também maestro. Ninguém o vê da platéia. Ele está sempre atrás das cortinas. Entretanto o seu trabalho não é menos árduo do que o de qualquer dos artistas. Sua atenção é mantida durante todo o tempo do espetáculo. Controla as saídas fora de tempo, introduz o artista em cena no momento preciso, mexe-se sem parar de um lado para outro. Aqui o vemos dando o sinal para a entrada de um artista.



rados, toda a gama dos sentimentos humanos dramatizados.

Epílogo da ópera. A tragédia atinge seu clímax. Sparafucile mata Gilda por engano e mete seu cadáver num saco para jogá-lo ao rio. Chega Rigoletto para verificar os resultados da sua obra de vingança. Vendo o tremendo engano cai em desespero.

O duque e Madalena afastam-se tranquilamente às primeiras horas da manhã.

"La donna è mobile". A conhecida ária toma conta do teatro. Dentro em pouco uma tempestade de palmas estruge. Fim do espetáculo.

O pano cai pela última vez. Lentamente o público se vai retirando. O teatro está vazio. Apagaram-se as luzes. É estranho o aspecto daquela sala, que estamos habituados a ver sempre cheia de povo, assim vazia. Parece-nos ainda ouvir os últimos ecos dos aplausos e do murmúrio da multidão.

Entretanto atrás das cortinas, nos bastidores, atinge o auge o movimento. A legião de empregados cruza-se rapidamente, andam de um lado para outro executando os trabalhos mais diversos, sem se atropelarem. Há muito que se habituaram àquela trabalho e agora o fazem quase automaticamente. Ali os deixamos na sua tarefa e tomamos o caminho dos camarins.

Visitantes, pessoas das famílias dos artistas, amigos, os companheiros que nesse dia não tomaram parte no espetáculo. Toda essa gente invade os camarins, felicita, pede retratos e autógrafos aos artistas.

Nos corredores trocam-se impressões. Ouvem-se frases soltas, adjetivos que se encontram no ar:

— "Extraordinário, magnífico, estive num dos seus grandes dias! É um artista completo". Tudo isto misturado ao perfume das mulheres, ao barulho das saias. Rostos afogueados pelo entusiasmo. Na fisionomia dos artistas o cansaço misturava-se à alegria da vitória.

11

"Cortigiani, vil razza dannata!". Rigoletto, desesperado, reclama sua filha na corte. O artista que aparece na foto é o admirável barítono Leonard Warren. Sua figura impressionante, os extraordinários recursos cênicos e a sua voz magnífica fazem-no um grande artista. Não é apenas o barítono, mas o artista completo, que sente e vive o seu papel.





13



12 Intervalo do segundo para o terceiro ato do "Rigoletto". O maestro aproveita para um pequeno descanso. Um cigarro, uma atitude de repouso. Guarnieri passa o lenço pelo rosto, onde a transpiração atesta o esforço despendido durante o espetáculo. Dentro em pouco o pano tornará a subir e ele estará a postos, arcando com a responsabilidade enorme de reger uma orquestra no Municipal.

13 Terminou o espetáculo. Os assistentes já se foram. A sala de espetáculos e o palco estão vazios. Este vazio impressionante dos lugares em que geralmente se comprimem as multidões. Nos bastidores, entretanto, o movimento agora é maior do que antes. Parentes e amigos veem felicitar o artista vitorioso. Vemos o maestro Piergili cumprimentando o soprano Maria Augusta Costa.

Entrámos no camarim do artista patricio Americo Basso. Sentado diante do espelho, já sem barbas, deixara de ser Sparafucile e voltava a ser Americo Basso. Estava agora em mangas de camisa. O rosto ainda sujo da tinta do *maquillage*, estava cercado pelos fãs que lhe pediam retratos autografados.

— Muito atrapalhado? — perguntámos. A pergunta era inútil.

Basso sorriu:

— Que se há de fazer?

Mas evidentemente nos seus olhos não havia nem sombra de aborrecimento. Apenas alegria.

Duas fãs trocavam comentários sobre o baixo, que por sinal, como todos os baixos, é alto e forte.

— Ele é bonitinho, dizia uma delas.

— Bonitinho? Bonitão é o que você devia dizer — protestava a outra.

Deixámo-las naquela discussão sobre o aumentativo ou o diminutivo da adjetivação.

No camarim do soprano Maria Augusta Costa, o maestro Piergili cumprimentava a artista. As outras pessoas afastaram-se um pouco.

Nos corredores, literalmente atravancados de gente, custámos a encontrar a porta do camarim de Leonardo Warren, o Rigoletto. Artistas, cantoras, maestros em profusão trocavam cumprimentos e impressões sobre a noite de gala.

Os corredores estavam vazios também. Os artistas já se tinham ido. Resolvemos sair. Não queríamos afinal encontrar o tal Fantasma da Ópera. E o Municipal, àquela hora, assim vazio, não é muito agradável.

Os últimos espectadores tomavam os bon-

des e os escassos gasogênios. Alguns espalhavam-se, sonolentos, pelos cafés e casas de chá da Cinelândia.

No ano que vem Gilda tornará a ser assassinada. Rigoletto voltará a amaldiçoar os cortesãos.

14

Americo Basso, no seu camarim, depois do espetáculo, é cercado por uma verdadeira legião de fãs que lhe pedem autógrafos e o congratulam pelo êxito da representação. Já em mangas de camisa, depois de ter tirado o *maquillage*, misturam-se na sua fisionomia o cansaço e a alegria. E' preciso atender a todos com um sorriso amável, dar os autógrafos. São os percalços da glória.



O DESFECHO JUDICIAL DO RUMOROSO CASO HUMBERTO DE CAMPOS E A LITERATURA DE ALEM-TÚMULO

A DECISÃO DO JUIZ DA 8.^a VARA CÍVEL CONTRÁRIA À FAMÍLIA DO ESCRITOR MARANHENSE — “COM A MORTE SE EXTINGUEM TODOS OS DIREITOS” — FRAGMENTOS DO LIVRO QUE A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA FARÁ APARECER BREVEMENTE — A PALAVRA DO PROFESSOR CARLOS IMBASSAHY — MAS O ADVOGADO DA FAMÍLIA NÃO CONSIDERA O ASSUNTO ENCERRADO

Os jornais publicaram, em fins da semana passada, a sentença do juiz da 8.^a Vara Cível, dr. João Frederico Mourão Russell, no rumoroso “caso” de que temos tratado. Decidindo a questão, o ilustre magistrado afirmou que a família de Humberto de Campos não tem direito à reclamação inicial do pleito movido contra a Federação Espírita Brasileira, por haver a sua editora divulgado as obras psicografadas por Francisco Candido Xavier, concluindo que... “a presente ação declaratória, tal como está formulada a conclusão inicial, jamais poderia ser julgada improcedente, se fosse admissível. Isto posto: Julgo a suplicante carecedora da ação proposta e a condeno nas custas”.

Ouvido pela reportagem, o patrono da causa por parte dos herdeiros de Humberto de Campos, dr. Milton Barbosa, declarou que a questão prosseguirá, agora, com a apelação que já vem preparando.



Dr. Carlos Imbassahy.

A PALAVRA DO PROF. CARLOS IMBASSAHY

O prof. Carlos Imbassahy, bacharel em Direito, escritor e autor de várias obras literárias espíritas e não espíritas, colaborou com o dr. Miguel Timponi na parte científica da Contestação apresentada pela Federação ao Juiz da 8.^a Vara Cível. É de sua autoria a crônica que se vai ler, feita especialmente para a REVISTA DA SEMANA:

É interessante notar como as mensagens atribuídas a Humberto de Campos, e recebidas pelo moço Xavier, conseguem indignar a uns, perturbar a outros e espantar a muitos.

Dir-se-ia que o fato é impossível, irrealizável, coisa mesmo do outro mundo. Que é do outro mundo, parece; que é insolito, não se duvida; que é inexistente só o supor quem tiver poucas tinturas do assunto.

Da descrença no fenómeno surgem os desafios e até os desafetos, quando a investigação deveria pairar nas altitudes em que são colocados os problemas científicos.

Em toda parte não tem sido assim. Cá e lá... O famoso Dickens faleceu deixando um romance inacabado. Quando um operário americano surgiu com a metade que faltava, dizendo tê-la recebido do espírito

do escritor inglês, houve uma saraivada de doestos. As acusações eram perfeitamente iguais às daqui: — fraude, falsificação, pastiche, não parecia nada, era uma imitação grosseira... A um dos críticos insultadores deram o romance para que ele mostrasse onde acabava o escrito do Dickens vivo e onde começava o do Dickens morto. O céptico duplicou as contumélia, arrasou os ignorantes que acreditavam em semelhantes truques, porém não descobriu a cesura.

Oscar Wilde enviou do Alem varios trabalhos, entre os quais uma comédia. Levada a um empresário este a recusou. Rejubilou a crítica antipsíquica, achando comprovada, naquela recusa, o embuste da peça. Mas o empresário explicou que a deixara de aceitar por ser, precisamente, de Oscar Wilde: era uma técnica antiga, processos desusados. Estava inteiramente fóra da moda.

Por intermédio de uma senhora inglesa, manifestou-se um Espírito, que dizia ter vivido ao tempo dos faraós, e apresentava a linguagem egípcia daquela época remotíssima. Era a esposa de Amenhotep III.

O caso foi estudado pelo dr. Wood, que o apresentou a varios egiptólogos. Pois parecia que o mundo vinha abaixo. Vieram à baila os usualísimos argumentos. A experimentados procurou mostrar-lhes a inópia, declarando como se produzia o fenómeno, apresentando os fatos maravilhosos que presenciava, a decifração de inscrições e textos até então ignorada, as verdades que descobria. — Por fim, convidou os sábios da velha linguagem a verificarem como ele verificou. Ninguém foi verificar coisa nenhuma, e as objurgatorias continuaram. Felizmente os descendentes de Amenhotep não se julgaram ofendidos.

Quando a sra. Piper produzia os chamados casos de identificação, de que aliás estão repletos os anais de psiismo, e recebia os Espíritos, amigos e parentes de visitantes que não conhecia, isto, onde quer que fosse, mandaram os cépticos agentes especiais, com o fim de acompanhá-la ocultamente para ver como a afamada medium obtinha os seus informes.

Nada descobriram, o que não obsteu a que afirmassem, com segurança, que ela conhecia todo o mundo e os antepassados de toda a gente, em todas as cidades. Espíritos é que não podiam ser.

Vemos o caso reproduzido nas manifestações do Chico Xavier. E as duvidas que se apresentam, apesar de facilmente removíveis, reproduzem-se indefinidamente.

Assim, temos visto indagar porque não se recebem outras manifestações artísticas do Além, ou não as recebe o Chico. E tem-se que repetir que a varios mediuns, pelo mundo inteiro, tem chegado, por via mediunica, composições musicais, obras de pintura, trabalhos de arte de varia espécie, e que se o Xavier não as recebe é que só tem a mediunidade literária; que não ha produções científicas porque seriam elas a reprodução do que se encontra nos compendios; que não nos podem ser transmitidas as novidades, nesse terreno, porque tal fato perturbaria a evolução, a qual tem de ser feita á nossa custa, com o nosso esforço, o nosso suor, as nossas lágrimas, o nosso sangue.

Outros, vão para os seus gabinetes e lá ficam enfiados, com os varios autores diante dos olhos, a imitar-lhes o estilo. Depois de grandes lucubrações, longo preparo e muito tempo, aparecem com uns versos, nem sempre impecáveis, e nos dizem: — são assim as mensagens do Chico!

Entre as imitações de um mestre, apresentaram, á *La m i e e* do Guerra, o seguinte:

Tange, ó sino, tange. Quantos sons perdidos Para quem não ouve tendo maus ouvidos “Pois um surdo não pode á igreja ir...”

Não se poderia desejar coisa melhor, como imitação! O fundo e a forma se acolhetam. E como não devia ter ficado satisfeito o Guerra com o estro de que o julgaram digno!

O acdo, considerado admirável reproduzidor de versos, dá-nos este depois de longa meditação, longo estudo e longo tempo. Foi para sua casa, encheu a mesa de livros, e toca a medir versos, a escolher rimas, a sondar estilos, a puxar pela cabeça. E apresenta tais versos e tais coisas como um desmascaramento, enquanto o Chico extrai as mensagens imediatamente, instantaneamente, rapidamente, á vista de todos, diante de numeroso auditorio, em salas espíritas ou salões pu-

blicos, sem parar na escrita, sem emendar, sem voltar atrás... E escreve em prosa, em verso, á maneira dos vários poetas e escritores mortos. E responde a perguntas de que não podia ter a menor ideia. E discorre sobre casos científicos, que lhe são apresentados. E identifica os falecidos. E, certa vez, produziu uma página em inglês, língua que ignora, traçando as linhas de trás para diante, na chamada escrita de espelho, o que nenhum imitador jamais conseguiu fazer.

Todos estes fatos parecem desconhecidos aos oponentes. E quando se fala nêles, vão mudando de conversa.

Tocam, presentemente, as trompas da vitoria, porque o medium se esquivava aos que o buscavam.

Procurado por toda a gente, já não tem um instante de tranquilidade. Já não possui horas de refeições, de trabalho, de repouso, de sono. Nestas condições, nem uma cabeça de pedra resistiria. Pois está fugindo — é o que dizem!

Lemos, num folhetinista, que este já havia provado as artimanhas das mensagens. Por mais que procurassemos, não demos com as provas. Declarou outro que ia ainda provar como eram as mensagens artimanhosas.

E as manhas da arte do Chico consistem nisso: um que já provou e outro que vai provar.

Depois de tudo, o que resta ao Chico é armar-se da paciência com que Brás, o filósofo, entrou sozinho em Atenas.

CARLOS IMBASSAHY.

“OS DOIS HUMBERTOS”

Simultaneamente, foi anunciado que a editora da Federação Espírita Brasileira teria editado um livro de autoria do seu advogado, dr. Miguel Timponi, focalizando o mesmo assunto. Nossa reportagem pôz-se em campo apurando a procedencia da informação. Mui brevemente, aparecerá “O caso Humberto de Campos” — no seu triplice aspecto: Jurídico, Científico, Literário”. Pertence a esse trabalho, o fragmento do ca-

(Continúa na pág. 40)

Miguel Timponi

O CASO Humberto de Campos

NO SEU TRÍPLICE ASPECTO:
JURÍDICO CIENTÍFICO
LITERÁRIO

LIVRARIA EDITORA
DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
AV. PASSOS, 30 - RIO DE JANEIRO



Jockey Club Mundano

NA TARDE DE DOMINGO, NO HIPÓDROMO DA GAVEA, MILHARES DE ELEGANTES AFICIONADAS DO "TURF" SE REUNIRAM NUM DESFILE DE BELEZA E BOM TOM, ENFEITANDO AS TRIBUNAS E A PELOUSE DO MAIS BELO PRADO DO MUNDO, ENQUANTO NA PISTA SE DESENVOLAVAM AS SENSACIONAIS CARREIRAS PROGRAMADAS PARA AQUELE "MEETING".

SÃO DESSA BRILHANTE REUNIÃO OS SUGESTIVOS FLAGRANTES QUE ILUSTRAM ESTA PAGINA.



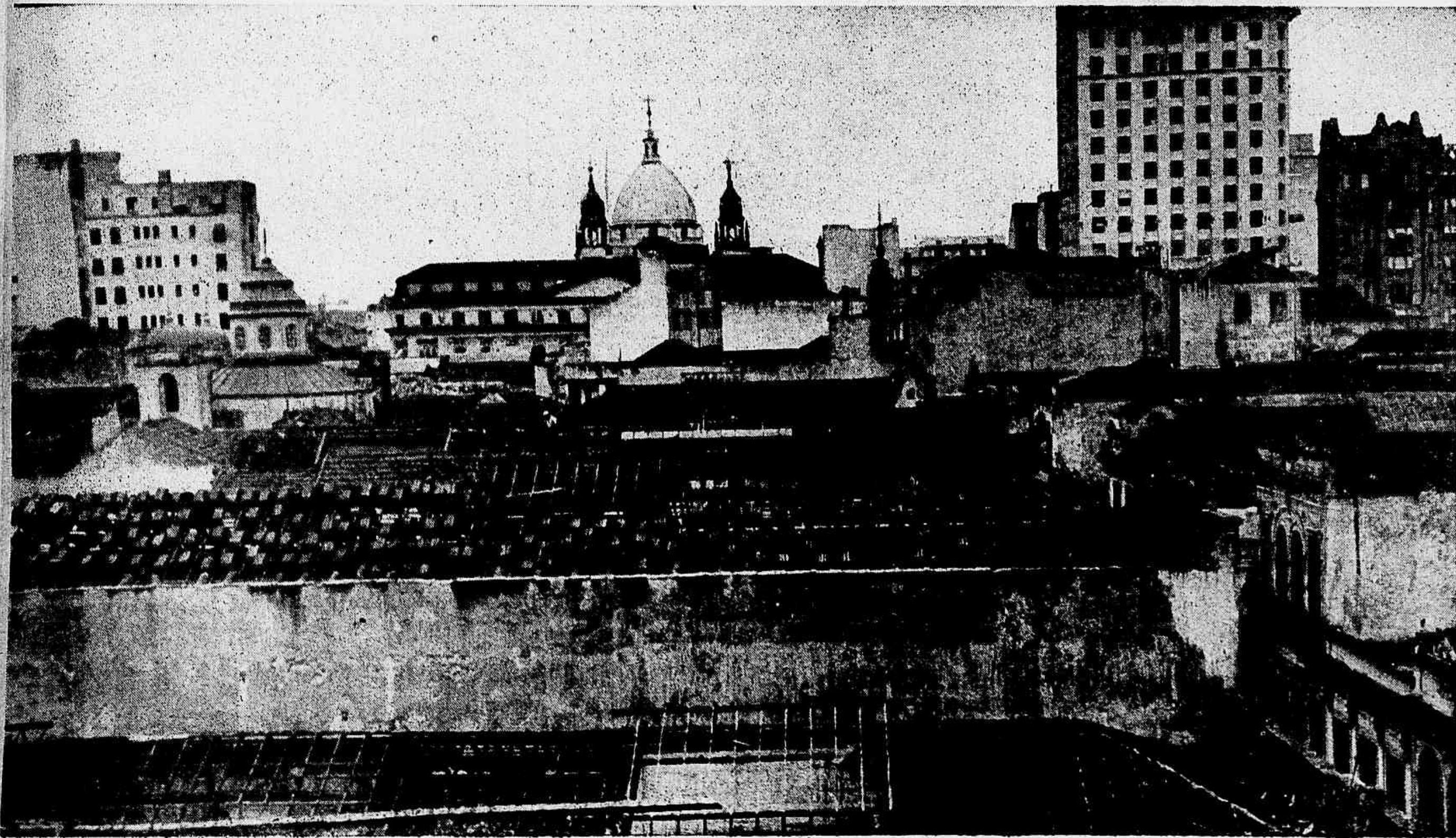
ACONTECEU NO RIO

TELHADOS QUE NÃO EXISTEM MAIS



Dentro de cinco dias a Avenida Presidente Vargas será franqueada ao público na sua maior extensão. O Dia da Independência vai ser comemorado com o desfile das tropas militares na principal artéria da metrópole, e os mais incrédulos, aqueles que muito longe andavam de admitir que tudo ficasse pronto tão rapidamente — o prédio da Prefeitura lá estava ainda há dois meses, si tanto — devem ter ficado de cara á banda. Os trabalhos foram enfrentados com decisão. O Campo de Santana recebeu o corte lateral, em face do Ministério da Guerra, e desde a segunda quinzena de agosto, principalmente á noite, já os automóveis por aí transitavam livremente. Operários, noite e dia, á luz do sol ou das lâmpadas elétricas, davam o seu esforço para que nada ficasse impedindo o desfile dos soldados a 7 de Setembro. E da antiga Praça Onze, junto ao monumento ao Chefe da Nação, que ali vem sendo levantado até muito para lá da rua 1.ª de Março, só existe, neste momento, a igreja da Candelaria, o único dos templos, naquele perímetro, que não será demolido. Estas duas fotos, foram batidas há muitos meses atrás, quando os eternos pessimistas duvidavam da presteza das obras, mostrando-nos telhados e mais telhados que não existem mais. A cruz existia na velha Igreja de Bom Jesus, junto á rua Uruguaiana, e lá do alto distinguíam-se muitos prédios que a Avenida mandou desaparecer. Nesse mesmo local, não tarda muito, hão de levantar-se edifícios monumentais. No outro flagrante, a vista foi tomada ainda da torre do mesmo templo já desaparecido, em direção do Nascente. Todos esses telhados, até á cúpula da Candelaria — a única que ficou — são hoje uma vaga reminiscência do Rio de Janeiro de antes da Avenida Presidente Vargas. Pode vêr-se, á esquerda, a parte alta da igreja de São Pedro, então existente na rua dos Ourives, canto de São Pedro. Depois de prolongadas experiências de congelamento, mal sucedidas ou por demais dispendiosas, também ela não pôde resistir á picareta.

E nessa longa extensão, varrida de ponta a ponta, existe agora a mais ampla e a mais comprida avenida carioca. Para os saudosistas, esses dois instantâneos já adquiriram pronunciado aspecto de reminiscência, capaz de proporcionar-lhes forte dose de emoção. Mas os vindouros, esses conhecerão, naquele mesmo perímetro, uma artéria cheia de vida, pulsando no coração da capital da República, por onde desfilarão, aos milhares, noite e dia, veículos dos mais modernos tipos aerodinâmicos, a serem produzidos no pós-guerra, que já não está tão longe assim... graças a Deus.



A GUERRA EM MARCHA



CONFERENCIAS SOBRE A PAZ

MUITO antes da queda de Hindenburgo, pôvo alemão se comprimia em torno de um homem que vociferava, na Cervejaria de Munich; os olhos brilhantes de ódio, o punho dando sobre a mesa golpes furibundos, espalhando uma doutrina nova e violenta, reclamando direitos e concitando à destruição. Este homem fôra cabo durante a guerra de 1914.

Como os outros alemães cruzou a as fronteiras da sua pátria, cheio de orgulho, confiante na vitória indiscutível do Reich. Via milhares de companheiros seus tombarem no campo de batalha. Via as populações espavoridas enchendo as estradas à procura de um lugar seguro onde pudessem se abrigar com seus filhos. Viu também que muitos deles não chegaram a alcançar esta segurança, pois a morte vinha colar-se no meio do caminho. Viu incêndios, mortes e destruição.

Como os seus companheiros cruzou, mais uma vez, as fronteiras da Alemanha em sentido contrario. Mas em condições bem diferentes. Não marchavam mais orgulhosos e confiantes.

Vinham famintos, andrajosos, exaustos e desiludidos. A "Grande Alemanha" fôra batida. Os sonhos imperialistas de Guilhermo II ruíram como castelos de cartas.

Que faria aquele homem orgulhoso, arrogante, que pensou em conduzir seu pôvo à conquista do mundo e os via miseráveis e derrotados? Saberá manter uma atitude digna?

O Kaiser saiu da Alemanha e foi plantar tulipas na Holanda.

Ninguém poderia prever os resultados daqueles discursos furibundos do ex-cabo. Impossível prever até

que ponto os ouvintes se deixariam levar pelas suas palavras inflamadas, cheias de ódio, clamando vinganças, mortes e alegando direitos.

A "super raça", o "sangue ariano", "espaço vital", o "mal judaico", os "perigos da mestiçagem" e tantas outras ideias depressa se tornariam "slogans", invadiriam aqueles cérebros. Todas essas ideias viriam constituir o corpo de uma doutrina. E como "verba volant" e "scripta manent", foi impresso um livro em que se encontravam reunidas.

Creia o partido e a influencia do antigo cabo. Seu poder tornou-se absoluto. Seu livro: a biblia de milhões de homens. Toda uma geração cresceu sob o império do ódio e da vingança. A Alemanha se convertera num ninho de víboras que em breve iriam despejar o seu veneno sobre o mundo.

As ideologias desvairadas de um unico homem, sua ambição de mando e de conquistas, encontrando terreno propício na mentalidade e no espirito de um pôvo desde a sua origem inclinado às guerras e rapinagens, iriam mergulhar o mundo num banho de sangue.

Cinco anos são decorridos. Milhares de jovens, mulheres e crianças foram sacrificados. Todo um continente

CAÇANDO ATIRADORES NAZISTAS — SOLDADOS AMERICANOS AVANÇANDO PELAS RUAS DE MARIGNY, NO NORTE DA FRANÇA, AFIM DE LIQUIDAR OS ÚLTIMOS FOCOS DE RESISTENCIA NAZISTA. OS ALIADOS JÁ HAVIAM CAPTURADO OU MATADO, NA FRANÇA, MAIS DE QUATROCENTOS MIL SOLDADOS ALEMÃES. E CONTINUAVAM A "LIQUIDAÇÃO FINAL" EM LARGA ESCALA.

está em ruínas. Os monumentos e obras de arte, que representavam séculos de civilização e o patrimonio insubstituível do mundo culto, foram destruídos.

Fazendo uma análise da guerra, das suas causas e das suas origens, poderíamos dizer como na Genese, que no começo era o verbo.

As palavras daquele homem provocaram toda a desgraça que ha cinco anos atormenta todo o mundo.

No período de paz, enquanto as nações livres se entregavam à sua vida normal, nos países totalitários, estava sendo preparada a guerra.

Está se realizando atualmente a Conferencia da Segurança do Após-Guerra. Cordell Hull e Cordogan fazem ouvir as suas vozes, dizendo que a futura organização da paz deverá ser apoiada na força.

A crise por que passou o mundo parece ter extirpado os ultimos vestigios de ingenuidade ou de otimismo excessivos, nos quais se estribaram erroneamente a paz que se seguiu à guerra passada.

O mundo está aprendendo à custa dos sofrimentos.

A muitos parecerá excessivo falar-se tanto em paz quando a guerra ainda não terminou.

Entretanto, nada mais oportuno do que procurar resolver desde já os gravissimos problemas de post guerra, embora ainda se esteja lutando furiósamente pela vitória.

Foi durante a paz que o inimigo preparou a guerra. E' durante a guerra que devemos preparar a paz.





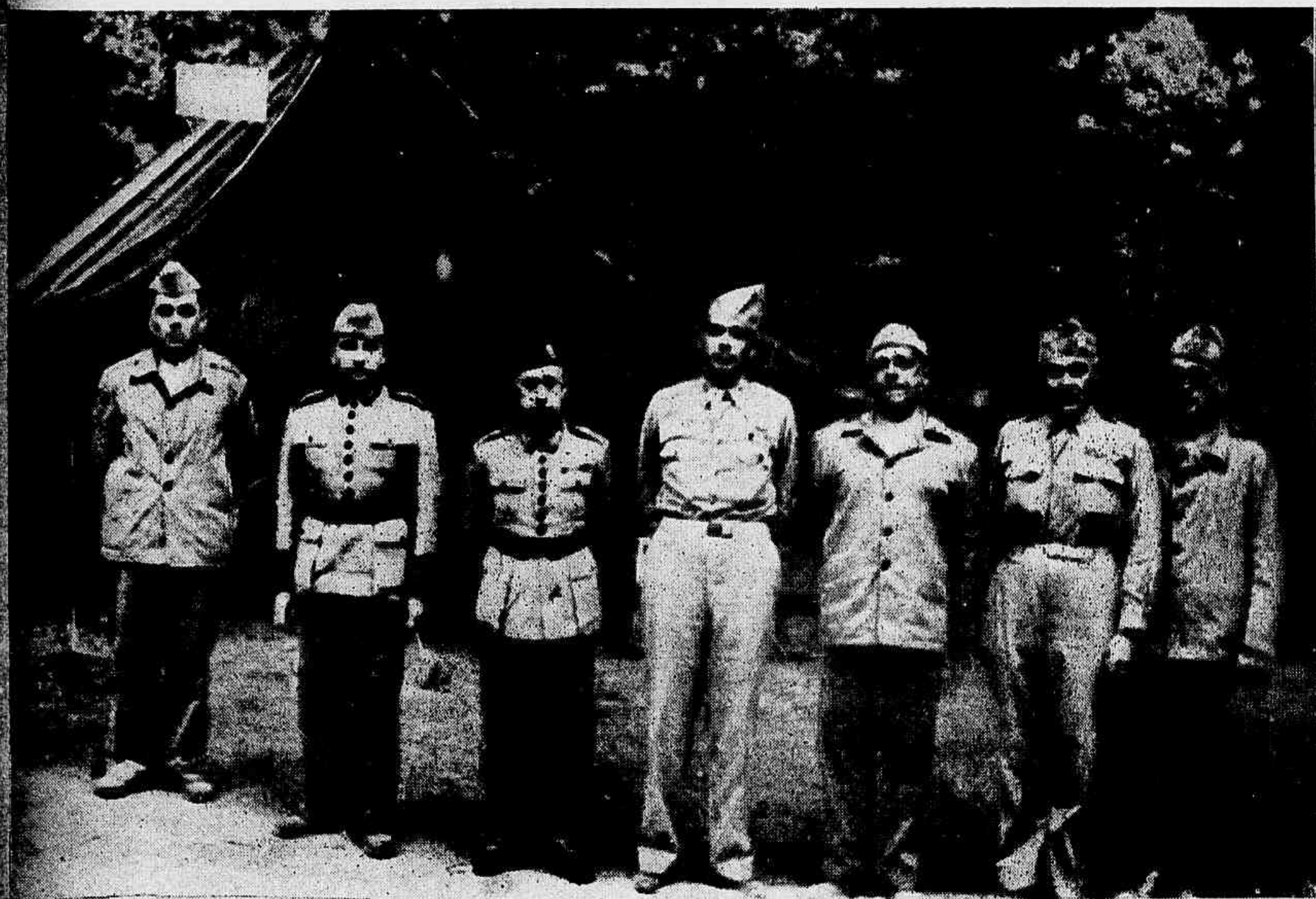
JOVENS FRANCESAS UNIFORMISADAS — AS DUAS JOVENS FRANCESAS, QUE VEMOS ACIMA, NÃO PERDERAM TEMPO EM VESTIR O UNIFORME DAS FORÇAS FRANCÊSAS DO INTERIOR, DEPOIS DA LIBERTAÇÃO DE CAEN, POIS JÁ O HAVIAM ENVERGADO. AUXILIARAM OS REFUGIADOS A ENCONTRAR ABRIGO E ALIMENTOS, FORNECENDO INFORMAÇÕES SOBRE OS PARENTES DESAPARECIDOS. SÃO ESSES OS PRECIOSOS ELEMENTOS QUE TANTO AJUDARAM A ARREBATAR PARIS DO DOMÍNIO NAZISTA.

18

AVANÇANDO NA FRENTE FRANCESA — SEM CESSAR, PROSEGUINDO NA DIREÇÃO DO INTERIOR DA FRANÇA, ESSES COMBATENTES DA INFANTARIA DE TIO SAM REALISARAM IMPORTANTES OPERAÇÕES DE PATRULHA NAS PROXIMIDADES DAS LINHAS ALEMÃS, EM SAINT GERMAIN. O FLAGRANTE DA INTER-AMERICANA FOI BATIDO NESSA OCASIÃO. OS SOLDADOS EXPÕEM-SE A TODA SORTE DE PERIGOS, MAS TEEM SEMPRE LEVADO A MELHOR. E O INIMIGO VAI SENDO EXPULSO EM CURTO ESPAÇO DE TEMPO.



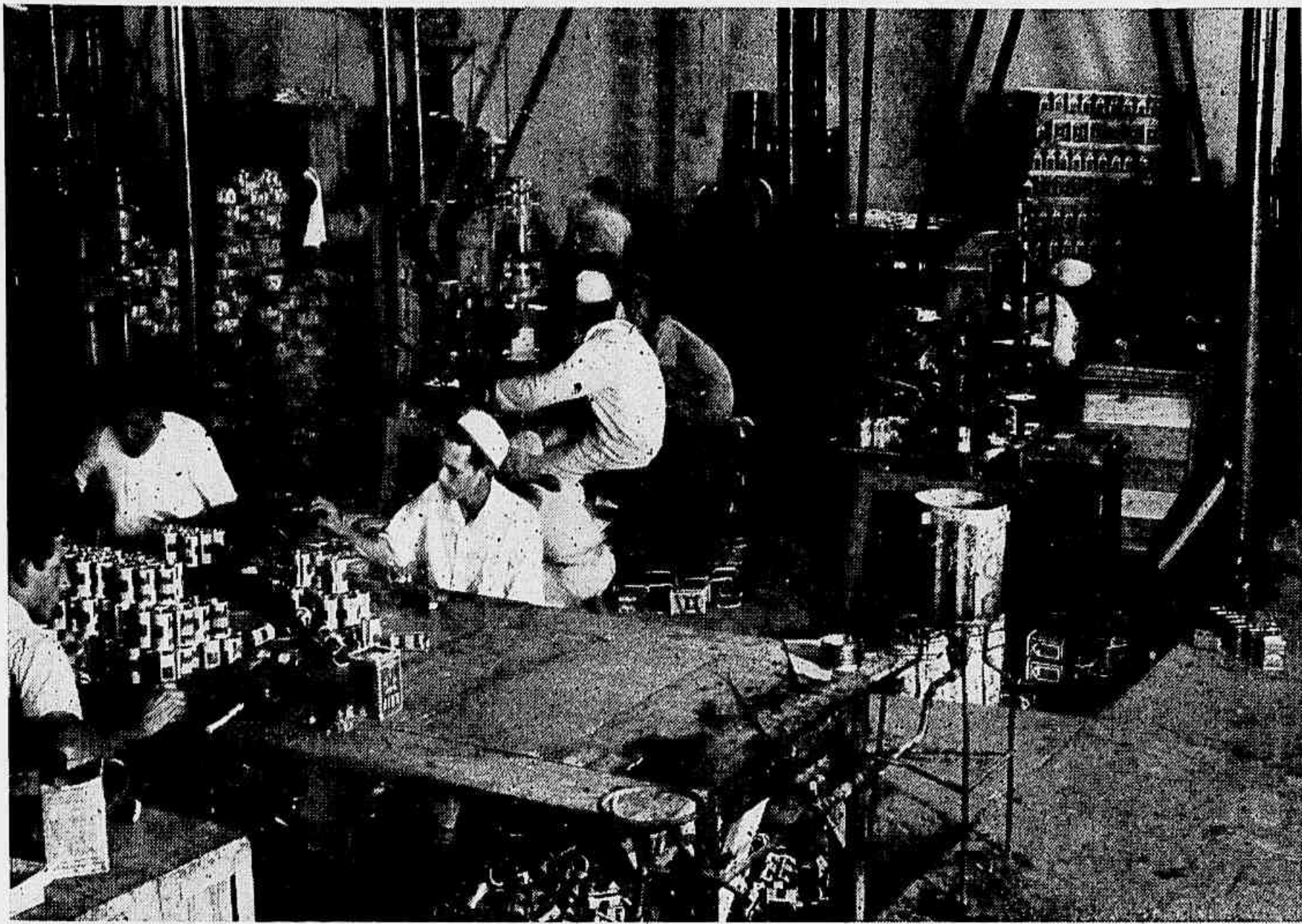
BRASILEIROS NO TERRITORIO ITALIA-
NO RECEBEM A VISITA DE UM GENE-
RAL ALIADO. — ESTE É UM FLAGRANTE DA
AGENCIA NACIONAL, BATIDO NO Q. G. DO GENERAL
MASCARENHAS DE MORAES, EM CERTO PONTO DO
TERRITORIO ITALIANO. S. S. ESTÁ ACOMPANHADO
DE VARIOS OFICIAIS DO SEU ESTADO MAIOR RECE-
BENDO A VISITA E OS CUMPRIMENTOS DE UMA
ALTA PATENTE DO EXERCITO DAS NAÇÕES UNI-
DAS, POR MOTIVO DA CHEGADA DOS NOSSOS
BRAVOS PATRICIOS. EM TODA PARTE ONDE OS
EXPEDICIONÁRIOS BRASILEIROS APARECEM, SÃO
SEMPRE ASSIM RECEBIDOS, AUSPICIOSAMENTE, PE-
LOS SEUS COLEGAS DE OUTROS EXERCITOS.



OS ALIADOS DO BRASIL CONFRATER-
NISAM COM A NOSSA TROPA MILITAR
— OUTRO ASPECTO, BATIDO PELOS FOTOGRAFOS
PATRICIOS, POR OCASIÃO DA VISITA AO QUARTEL
GENERAL DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA,
FEITA POR UM GENERAL ALIADO. ELE ESTÁ LA-
DEADO PELOS GENERAES MASCARENHAS DE MORAES
E ZENOBIO DA COSTA, BEM COMO DE OUTROS
OFICIAIS. JÁ A NOSSA TROPA PISAVA TERRITÓRIO
ITALIANO HAVIA ALGUMAS SEMANAS, QUANDO SE
REALISOU ESSA VISITA. ALTAS PATENTES DE OU-
TROS PAISES AMIGOS TEEM SEMPRE INTERESSE
EM CONHECER OS OFICIAIS E A TROPA DO "VER-
DE-OLIVA". COMO SÃO DISTINGUIDOS OS NOSSOS
DENODADOS PATRICIOS.

LUTANDO OMBRO A OMBRO NOS CAM-
POS DE BATALHA DA EUROPA, BRASI-
LEIROS E OS DEMAIS ALIADOS. — O
ESPIRITO DE CAMARADAGEM QUE ANIMA OS SOL-
DADOS PATRICIOS E OS DE OUTROS EXERCITOS ALIA-
DOS, HOJE EM LUTA ABERTA E IGUAL, NO MESMO
"FRONT", TEM O SEU TESTEMUNHO FRISANTE
NO FLAGRANTE AO LADO, ONDE APARECE O
GENERAL MASCARENHAS DE MORAES E O GENE-
RAL ZENOBIO DA COSTA EM PALESTRA COM OFI-
CIAIS DE UM EXERCITO AMIGO DESTACADO TAMBEM
NAQUELA FRENTE. DIAS DEPOIS, OS NOSSOS COM-
PATRIOTAS SEGUIAM PARA O SEU SETOR DE COM-
BATE ONDE JÁ SE ENCONTRAM.





Durante a recente visita que a nossa reportagem teve ocasião de fazer á vizinha cidade de Caxias, ao ensejo das festas ali realizadas, em comemoração de sua elevação a Município, tivemos ocasião de percorrer demoradamente as instalações da Estamparia Leão S. A.

E, enquanto a nova cidade festejava com intenso jubilo a semana dedicada ao grande soldado do Brasil a quem tomou por patrono, pudemos constatar o crescente progresso da sua industria, através do que nos era dado ver no interior da Estamparia Leão S. A. onde, num ambiente de trabalho e dinamismo, se produz em grande escala embalagens de lata destinada a produtos manufaturados em todo o Território Nacional.

Fundada em 1861, esta grande fábrica, que é a pioneira da industria de latas no Brasil, foi instalada no Distrito Federal, trasladando-se há cerca de dois anos para Caxias, onde tem contribuído desde então para o vertiginoso progresso economico e industrial do novo município.

Produzindo em alta escala laticínios para embalagem, a fábrica serve a um elevado numero de industrias em todo o Brasil, mormente ás empresas de laticínios, óleos vegetais, gorduras alimenticias, concorrendo assim com grande eficiência para a nossa exportação e para o nosso comercio interno.

Para se ter uma ideia do que seja a produção dessa grande empresa, basta dizer que o seu consumo de materia prima acusa a cifra mensal média de 500 caixas de folhas de flandres.

E, graças aos esforços dinamicos e á inteligencia de seus atuais directores, os srs. Dr. Alcides de Castro Neves e Dr. Adil da Silva Vaz, a grande fábrica promete produzir ainda mais nos anos vindouros.

Durante a visita á Estamparia Leão S. A. a nossa reportagem fotografica fixou os tres aspectos que aquí reproduzimos, afim de que os nossos leitores possam ter uma ideia dos grandes trabalhos realizados, dos quais trouxemos a melhor das impressões.



Estamparia LEÃO



Você tem vocação para detective?

CRIME NO OBSERVATORIO



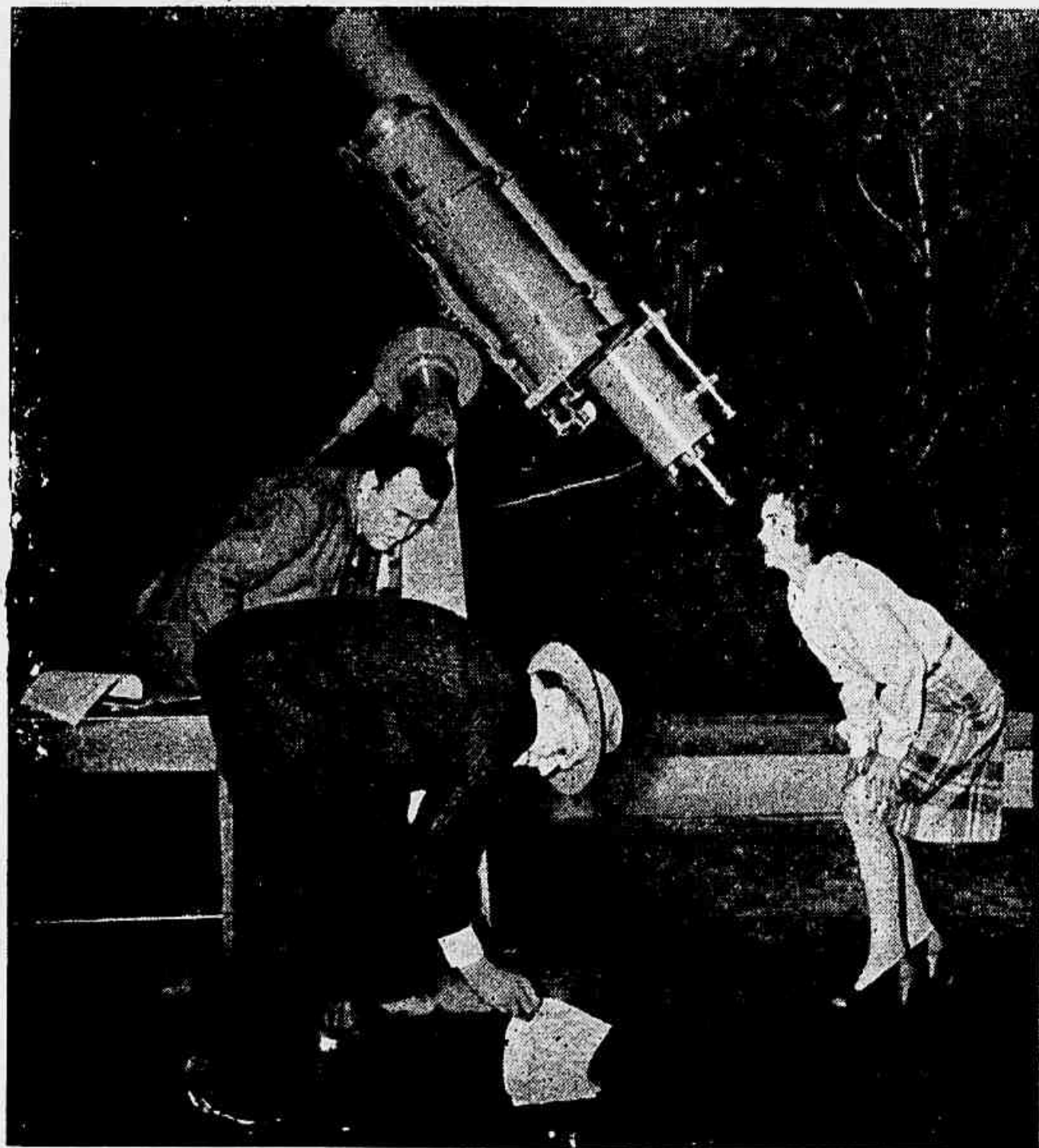
1 "Você o empurrará, ou como puder", preveniu Lil Carter a Jerry March. "Lembre-se de que Steve Jackson pode provar que você trabalhou neste contrato. Uma palavra a Jane..." March trovejou: "Diga a seu chefe que estou pagando a bandalheira". Lil: "É melhor ter tudo pronto em sua casa esta noite às nove horas."



2 Mas March estava firme, embora o escândalo representasse um perigo mortal. Esta noite o inspetor Cobb examinou o corpo de March todo quebrado, em frente à sua casa, encontrou os óculos triturados dentro da caixa, a caneta despedaçada, um manual de astronomia e uma fotografia de Jane Dare, sua rica noiva.



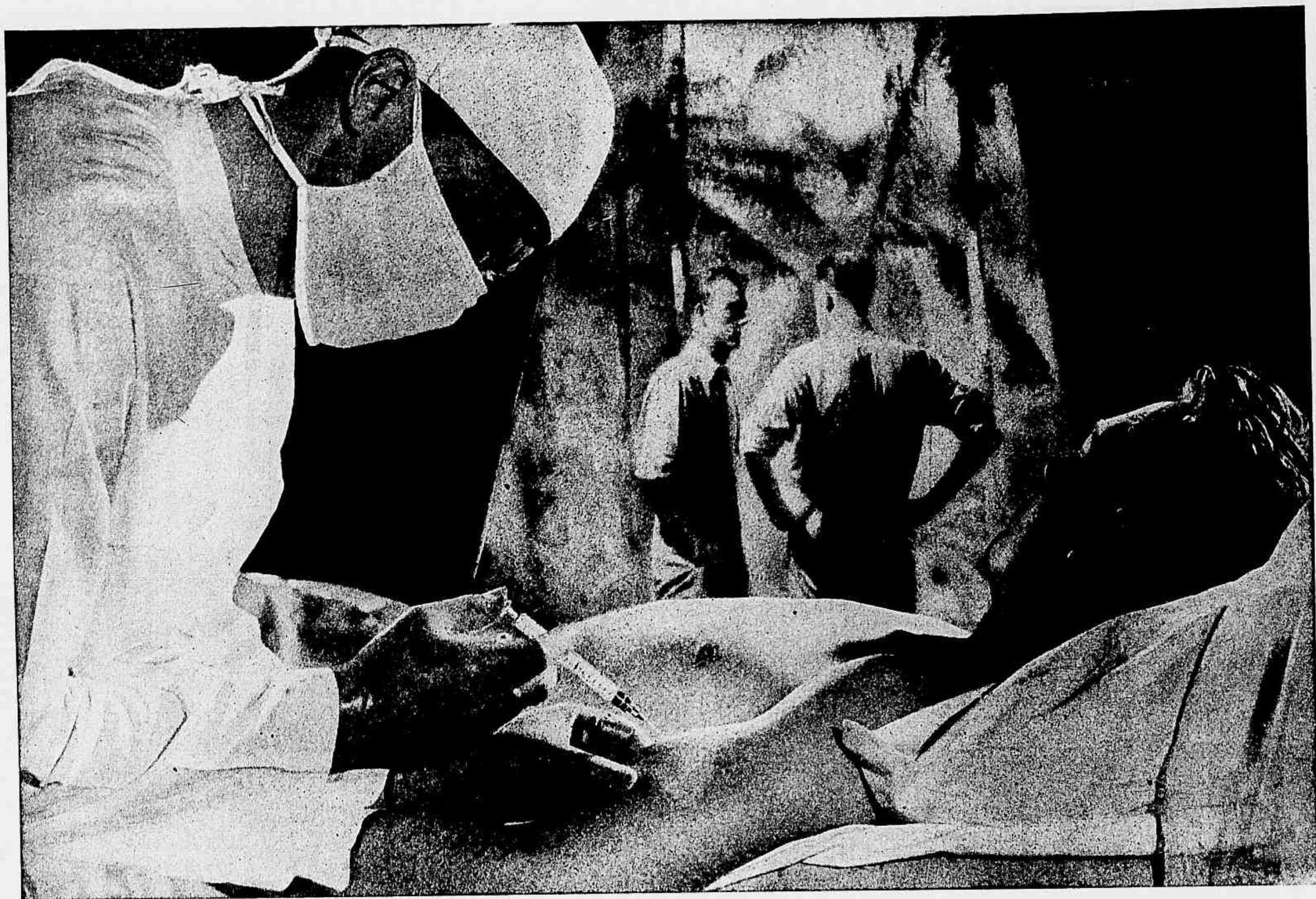
3 Dentro da casa, Cobb surpreendeu Jackson e Lil. "Visitámos Jerry às nove horas", começou a dizer Steve. Ele subiu para fazer algumas observações astronômicas — cerca de 10 minutos antes de seu corpo cair". Cobb, subindo as escadas, abriu o alçapão e chegou ao lado de fora.



4 No telhado estava montado um telescópio; numa mesa, próxima a este, estava um maço de papel. Como Lil estivesse observando pelo telescópio, Jackson disse: "Andando assim às tontas, sem os óculos, não é de admirar que Jerry tenha caído". Cobb apanhou um papel no qual havia um recado de March para Jane. Um parágrafo dizia: "Se você não acredita em mim, não me importa viver. Nunca fui um covarde, mas esta noite tenho pensado seriamente no suicídio".



5 Mais tarde, na sala, Cobb perguntou: "Algum de vocês esteve lá em cima? Alguém mexeu no corpo ou em alguma coisa que não fosse o telefone?" Jack respondeu que não. Cobb: "March estava sozinho?" Jack assentiu. "Estão ambos presos por homicídio" bradou Cobb. Como soube ele que a morte de March não fora acidente nem suicídio? — e que Jackson era culpado? Veja a resposta no próximo número.



GUERRA SEM QUARTEL AO MAIS CRUEL DOS INVASORES!

A humanidade está combatendo hoje, com determinação e êxito, um inimigo com o qual não pode haver nenhuma parlamentação — nenhum armistício. Este inimigo ataca não somente no campo de batalha, como também no lar. O soldado, o operário, a mãe e a criança inocente, todos são igualmente vítimas do seu ataque. Este inimigo chama-se ENFERMIDADE e os seus nomes são muitos — tifo, malária, disenteria, cólera, difteria. A guerra é a sua aliada e a ignorância a sua serva.

Os soldados da ciência estão obtendo grandes vitórias nesta frente de batalha silenciosa. A habilidade, as pesquisas, o aparelhamento moderno de laboratório e métodos aperfeiçoados de tratamento estão salvando vidas sem conta.



Quando comprar um creme dental, um produto vitamínico, um preparado medicinal para a casa ou um soro para o hospital, verifique se traz o Selo da Casa Squibb — um nome de confiança.

Soldados que antes teriam sucumbido às febres e infecções ou teriam morrido em consequência de ferimentos, agora se restabelecem e voltam aos seus postos. E nos lares a saúde é protegida, sendo cada vez menor o índice de mortalidade.

Estreitamente ligado a estes grandes progressos da ciência médica se encontra o nome Squibb. Há mais de 85 anos que esta grande Casa vem se dedicando ao serviço da humanidade e todo produto que traz o seu nome merece inteira confiança — seja um dentífrico, um produto vitamínico, um preparado medicinal para o lar ou um soro ou vacina para o hospital. Quando comprar, veja se o produto tem o Selo da Casa Squibb — pois Squibb é um nome de confiança.

E·R·SQUIBB & SONS, NOVA YORK

QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

O INGREDIENTE DE VALOR INESTIMÁVEL DE TODO PRODUTO É A HONRA E A INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE



Por todos os motivos histórico-familiares, devia ser Camerino. Camerino Natividade Silva. Porque Camerino fora o bisavô, Barão de Santana. Camerino o avô, conselheiro municipal, amigo de Pedro II — e até com uma praça desse nome, aqui em Ouro Velho. Camerino o pai, esse já apenas escrevão substituto da Mesa de Rendas da cidade. Por que então o filho não teria o mesmo nome? Por que? A família da mulher enchia-se de razões: porque — onde se via alguém chamar-se Camerino? E o sogro, purista: "Camerino Natividade... no... na... horrível! E' preciso evitar o cacófono!"

— Cacófono? Mas a culpa é sua, seu Natividade! Se o senhor não tivesse esse nome, percebe? não havia cacófono nenhum...

— Moço: quando o senhor casou com minha filha, sabia perfeitamente o sobrenome dela — o honrado sobrenome que me pertence. Por que diabo vem fazer questão do nome dos seus antepassados e acha o meu ruim?

Não tem razão o senhor Natividade? Carradas, carradas, aprovava a senhora Natividade, já arfando. As discussões alheias — digo "alheias" — deixavam-na exausta. Mas um Camerino, descendente de Camerinos, não se deixa vencer. Retorce os dedos, gesticula:

— Senhor sogro, o filho é meu, entende? Meu! Ele batia com as mãozinhas no peito, irado, carregado de argumentos possessivos.

— Moço (aquele "moço" repleto de desprezível condescendência torturava a personalidade do funcionário): o filho é seu e de minha filha. Vá consultar sua mulher. Entendam-se os dois.

Foram todos para o quarto, onde Maria Angela ainda se estorcía no leito, bela e dolorosa. Entender-se...

— Não, Camerino, não.

— Mas filhinha...

— Camerino não, já disse!

— Mas por que?

— Por que? Porque não quero. Não gosto desse nome.

— Quando você se casou comigo, bem que gostava. — E... Mas não era a mesma coisa.

Pobre Camerino! Isto, precisamente isto, é que ele sentia, num desalento torturante; que não era a mesma coisa. Sim, Maria Angela ali estava, a mesma que levava à igreja, ao registro, sorridente, aureolada de flores de laranjeira, olhos baixos, trêmula, tremula... Fazia já seis anos. No fim dos quais, um amor, por mais

amor que seja, é sempre apenas a memória de um amor. Agora, Maria Angela não baixa as pálpebras, nem chora num doce pudor feminino. Ao contrário, usa uma voz despótica e breve.

— Camerino!

E ele, no gozo de uma opinião, na afoiteza de lançar uma pilhéria, atirar no ar um balãozinho colorido de inteligência — esfria, murcha ante aquele jato imperativo. Já não era a mesma coisa: havia na sua domesticidade um sabor de vida falhada, que ele fugia de confessar para si mesmo, mas cuja realidade lhe despontava na consciência, no coração, e vinha substituir o antigo Camerino, alegre, feliz, por um outro, silencioso, humilde e derreado.

Vida injusta! Então não viam tudo que ele trouxera para Maria Angela? A casa melhor, limpa, generosa, fresca; para uma outra situação na sociedade, para ela, que não passava de filha de um ex-contínuo com manias de gramática; a mesa, trivial, mas sempre mais bem guardada do que nos dias de solteira... E quem pagava tudo, falando fogo claro? Ele, Camerino Silva, neto do Barão de Santana, pipocas! Não queria gabar-se, não. Não era vaidoso. Mas, quando moço, muita menina de Ouro Velho lhe deitou olhar lânguido. Escolhera, entre todas, aquela... e agora...

— Meu caro rapaz (a voz protetoral do sogro) o que os nossos ci se hos. Vá registrar seu f h e m o nome que sua mulher escolheu. Ponha Artur. E' um nome bonito, e o garoto há de o tornar conhecido em todo o Brasil.

Artur. Não faltava mais nada? Não era aquele o nome de um antigo namorado de Maria Angela? Por que, por que fazer isto? Atirar-lhe assim, no seu rosto de pai, o nome de um outro que a amara antes? Nem ao menos p.d.a dizer para o sogro: "Artur é que não! Acabemos com bobagens!" Sim, todos achavam graça naquele ciúme — ninguém estava disposto a prestar atenção ao seu sofrimento.

— Artur?, seu Natividade? Artur?

Pracurou, com olhos suplices, os olhos da mulher. Que alheamento, santo Deus, que absoluta indiferença... Não compreendia? Não via que ele tinha os olhos cheios de lágrimas, lágrimas ante a injúria, ante o pouco caso...

— Maria Angela...

A sogra... Onde estava a sogra? Talvez lhe valesse... Olhou-a também... Pra que? Ela não tinha lembrado que o menino se chamasse Tyrone? Como então lhe

valeria? Estava perdido, totalmente abandonado, desgraçado, exotado...

O filho, junto da mulher, era apenas uma pequenina massa de carnes arroxeadas, envoltas em rendas e lãs. Bem que podia chamar-se Camerino, como o avô, como ele... Não: Artur. As mãozinhas de Artur (Artur ou Camerino?), pequeninas e gordas, tinham unhas minúsculas e dedos apertados de encontro às palmas. Devia poder perguntar-lhe: "Como queres que te chamem, meu filho?" Então o bebê responderia: "Camerino". Mas como se tudo ao redor já fôsse estabelecido, deliberado, aprovado, a sogra inclinou-se para o leito, apanhou a chupeta, roçou-a nos lábios da criança, numa momicé:

— Tuzinho! Tuzinho! Olha pra vovó, neguinho...

Camerino apanhou o chapéu, deixou escapar um magro "tá bem" resignado, e saiu. Na rua, as lágrimas secaram. Apenas filosofava... Se fôsse arrependimento... Mas era demais, era um remorso de ter casado, um remorso do crime da sua covardia, raiva de si mesmo, raiva dos outros. A vida, a bela vida livre, sem limitações e sem obstáculos, estava morta. Não podia ter mais a ventura de fazer o que as pessoas sensatas e quietas

(Continúa na pág. 44)

GUILHERME FIGUEIREDO

CAMERINO

Ilustração de
ARCINDO MADEIRA

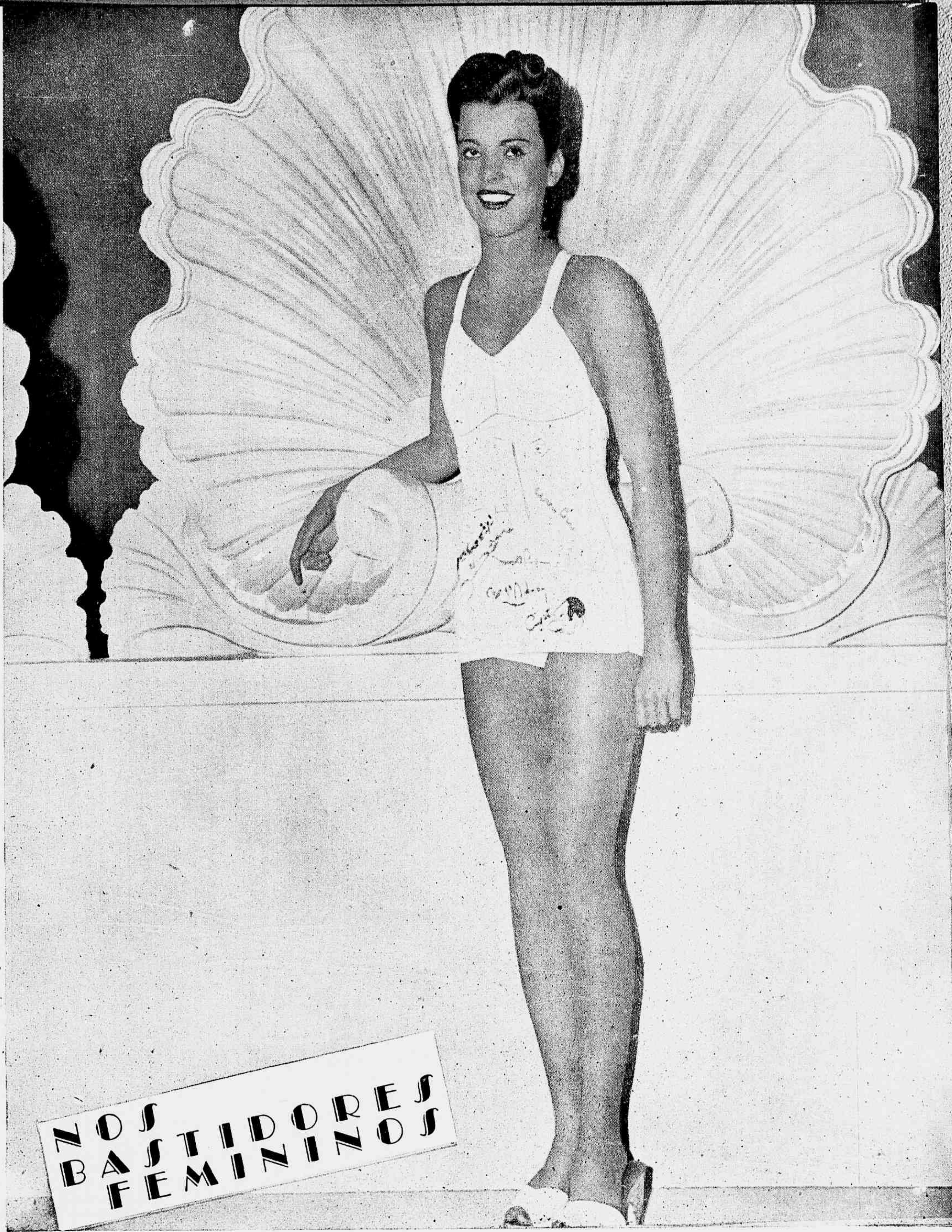
CINEMA

Os "studios" da Cinédia estão voltando á atividade, preparando uma nova fase de produção. Depois de longo intervalo durante o qual foi intensificada apenas a confecção de filmes de longa metragem ali vem se preparando "Corações sem Piloto", título de uma historia romantica em cujo desempenho vamos encontrar alguns conhecidos artistas de teatro e de rádio. São desse filme as três fotos que ilustram esta página, a saber: Ao alto, Luiz Tito, cuja atuação na temporada oficial de Dulcina, este ano, no Municipal, o fêz credôr das melhores referencias por parte da crítica e do publico — em companhia de Aimée, joven "estrêla" do nosso teatro, que foi também a primeira figura da temporada de Juraci Camargo. Em baixo, á esquerda, novamente Luiz Tito, em uma cena jogada com o outro protagonista, feminino — Antonieta Matos. E finalmente, á direita, Afonso Stuart conhecido cômico da Companhia Eva Todor, e Nelma Costa, do elenco de Jaime Costa. Com esses e outros elementos avulsos, é que se está processando a filmagem de "Corações sem Piloto", cuja estréia deve dar-se ainda no transcurso do segundo semestre de 1944. Mas sabe-se que os mesmos studios preparam outras realizações de longa metragem.

De resto, parece que vamos ter um fim-de-ano movimentado no setor da cinematografia indigena. Enquanto Carmen Santos, apesar do incêndio que destruiu parte dos studios da Brasil Vita Filmes, na Tijuca, insiste em anunciar a proxima estréia de "Inconfidencia Mineira", por sua vêz a Atlântida, cujo contingente de películas em longa metragem é dos mais apreciaveis de dois anos a esta parte, conclue "Romance de um mordedor", com Mesquitinha, e inicia, simultaneamente, dois outros filmes, acreditando-se que até janeiro ou fevereiro de 45 todos estejam sendo exibidos no Rio e nos Estados.

Em face das dificuldades muito naturais que atravessam os produtores cinematográficos brasileiros, não deixa de ser animadora essa perspectiva. E praza aos céus que tudo se converta em realidade completa, saindo da esfera dos promettimentos.





NOS BASTIDORES FEMININOS

BARBARA BREWER — DA METRO.

Anfitrite, emergindo por entre maréas de espuma ou de dentro de uma concha nacrada, símbolo de uma beleza perene, que serve de inspiração à arte, e põe laivos luminosos sobre tudo quanto na terra é vulgaridade e prosaísmo, deixou de ser, para os contemporâneos, apenas esse símbolo de uma mitologia sem par, para viver e palpar plasmada nas formas sadias, elásticas e rítmicas da mulher moderna.

A primavera está nos humbraes, pronta a explodir em perfumes, em luz amena e na policromia das flores, e atrás dela, como um deus ardente, preso aos seus amavios, vem overão, o pletórico verão das terras tropicais, espandando luz e calor um hálito de bochorno. E com a sua chegada nós veremos nas praias douradas e nas ondas inquietas surgir anfitrite rediviva para o encanto dos dias vestidos de luto, miséria, pranto e dor. Por um momento fugaz embora, a bela visão de anfitrite emergindo das ondas nos dará o claro e fecundo sinal de vida, sinal da continuação perpetua da vida e da beleza, da emoção ela-

vada, da arte que um Deus poeta, pintor e oleiro esculpiu no barro, coloriu de vida e insuflou uma alma lírica para imortalizar a espécie e dar-lhe um destino mais alto e mais nobre. Mas o homem na sua marcha protérvica e destruidora torceu esse destino, para criar com volúpia satânica os entes teratológicos, seres deformados pela guerra, monstros sem braços, sem pernas, sem olhos, tortos e convulsos interiormente. Nem mesmo a mulher — anfitrite — foi poupada pela iconoclastia barbaresca. Fôge a todo sentimento de humanidade e de beleza o pensamento atrás da guerra; mas também, mais uma vez, ela vem advertir a mulher, procreadora e educadora do homem, que ela mulher tem fugido ao seu verdadeiro destino de pacificadora; ela, a guerra, vem dizer mais uma vez, dolorosamente, tragicamente, que o homem pacifista não se cria nas universidades, cria-se no berço e no lar.

WALLY



UM BONITO COSTUME PARA FIM DE ESTAÇÃO — Ann Sheridan sabe acumular as funções de interprete favorita do publico, atriz de incontestaveis recursos dramaticos, ás de modelo de requintada elegancia. Vejam este encantador costume, proprio para fim de estação, saia e "bolero" em tecido escuro, de linhas simples; este sobre uma blusa de fazenda estampada. Como sempre, o penteado da "estrela" amolda-se ao figurino, sendo o chapéu uma simples *toque* no alto da cabeça. Pode ser usado com luvas de camurça.



PARA A TEMPORADA LIRICA — Agora que o Municipal vive suas noites gloriosas com a estação oficial, não é nada inoportuno este modelo oferecido por Dolores Moran, confeccionado em lamé prateado ou dourado, sem alças e com a saia bastante longa. A capa, em tulle, preto ou em tom escuro, é presa ao pescoço por uma fita discreta, e dois "clips" de pedras, á qual se sobrepõe esse bonito colar. Tanto as pulseiras como o colar devem combinar com o tom prateado ou dourado do vestido, para realce do conjunto.

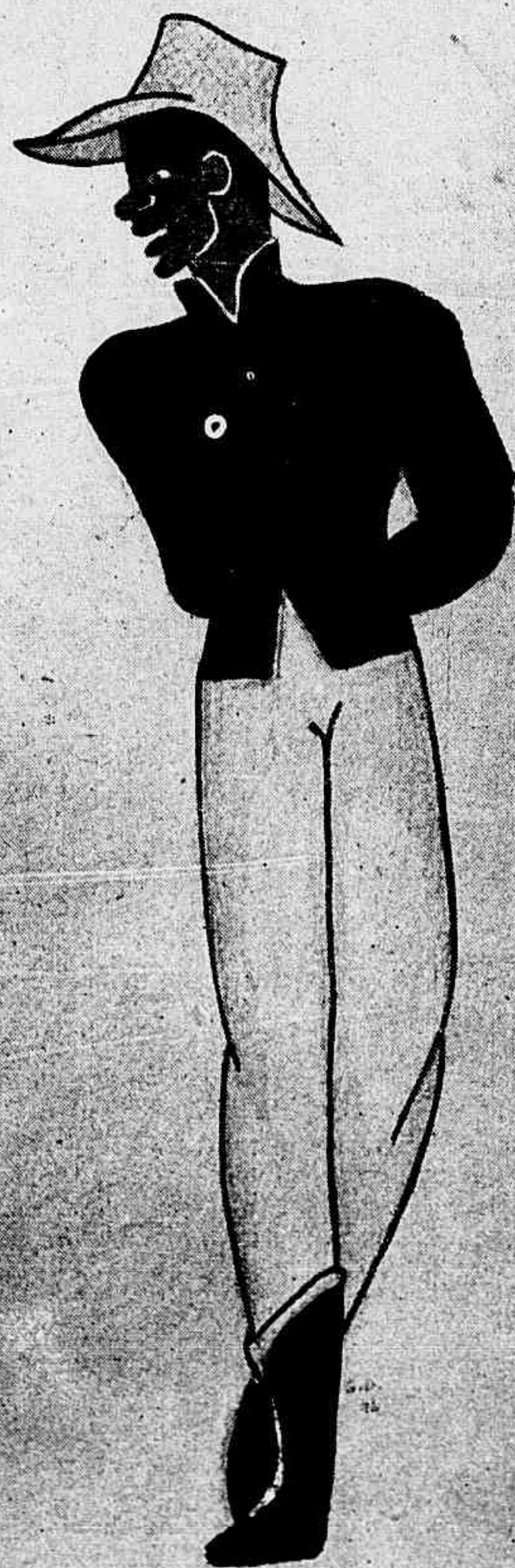


PARA JANTAR — Os decotes estão voltando. Parece que sim. Devem, porem, manter-se discretos, na proporção do busto da pessoa que usar esse modelo oferecido por Eleanor Parker. Talhado em tecido verde-garrafa, ou azul-turquesa, resulta de grande efeito. No ombro direito, uma orquídea cuja tonalidade precisa combinar com o conjunto, observação que também se estende ao sapato, de preferencia confeccionado de tecido igual ao vestido. Saia ampla, mangas compridas e absoluta simplicidade no tálhe em geral.



CONJUNTO - "TOILETTE". — Novamente Ann Sheridan, a modelo-favorita da Warner, a quem devemos dois dâses esplendidos figurinos. Agora, num "conjunto-toilette" realmente esplendido. A saia, com um apanhado lateral em escuro. A blusa clara é originalmente abotoada num unico botão, com estampados na cor da saia. Laço de real efeito, na cintura. Gola singela ao alto. E, como sempre, o sorriso maravilhoso da artista, imprimindo ao conjunto um ar de requintada elegancia sem quebra da simplicidade.

OS MODELOS DA SEMANA



O centenário de Joaquim Manuel de Macedo vem de ser comemorado pelo Teatro Nacional de maneira a mais feliz, com o aproveitamento do seu famoso romance "A Moreninha", levado para o palco pelo escritor Miroel Silveira. Na noite de 2/3 de agosto, precisamente às vinte e uma horas, abria-se o velário do Teatro Phoenix para o aparecimento de Paschoal Carlos Magno, a quem fôra dada a honrosa incumbência de dizer algumas palavras sobre o autor e a sua obra. A platéia, repleta, ouviu com interesse e entusiasmo a ligeira palestra do escritor e diplomata, figura das mais autorizadas no caso, desde que a Paschoal, na condição de grande animador do Teatro do Estudante, deve-se realmente um dos pontos-de-referência para essa fase nova e tão auspiciosa por que está atravessando a cena dramática em nosso país. E, logo após, dava-se início à representação de "A Moreninha", um episódio romântico leve, ingenuo, repassado de sentimentalismo e emoção, desenvolvido em três atos e cinco quadros. Miroel Silveira arcou com a responsabilidade, não pequena, de adaptar ao teatro um romance famoso mas, talvez, sem o interesse de intriga e de situações habitualmente exigidas para a preparação de um espetáculo á moda moderna. Por isso mesmo, seu trabalho acusou um alto mérito, o de não perder o cunho genuinamente romântico e tipicamente brasileiro que o autor imprimira ao original em livro, tudo valorizado, naturalmente, com uma encenação a caráter e um guarda-roupa não menos fiél á época. Os cenários deveram-se a João Maria dos Santos, em numero de dois, sendo que um dêles reproduz um detalhe da Pedra da Moreninha, em Paquetá, onde a tradição estabeleceu que se teria desenvolvido o romance de Carolina e Augusto. Já a crítica se desincumbiu da tarefa de analisar a peça, a montagem e a interpretação, nesta ultima sobressaindo a participação de Bibi Ferreira, que se confirmou, ponto por ponto, essa magnífica realidade do nosso teatro de declamação — e ainda um novo: Paulo Porto. Trata-se de um jovem rádio-ator do "broadcasting" carioca, até agora contratado da Rádio Tupi, onde o fôram buscar os espíritos moços e empreendedores a quem está confiada a temporada do Phoenix. E nestas páginas oferecemos aos leitores a reprodução de alguns dos interessantes figurinos de Gustavo Doria, confeccionados por Laura Motta, com a assistência de Osvaldo Motta, figurinos que constituíram, inegavelmente, um dos grandes atributos do agrado desse bonito espetáculo. São tipos do Rio de Janeiro de ha um século passado, contemporâneos dos heróis de Macedo, cujas indumentárias se especializavam pelas linhas clássicas do tempo, em estilo rigorosamente obedecido no palco. Desde as saias-balão de Carolina, Joanninha e Quinquinha, até a roupa simples mas vistosa dos negros Tobias e Rafael, passando por tantos outros modelos bizarros para os nossos dias, em que iam surgindo, em cena, o romântico Augusto, o estouvado Felipe e o glutão Fabricio, todas as figuras nos fazem lembrar as páginas cheias de encanto e poesia do romance que já nossos avós

N O S T E M P O S D A M O R E N I N H A . . .



se deliciavam em lêr e relêr. As sequências da ingenua trama romântica transcorrem, parte em casa de dona Ana, "em certa ilha", que outra não é sinão a de Paquetá e parte na Pedra da Moreninha, durante cinco domingos seguintes. Por espaço de duas horas, nosso espírito recua na ação do tempo,

vivendo o "ambiente" daquela gente tão feliz, tão despida de preocupações e longe, tão longe das realidades trágicas da hora presente... Depois, cerra-se a cortina pela derradeira vez — e a gente sai, saudosa, lamentando que tudo terminasse tão depressa, pensando na "fila" do ônibus para regressar

a casa e tomando conhecimento, pelas "manchettes" dos jornais, das ultimas ocorrências de uma guerra que os nossos avós tiveram a dita de ignorar, para seu proprio bem... Mas as recordações de "A Moreninha", de Macêdo, e do trabalho de Bibi Ferreira — essas, não se apagam tão cedo.



ADAPTAÇÃO DE UMA NOVELA DE
C. S. FORESTER

No plano que ele elaborara para ser executado havia uma falha, uma circunstância que ele não previra e que acarretou o fracasso.

CONVERSA

ERA UM PLANO PERFEITO. Não havia falhas. Tudo fora previsto. A execução, muito simples, implicava um mínimo de risco e um máximo de eficiência. Porém, ainda àquela hora, não passava de um plano, de um projeto. As circunstâncias, conforme as imaginamos, por mais preciso que seja o nosso raciocínio, nem sempre, na realidade, correspondem ao que esperávamos. Assim, si de fato ele pesara prós e contras, si sabia perfeitamente que não havia elemento algum que pudesse perturbar a ordem dos seus projetos, si era verdade que até contratempos devidos à atmosfera ele tomara em consideração, baseando-se, aliás, em condições atmosféricas especiais; si, na verdade, pensara em tudo isto, escapara-lhe um pormenor ou, para ser mais preciso, escapara-lhe o imprevisível, o elemento incalculável e que, no momento do triunfo, arrebatara-lhe das mãos a vitória, mal deixando tempo para que ele voltasse a si da surpresa, ante o esborçar e o desaparecimento, como que por milagre, de tudo aquilo que previra.

O trabalho de horas e horas de cálculo, de raciocínio, de cuidadoso manusear de certos livros, tudo isso ver-se-ia impotente ante a fúria dos elementos, no momento da vitória final.

Hoje ele não está mais entre nós. Contemos, pois, a sua história, e que ela sirva de exemplo a outros imprudentes.

Começou tudo naquela noite, ao pé do fogo crepitante, em casa dele. Slade era advogado. Convidara para jantar em sua companhia o velho dr. Matthews, que imediatamente acedera, antegozando já um bom jantar. As refeições na casa de Slade tinham fama de excelentes. Por isso o guloso médico aceitara.

Depois de saborearem, sem se apressar, um bom pato, prato da predileção do escultor, comendo já sem vontade a sobremesa, foram para a biblioteca, sentando-se ao pé do fogo, onde, entre entagações discretamente escondidas, o doutor pôs-se a dissertar sobre crimes e criminosos com a segurança e a determinação dos filósofos bem nutridos.

— Pois é como eu lhe digo, meu caro Slade. Absolutamente impraticável...

— Eu, por princípio, não nego nunca a possibilidade de uma coisa ocorrer...

— Mas é incrível que isso...

— Coisas mais surpreendentes do que isso já ocorreram... E acresce que há dificuldade na verificação da veracidade das teorias...

— Como assim?

— Ora, o senhor defende que é impossível haver um crime perfeito. Pois muito bem: si o crime for perfeito, ninguém saberá nunca que foi cometido; logo, não podemos sustentar uma ou outra tese sem esbarrar, de saída, com o obstáculo intransponível da falta de provas... O senhor não é advogado, porém sem dúvida sabe que a ausência de provas absolve o réu; nesse caso, o que sustenta a tese contrária; e, para ser mais preciso, eu... O senhor argumenta com a existência de crimes descobertos... Eu argumento com a existência de crimes secretos e nunca descobertos... Quantos cadáveres repusam hoje no nosso cemitério, sem que suspeitemos sequer que, longe de serem fruto de morte natural, conforme pensávamos, constituem homicídios legítimos e crimes perfeitos porque nunca se suspeitou que fossem crimes...

— Não é atoa que você tem fama de bom advogado. Porém, meu jovem amigo, os seus solismas não me convencem...

— Perdão, eu não estou sofismando... Meu raciocínio é claro e lógico...

— Desconfio muito dos raciocínios claros e lógicos quando partem de advogados de grande inteligência como a sua...

— Ninguém, como o senhor, dr. Matthews, sabe vencer um adversário com uma lisonja oportuna. Porém, para mim, isso não basta. Não é suficiente afastar a questão para um outro terreno mais pessoal. Fiquemos nas teses. O senhor...

— Eu digo, meu jovem, que não pode haver crime perfeito e cito uma razão lógica, clara, tão simples e tão clara quanto os seus famosos raciocínios...

— Ouçamo-la, pois, e com a atenção que um ponto esclarecedor do debate merece...

— Pois bem. A razão muito simples é esta... Si o criminoso deixa de lado o veneno, perde a única possibilidade de fazer passar o crime por morte natural... E, usando veneno, o criminoso tem, necessariamente, que obtê-lo. Para isso expõe-se e, durante uma investigação, à primeira suspeita, está preso, julgado e executado pelo seu crime. E, além do mais, o médico, por mais imbecil que seja, não pode deixar de suspeitar...

— Discordo. O senhor não está levando em consideração as exceções e é de exceções que tratamos. Há mé-

(Continua na pag. 44)

UM CRIME PERFEITO



DE BOM HUMOR

— Muitas vezes é pior. Todos têm o habito de marcar encontro "debaixo do relógio".



— Essa empregada sempre que sai leva uns volumes suspeitos, mas não temos coragem de interpela-la.

— E' melhor ir deixando cair tudo o que temos para distrai-los. Dizem que esses americanos são grandes apreciadores de lembranças.



O encanto das cidades, mormente para o turista, reside no seu pitoresco, não na uniformidade monótona de edifícios e ruas. Aquele encanto o manifestam até denominações curiosas de logradouros públicos, denominações conservadas ou de tradição. Bem fundamentam sobretudo as ultimas os documentos do Arquivo Municipal, em certo tempo dirigido por um tradicionalista qual Mello Moraes Filho.

No zelo dos tesouros da preciosa repartição continuaram a obra de Mello Moraes dous desvelados resguardadores do passado edil carioca. Estão nomeados Noronha Santos e Restier Gonçalves. Resta ao Arquivo Municipal lograr edificio proprio, separado, defendido de fogo, onde quem queira saber como o Rio de Janeiro nasceu, cresceu, evoluiu obtenha, para conhecimento ou estudo, a mais segura documentação.

Os manuscritos, os livros do Arquivo Municipal secundando a tradição oral de natureza evanescente, mostrarão ao perquiridor do passado o Rio de Janeiro desde dias coloniais oferecendo muitas particularidades.

O Rio de Janeiro primitivo foi nemoroso. Desflorestaram--o aos poucos o aumento da população, a consequente necessidade de construir. Sem mais vegetação virgem ou densa, o Rio de Janeiro passou a cidade de chacaras e jardins, estes logo lembrando flôres como os pomares as frutas.

lhes as curvas precavidamente traçadas pela engenharia da natureza.

Assim ela quebra ou evita as furias das ressacas, ás vezes de dias e dias antes do mar chegar ás bôas.

Bem o sabe a praia do Flamengo. Do Flamengo por que? Do Inglês ha um morro no Cosme Velho, mas se tem a explicação do nome da eminência habitada por três britânicos: Chamberlain, Young e Brittain. Do Inglês e não dos Ingêleses. Por que? O povo só se lembrou de Jorge Brittain, preferindo singular a plural.

Os morros não valem apenas por sua utilidade pacifica, na guerra: valem por fortificação natural. Por esse lado o Rio de Janeiro é cidade bem defendida. Da lista dos seus morros sejam por enquanto abatidos dous postos ao chão: o do Senado e o do Castelo. Neste a imaginação de muitos creava tesouros, os ocultos por jesuitas ás perseguições de Pombal. Arrasado o morro, os supositoros de riquezas acharam-se em presença só de terra desmoronada, entulho, montões de calça, pedras soltas. Onde os doze apóstolos de ouro massiço, com olhos de brilhantes e em tamanho natural? Tudo sonho de imaginações cupidas ou vadias.

Tesouros ninguém os procurou no morro do Senado, posto abaixo bem antes do Castelo. A principio de Pedro Dias, o morro do Senado, em epoca proxima de nós, era deshabitado, em nota singular no centro urbano. O morro conhecia só população de criança

CURIOSIDADES CARIOCAS

maior da lingua portugêsa suspirou saudades ao sublimar patria.

Alôra as das suas grandes inundações, o Rio de Janeiro conta quatro lagoas principais, uma, a mais vista e citada, a Rodrigo de Freitas, primitivamente Lagoa das Raizes Chatas.

A Rodrigo de Freitas, dando espaço a regatas, é sitio risonho de anuncio ao ainda florestal da Gavea. Na lagoa existio um saco chamado das Catacumbas, em 1851, quando as igrejas e conventos, já iam deixar de ser necropoles.

O povo é aleunhador da primeira ordem. Chamou e chama Papa-Couve a zona de Catumbi entre as ruas dos Coqueiros e de Itapiru'. Como se não bastasse trata o lugar de zona do Agrião, nela o cultivo das duas crueiferas muito avantajado para abastecimento do Mercado Velho, o da praia do Peixe.

Denominado pitorescamante, o Rio de Janeiro conheceu o beco da Caçoadá, depois prolongado em rua do Senado.

O beco dizia com a veia carioca ironica e quando mistér vingadora.

O carioca sabe apedrejar a palavras e ditos. A sua cidade tem entre ramos de comercio a exploração de pedreiras, duas mais conhecidas, as de São Diogo e a da Candelaria, o nome desta advindo do muito material fornecido pela pedreira á morosa construção da igreja da Candelaria.

Pedra resiste, areia cede. Extenso areal deu espaço á rua do Areal, actual Moncorvo Filho e primeiro das Bôas Pernas, denominação explicada pela dificuldade de vencer o areal rangendo e afundando aos passos ds transeuntes.

Em 1881 a rua do Areal, que teve por morador illustre Bernardo de Vasconcellos, recebeu o nome do barão de Paranapiacaba, João Cardoso de Menezes e Souza. Tendo este prestado relevante serviço á edillidade, resolveu a Ilustrissima Camara Municipal premiar o seu servidor, um poeta de inspiração e um produtor de toque classico.

As placas das esquinas de ruas conhecem substituições de nomes, quando não erros de denominação. Em placa da antiga travessa de S. Francisco já se leu o nome bem englishman de Canning e depois o nome bem lusitano de Ramalho Ortigão.

Anos e anos as placas da actual rua Imperatriz Leopoldina, visinha da Praça Tiradentes, ostentaram o nome de desconhecido Barbosa de Alvarenga quando deveriam mostrar o nome historico de Barbara de Alvarenga, mulher de inconfidente mineiro.

Certas ruas cariocas ainda conservam tal ou qual aspecto antigo, a do Senhor dos Passos por exemplo. No seculo passado era muito preferida para habitação por pretos e pretas forras, principalmente benguelas e minas ás vezes de caras alanhadas. Compravam e vendiam escravos, com a fama de senhoras e senhores de grande severidade para com cativos. Gozada a liberdade escravizavam com dureza.

Um de tais pretos forros, José Leandro, possuidor de casas na rua do Senhor dos Passos, chegou a rico para desaparecer da cidade em 1813, sem deixar rastro.

A mór parte das ruas cariocas surgiu do retalhar de grandes chacaras. Da chacara de Pedro Dias Paes Leme veio a rua do Rezende, lembrando antigo vice-rei do Rio de Janeiro no Estado do Brasil. Nos terenos alagadiços da chacara de Paes Leme vicejavam hortas e arrozais.

O Senado da Camara viveu em demandas com donos de terrenos. Demanda encheu de papelorio o fóro carioca ao desapropriar o Senado os terrenos da vasta e paludosa chacara de Paes Leme. Informa Restier Gonçalves, á vista de documentos do Arquivo Municipal, que o litigante Manoel José de Souza vio a sua roça de arroz avaliada em vinte mil réis para abertura da rua do Rezende.

Comunidades religiosas reclamavam direitos ou os firmavam contra pretensões das municipalidades. Em 1860 e 1863, por seu sindico, as carmelitas descalças do convento de Santa Teresa pleitearam o dominio util de marinhas e acrecidos entre o Caes da Gloria e o Campo dos Frades, no caso os carmelitas do convento da Lapa do Desterro. Noronha Santos indicou o Campo, o espaço da rua da Lapa á praia de igual nome.

Muita gente não se contenta só com o que está vindo no Rio de Janeiro. Quer saber o succedido nele. Por testemunho disto, por frequentes perguntas, mesmo de moços, aqui estão em papel de imprensa algumas Curiosidades Cariocas.

ESCRAGNOLLE DORIA



UMA CURIOSIDADE CARIOCA. A SAÍDA DA ÚLTIMA MISSA NA IGREJA DE S. SEBASTIÃO NO MORRO DO CASTELO. Foto AUGUSTO MALTA

Das Flôres foram varias ruas e travessas cariocas. Dous exemplos: rua das Flôres a ora rua de Santa Ana; travessa das Flôres a actual travessa do Ouvidor. E não faz muito a travessa de S. Francisco de Paula foi travessa Flôra quando aí existente um mercado de flôres, de odoríferas barracas.

Entre flôres no mundo botânico figuram os junquinhos. Até 1856 deram eles nome a rua em Santa Teresa. Rua dos Junquinhos por quê? A cronica das cidades conta porquês aguardando resposta, longa ou jamais dada, nem por um Vieira Fazenda elucidante a valer.

A rua dos Junquinhos, ora Felicio dos Santos, é de esquina com a rua dos Felizes, agora Constante Jardim. Nova interrogação. Dos Felizes por que? Quais? Haverá mortal que se diga feliz? E a rua indica muitos.

Não vamos sahir da antiga rua dos Junquinhos sem apontar nela predio com capela contigua. Edificou-o o Conselheiro Zacarias, que na casa se finou em 1877. Passou a propriedade ao visconde de Barra Mansa, vendendo-a este, em 1890, ao Dr. Felicio dos Santos por quarenta contos de contado, conforme expressão tabelião.

No aperto territorial do antigo Municipio Neutro de moderno Distrito Federal, o Rio de Janeiro é assás cingido de aguas atlanticas. Apresenta pois bastantes praias, tanto mais belas quanto se cuide de conservar-

sabida e subida á cata de cajus, amôras e grumixamas.

Em busca de mato ralo também procuraram o morro algumas cabras, habituadas a vencerem escorregadios alcantis dos quais raro se despenham ao envez de turistas galgadores.

Dizer morros é dizer ladeiras, escadas naturais sem degraus para o patamar das alturas. Nos topos dos morros cariocas, cessado o arfar da ascensão, encontram-se admiraveis plataformas para contemplação do panorama interno do Rio ou para algum ou alguns dos quadros que reunidos formam aquele tão celebrado panorama. Reproduziram-o o pincel e a palheta de Felix Emilio Taunay no Primeiro Reinado, para exposição em Paris, e Victor Meirelles e Langerok no Rio de Janeiro dos fins do seculo passado.

Sobram a ladeiras cariocas denominações pitorescas, assim a das Escadinhas do Livramento, morro este tão ligado ao berço e á infancia de Machado de Assis. Saude e Gambôa são bairros cujas ladeiras e vias publicas mantêm nomes curiosos: ladeira do Escorrega, rua da Pedra do Sal, do Jogo da Bola, travessa do Sereno, beco do Suspiro, ora rua João Alvares.

No rôl das denominações pitorescas cariocas se não esqueça uma lembrada por Noronha Santos, a Gruta de Camões, pequeno caminho em Santa Teresa atraz do Hotel da Vista Alegre. Curioso encontrar em via publica lembrança da gruta de Macão onde o poeta

Rolando escapou por pouco de cair no laço.

ELE olhou para a moça, deixando transparecer claramente sua admiração.

— Que paixão! diziam, com inequívoco entusiasmo os seus olhos.

Ela sorriu, com ar tímido, e disse:

— Muito prazer.

O amigo que os apresentara afastou-se. Estavam a sós. Ou, melhor, tão a sós quanto se pode estar num salão de baile onde umas duzentas pessoas giravam, dentro e fóra do compasso, da orquestra.

— Quer me dar o prazer, senhorita?

Isso era o que se dizia, nos romances, pensou ele. O cavalheiro se aproximava, dobrava a espinha com elegância e dizia, com ar romântico: Quer me dar o prazer? Rolando ficou muito preocupado com o tom de voz. Ensiara, mais de uma vez, diante do espelho, a maneira de convidar uma moça para dançar; porém, agora que chegara o momento, sentia que faltava aquele tom especial que só vem com a prática. Ou, pelo menos, era o que dizia o Carlinhos. Carlinhos era seu conselheiro e mestre na intrincada arte da conquista das mulheres.

— Cê é besta, rapaz! Olha assim p'ra ela, depois agarra ela de jeito e sai dançando.

Isso dito assim parecia muito fácil, porém, se bem que fizesse desesperados esforços para parecer despreocupado, Rolando estava realmente embaraçado. Os passos da dança preocupavam-no. E' muito simples, pensou ele, dar atenção ao par, quando se dança com facilidade. Mas se me arriseio a soltar uns galanteios sou capaz de errar na dança e pisar-lhe os pés. Carlinhos dissera que era fácil. Repreendera-o.

— Cê precisa deixar essa vidar rapaz. Eu digo isso porque sou seu camarada, viu? O pessoal todo fica rindo de você, ora! Também, 'cê fica com uma cara de periquito na prateleira quando as pequenas lhe dão bôla!

E Rolando agora experimentava praticamente as lições que recebera. Dansar era um trabalho difícil, penoso. Requeria atenção. Dansar namorando ou namorar dansando, o que vem a dar na mesma, é mais difícil do que parece.

— Você em que faculdade está?

Ela perguntara em que faculdade ele estava. Rolando encheu o peito. Era bem verdade que a sua aparência era de um rapaz de seus vinte e poucos anos: na realidade, não passava dos dezoito. Mas gostava de passar por mais velho.

Pensou: Que faculdade? Tenho que pensar uma depressa.

— Direito, disse.

— Ah, direito? A Universidade?

— A universidade.

— Que ano?

— Que ano, meu Deus? Quantos anos tem a faculdade?

— Sexto.

— Sexto? Mas Direito não são só cinco anos?

— Pois é... Bem, isto é... é meu sexto ano na faculdade. Eu fui ao pau no ano passado... Estou no ultimo ano. Eu acho que esse negócio d'a gente esconder que levou bomba é besteira, você não acha?

— Eu também. Meu irmão levou pau em dois anos. Não é motivo para se envergonhar. Ele também está na faculdade. Deve ser seu colega.

— E'.

— Está no mesmo ano que você.

— Rolando suou frio.

— Que turma?

— Na turma B.

Ora viva! Uma escapatória.

— Pois eu estou na turma A.

— Que pena!

— Que alívio!

— Você gosta de lá?

Ele pensou: Que bela conversa! Se é isso que uma garota costuma conversar eu não perdi muito. Lembrou-se das conversas do cinema, cheias de ditos espirituosos, de galanteios, pontuadas de beijos. Se fosse assim... Que coisa cacete, meu Deus!

Em voz alta, respondeu:—Gosto! Os professores são um pouco duros, mas não é mau.

— Paulinho também acha isso.



— Paulinho?

— Meu irmão.

— Ah!

— Pois é...

— E', não é?

— E' o que?

— Você falou?

— Não.

— Pensei...

Lindo idílio! Só falta, agora, uma brilhante observação a respeito da temperatura, pensou ele.

— Está fazendo calor, não acha? disse ela.

E ele respondeu:

— Sim.

Havia á sua frente um belo terraço. Fóra, aliás, com os olhos voltados para lá que ela fizera a observação. Mas Rolando não sabia ainda que, quando uma moça que está dansando com um rapaz começa a fazer observações sobre o calor ambiente, ela não se refere absolutamente á temperatura. São outras as suas intenções.

Finalmente ela resolveu tomar a iniciativa:

— Vamos dar uma volta pelo terraço! Isso aqui está horrível.

Ele olhou para ela surpreso: seria aquele o sinal a que Carlinhos se referira?

— Quando ela resolver topar ela te mostra.

— Mostra como? dissera ele.

— Se você não for idiota você compreende.

Chegara evidentemente o momento da vitória. Estava accito. Ela "topara" para usar a pitoresca linguagem do jovem amigo.

O terraço estava deserto. Mais uma circunstancia a seu favor, recapitulou.

— Quando ela topar, dissera Carlinhos, você avança, vai avançando. Se ela abrir o sinal você entra... Entra? pensava Rolando. E o outro esclarecera. Abraça.

E Rolando, olhando a moça, poz-se a pensar como começaria. De repente, ocorre-lhe. Lembrara-se de um filme, onde o herói tinha uma técnica especial para conquistar as mulheres. Começava fazendo um ar trágico, dizendo que estava muito triste, que se sentia muito só...

— Ah!

O suspiro, convenhamos, foi bem dado.

— Que há? perguntou ela.

— Estou pensando na vida...

— A estas horas?

— Será que a gente tem hora para isso? Talvez, quando a vida é alegre. (Como é que o camarada disse, mesmo?)

— Quando se vive despreocupado, quasi se esquece de que se vive, mas a vida solitária é mais intensa, mais concentrada.

Bonito! Tinha largado muito bem: restava saber se na reta final manteria a mesma velocidade.

— Não sabia que você era desse tipo...

— Sou um pobre infeliz...

— Não diga isso!

— E' verdade. Ninguém me quer, Ninguém gosta de mim...

— Não diga isso!

Agora era o momento culminante. Era preciso repetir textualmente as palavras do outro.

— Não tenho, ao menos, uma companheira alegre e boa que me ajude a atravessar esse vale de lágrimas!

Ela, de repente, tornou-se mais atenta:

— Você pensa isso, mas na realidade quantas não estarão suspirando por essa felicidade...

— Não posso acreditar-lo.

Não havia mais duvida. Ela, muito comovida, disse:

— Não era preciso isso. Eu também gosto de você...

Ele virou-se encantado.

— Como?

— Não era preciso dar-me a entender isso, usando o diálogo do filme de Charles Boyer. Mas já que essa é a sua maneira de dizer que quer casar-se comigo, continuemos...

Ele caiu das nuvens e assegurou-lhes que o baque o deixou mais do que abalado.

— Mas...

— Não é preciso, meu amor. Serei sua sempre, e fiel... O nosso amor nasceu assim á primeira vista, espontaneo, livre, e assim perdurará até a morte...

Meu Deus! Como livrar-se dessa? Noivo, sem mais nem menos!

— Mas...

— Querido...

Uma ideia luminosa! Até que enfim!

— Obrigado, querida.

A luta pela liberdade tirara-lhe o embaraço e emprestara convicção ás suas palavras. Ela estremeceu.

— Sou sua...

Agora! disse ele.

— Obrigado. Nunca pensei que uma linda moça como você aceitasse o amor condenado de um pobre tuberculoso, que todos evitam com medo do contágio... Só agora reparo. E's tão pura, tão sublime que isso não te afeta. Santa!

— Bem... Dá licença. Eu preciso pentear este cabelo. O vento me despeteou toda... Bem... Eu volto já...

Ela saiu; ele sorriu. Estava livre. Ela não voltou...

UMA DECLARAÇÃO

Conto de
HARRISON CROCKSTEAD



NOITE DO BRASIL IMPERIO



A brilhante soirée com que o Clube Ginástico Português celebrou a passagem do 6.º aniversário da inauguração de sua atual sede, constituiu um acontecimento inédito na cronica social do Rio de Janeiro, onde jamais se havia visto um sarau característico tão ricamente organizado e onde, com tanta perfeição de detalhes, fossem reproduzidos modas e ambientes de uma época já remota, tão cheia de adorável romantismo e de poéticas tradições.

A grande festa típica, que fez jus plenamente ao nome simbólico para ela escolhido de "Uma Noite do Brasil Império", constituiu um espectáculo cheio de surpresas agradáveis e inesquecíveis para os que tiveram a ventura de participar de suas emoções.

Para esta magnífica noite de elegância e bom tom; os salões do aristocrático clube da avenida Graça Aranha foram transformados em ricos ambientes dos tempos da Independência, quando, em festas idênticas, o velho José Bonifácio acionava os cordões misteriosos dos marionetes diplomaticos, enquanto dona Domitília, divinamente bela e diabolicamente fascinante, arrastava pelos assoalhos reluzentes dos palácios a cauda de seu vestido negro, a que estava preso o destino de um povo e a história de uma nação.

Todo esse passado de fausto e de grandeza reviveu magestoso e brilhante, na grande noite de recordações que foi a festa do dia 16 de agosto no Clube Ginástico Português.

Idealizada pelo Diretor de Festas do aristocrático gremio, Sr. Rogerio Gonçalves, foi esta soirée organizada com o maximo carinho, não se tendo esquecido o minimo detalhe, para que a decoração dos ambientes pudesse simular, realmente, o cenário de um sarau dos tempos de D. Pedro I.

Os mais representativos elementos da alta sociedade carioca participaram da alegre e festiva noite, comparecendo ao baile do Império com toilettes que poderiam por certo causar admiração e inveja aos elegantes de 1830.

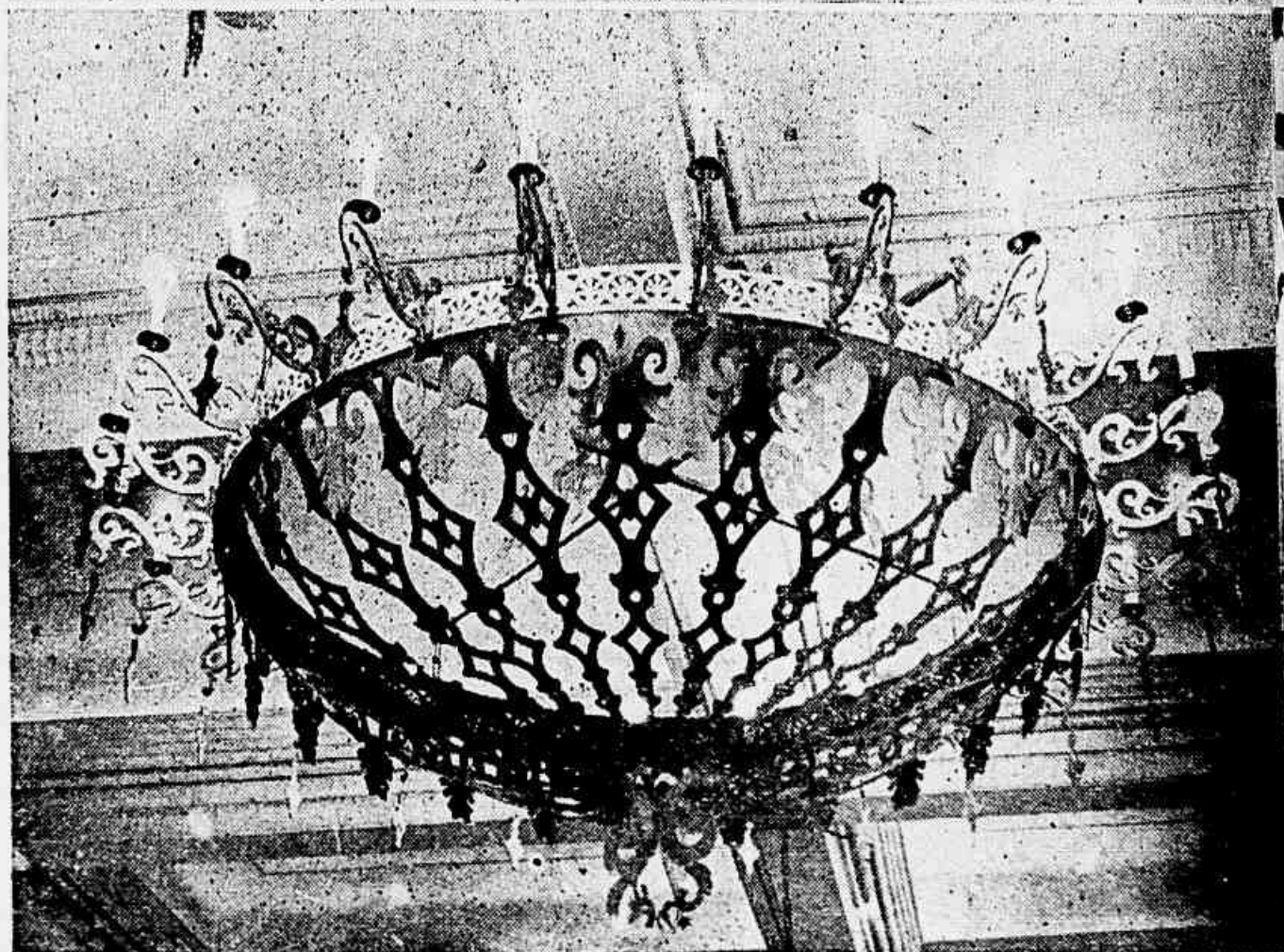
A própria Marquesa de Santos, D. Pedro I e ou-

tras figuras características da época do primeiro império não deixaram de comparecer á magnífica soirée, em caracterizações fieis e artisticas.

Ornamentados com moveis e candelabros em puro estilo rococó, os salões podiam, graças á arte inimitável do famoso cenógrafo H. político Colón b. l a m n a r - e perfeitamente com os cavalheiros e as damas que dan-

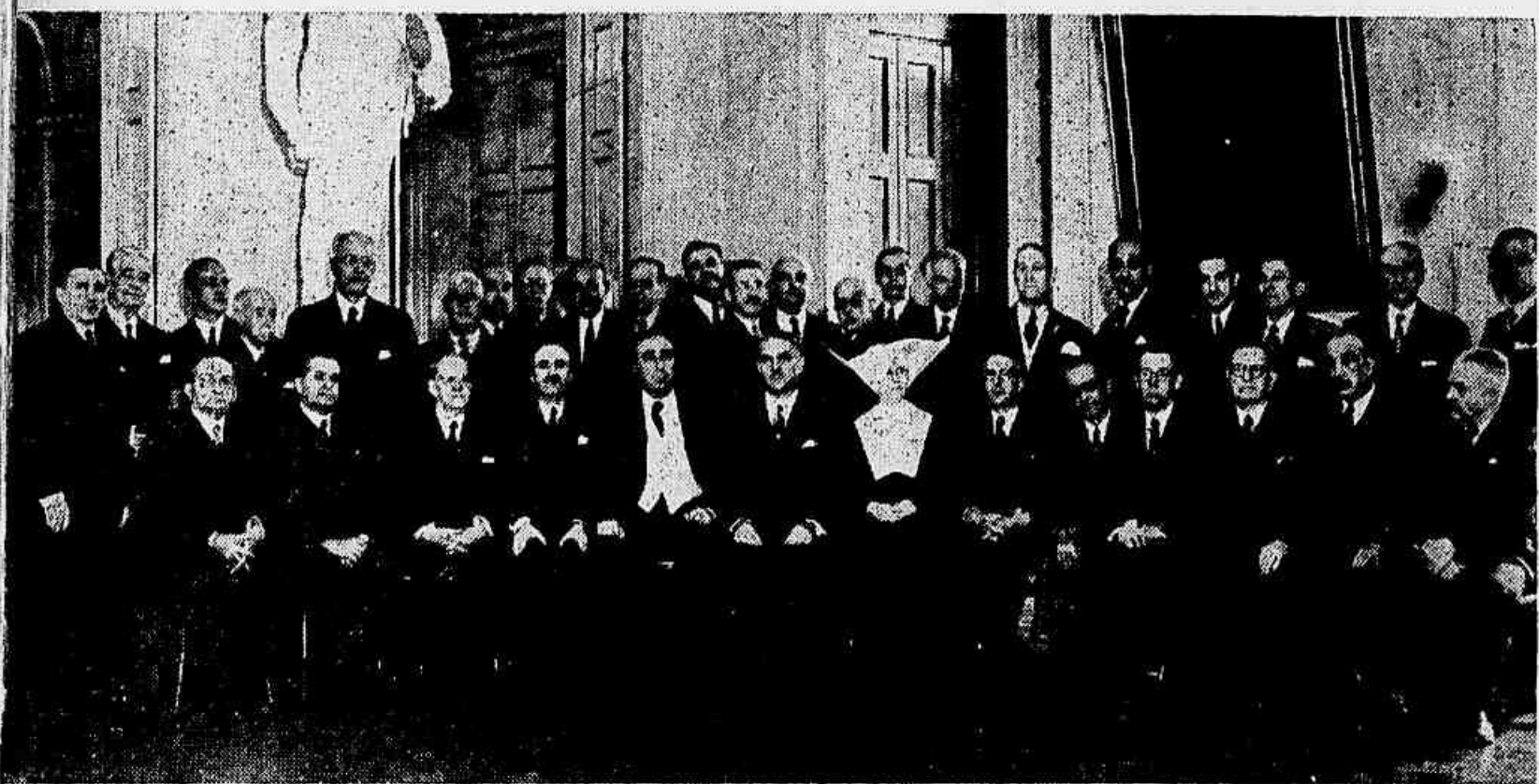
çavam romanticamente a polka e a quadrilha, ou que passeavam despreocupadamente pelos corredores re-cobertos de tapeçarias.

Desta magnífica festa caracteristica, que foi também uma maravilhosa apresentação de arte decorativa, reproduzimos nestas paginas alguns aspectos suggestivos.





Flagrantes tomados logo após a posse do tenente dr. Geraldo Magella Bijos na Academia Nacional de Medicina, realizada em sessão solene presidida pelo Prof. Aloisio de Castro. No recinto, literalmente lotado, viam-se famílias de nossa alta sociedade, generais, almirantes, oficiais do Exército, da Armada e da Aeronáutica e membros do corpo diplomático.



O flagrante ao alto foi colhido no Salão de Honra da Santa Casa da Misericórdia, por ocasião da posse da nova administração, a 20 do mês findo. Na primeira fila: ao centro o provedor, dr. Ary de Almeida e Silva, tendo ao lado o embalsador Mauricio Nabuco e a superiora do Hospital Geral; à esquerda: escrivão Antonio Carlos Lafayette de Andrada, dr. Mario de Andrade Ramos, dr. Saul de Gusmão, dr. Francisco Pedro Carneiro da Cunha; à direita: dr. Carlos Penna, dr. Paulo José Pires Brandão, dr. Alfredo Balthazar da Silveira, sr. Ambrosio Lameiro, dr. João Saraiva de Andrade e general Pantaleão da Silva Pessoa e demais Irmãos da administração. De pé, entre outros, o ministro Carvalho Mourão, dr. Carlos Luz, comandante Thiers Fleming, drs. Raulpho Chagas, Mario Guedes, Azarias de Andrade, Nascimento Brito e Carlos Brandão.



Aula prática da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro no Presídio do Distrito Federal, vendo-se ao centro o diretor desse estabelecimento, dr. Aloisio Neiva, entre os professores Roberto Lyra e Hello Gomes, cercados pelos alunos.



Leny Alvarus, filhinha do sr. Alvarus de Oliveira, conhecido jornalista e escritor fluminense, e de sua exma. esposa, d. Creuza de Oliveira.



Carlos, filho de d. Almira e Carlos Balthazar da Silveira, oficial da nossa Marinha.

Figuras e Fatos

Dia 2 — Senhores: drs. Alfredo Paulo Ewbanks, Lafayette Gomes Ribeiro e Alfredo Costa.

Dia 3 — Senhores: capitão Belmiro Bretas Duarte; dr. Nereu Ramos e dr. Mario Camara.

Dia 4 — Senhora Maria Leal Ferreira e senhorinha America Chagas.

Senhores: J. E. de Macedo Soares; dr. Francisco de Paula Santiago e dr. Augusto Paulino.

Dia 5 — Senhora Paulinita Cardim.

Senhores: Professor dr. Haroldo Valadão; Manoel Varela Rodrigues e dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada.

Dia 6 — Senhores: drs. Oscar Tenorio Francisco de Paula Baldassarine, Cicero Peregrino e Vasco Lima, nosso colega de imprensa.

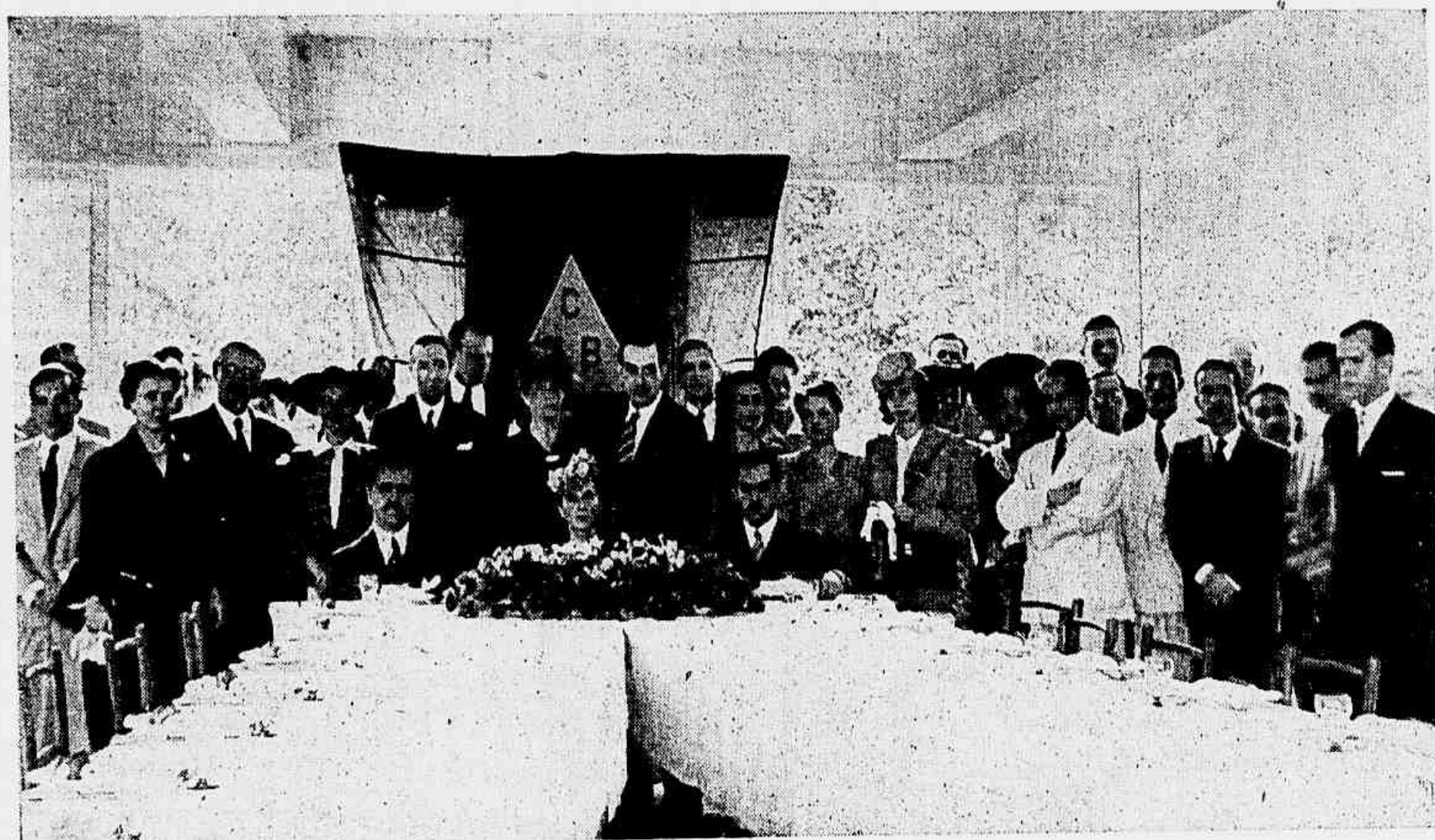
Dia 7 — Senhoras Maria Coelho Teixeira e Maria Luiza Barceios.

Senhores: Otavio Tarquinio de Souza, ministro do Tribunal de Contas, e dr. Jaime Guedes.

Dia 8 — Senhores: capitão de mar e guerra Benedito Ferreira Goulart e dr. Sampaio Correia.



Aspecto dum ensaio dos coros da opereta "Les Cloches de Corneville", que vai ser levada à cena nos dias 29 de setembro e 1.º de outubro no Teatro Municipal, em benefício das vítimas da guerra — brasileiros, belgas e franceses.



A Casa do Estudante do Brasil comemorou no dia 15 de Agosto último o seu 15.º aniversário, reunindo em sua nova sede, ainda em construção, seus amigos e fundadores. A fotografia é um aspecto do Almoço de Confraternização, realizado por essa ocasião, vendo-se entre os presentes a sra. Ana Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, o sr. Geraldo Mascarenhas, representante do Presidente da República, e o sr. João Alfredo Paranaquá, representante do ministro da Justiça e Trabalho, Paschoal Carlos Magno e outros.

A crônica social registrou o consórcio da srta. Luzia Coutinho de Oliveira, filha do sr. Orozimbo Coutinho de Oliveira e de sua esposa d. Josina Coutinho de Oliveira, com o sr. Pedro Alvaro de Melo, figura de destaque na indústria e no comércio do Rio e São Paulo, filho do sr. Alvaro Vieira de Melo e de d. Adelaide Carmen Vieira de Melo. O ato religioso, realizado a 1,30 horas do dia 13 de julho último no Mosteiro de São Bento, foi paraminado pelo dr. Colatino de Araujo Goes e d. Dijanira Toledo, por parte da noiva, e pelo sr. José Vieira Tucci e srta. Nelly Tucci. A nossa reportagem fotográfica, presente à solenidade nupcial, colheu o flagrante que ilustra esta nota.....





Acaricie a sua cutis com pó de arroz Bond Street, de Yardley, e o seu espelho lhe dirá quanto você se torna adorável! Tonalidades tão sutis, de consistência tão encantadora e fina, misturam-se artisticamente com o seu colorido natural, dando-lhe um novo e admirável esplendor.



Yardley
de Londres

Lembre-se ainda chegam às lojas pequenos fornecimentos de Cremes de Beleza Yardley e Talco Lavender. Assim, seja se obtém o seu quinhão.

22 OLD BOND STREET — LONDON — ENGLAND

DOR de ESTOMAGO?

AZIA — MÁ DIGESTÃO
D. SPLEPSIA — ULCERAS

Papeis

BANKETS



PRISAO de VENIRE?

Pilulas

ALOICAS
REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS



Grande Descoberta Para o Alívio da Eczematide Infantil

A V. não precisa mais ver seu filhinho sofrer o martírio da eczematide. Essa forma infantil de eczema causa ao seu filho muito maior sofrimento que qualquer outra doença. As coceiras constantes não deixam a criança dormir, causando uma inquietação que conduz ao esgotamento nervoso. Não é possível impedir que o seu filhinho cause ulcerações na pele com as suas unhas, pois ele não suporta a coceira e não se pode impedi-lo de coçar continuamente a pele irritada. Daí resulta a formação de cicatrizes que desfiguram por toda a vida o sua fisionomia.

Numa clínica de pele de um grande hospital, foi elaborada uma nova fórmula para o tratamento e alívio da eczematide. É o novo, moderno e científico preparado BELZEMA.

BELZEMA é uma nova forma de pó-mada não gordurosa que penetra rapi-

damente na pele da criança para combater a doença na sua origem. Faz cessar as coceiras, é invisível quando aplicada, não é sentida e não mancha a roupa, não sendo necessário usar ataduras.

BELZEMA já aliviou alguns casos das mais obstinadas erupções de eczematides em pouco tempo. As coceiras cessaram com a aplicação de BELZEMA e com a continuação do tratamento a pele tornou-se novamente limpa e perfeita.

Se o seu filhinho está sofrendo de eczematide infantil, dê-lhe imediatamente o alívio de BELZEMA. Continue a usar BELZEMA até a pele tornar-se limpa e nova outra vez.

BELZEMA

Livros

DESTINOS TRÁGICOS — O DUQUE E A DUQUESA D'ALENÇON, estudo biográfico de Marguerite Bourcet, tradução de Mary Sayão Pessoa — Rio de Janeiro, 1944.

Este livro, riquíssimo de documentação e no qual à pura realidade se alia a nota interpretativa mais independente, mais pessoal, não pertence à categoria, tão em uso modernamente, das biografias romaneadas. Não entrou nele a imaginação como colaboradora arbitrária ou de qualquer modo irreverente. Nada existe nestas páginas que se possa classificar de ficção. O fundo é invariavelmente da mais rigorosa autenticidade. Sem dúvida, um crítico severo ao extremo poderia ter perguntado à autora, como Eça de Queiroz perguntou ao seu fraternal amigo Oliveira Martins acerca de certas minudências da *Vida de Nun'Alvares*: Como soube ela que a Duquesa de Alençon, em dada ocasião, proferira tais e tais palavras? Como conseguiu averiguar que, em determinado momento, o Duque esboçou aquele gesto, traduzindo assim o ímpeto ou a quietude da sua alma? Mas, com aquele reparo, certamente o grande Eça quiz mostrar como a afeição, o amor familiar que o ligava ao autor do livro comentado o não levava, diante da obra de pensamento e de arte, à admiração deslumbrada, ao louvor sem restrições... Como Oliveira Martins nas suas reconstituições históricas, nunca Marguerite Bourcet negou ou adulterou, nestes capítulos de tanta comoção e tanta formosura, as coisas que deveriam ter acontecido. Aquilo que ela não apurou pela pesquisa e a análise, de certo pelo espírito e o sentimento conseguiu adivinhá-lo. E para quem quer que leia este livro, tudo o que nele se conta indubitavelmente aconteceu.

Marguerite Bourcet consagrou os possíveis vagares e todas as horas que pôde poupar das suas obrigações de trabalhadora a esta tarefa que se estendeu por quatro lustros. Escreve do outros livros, romances em geral, foi aquela história de duas vidas confundidas pelo amor, a bondade e a fé que consagrou o melhor do seu esforço e das suas aspirações. Com sacrifício — quantas vezes! — do seu orçamento de profissional das letras, fez viagens à Austria, à Inglaterra, à Alemanha e pela França, para conhecer os lugares, respirar os ambientes, ouvir os testemunhos, obter a maior e melhor soma de elementos para a organização e orientação daquilo que se havia de tornar a sua obra-prima. O que, porém, sobretudo a inspirou e lhe valeu foi uma espécie de culto, uma enternecida devoção pela memória das duas belas e nobres criaturas que o destino aproximou e o afecto havia de unir harmoniosamente e indissolivelmente até depois da morte.

A tradução da sra. Mary Pessoa não pode nem de longe ser comparada às que, em tão grande maioria, se nos deparam na literatura de importação — e de inundação — do nosso atual mercado. Trata-se agora dum trabalho refletido e sentido por alguém que, de superior inteligência e coração mais que sensível, soube transpor para as palavras correspondentes no nosso idioma aquela emotividade e aquele estilo. E as páginas liminares — *Notícia sobre a autora* — bem como a ocupada pela dedicatória da tradução à Rainha Elisabeth da Bélgica, bem traduzem as qualidades de letrada e de artista da ilustre Brasileira.

FERNANDO MAGALHÃES, resumo biográfico por Lúcia Magalhães — Rio de Janeiro, 1944.

Ninguém percorrerá estas páginas sem se sentir profundamente possuído da ternura que as inspirou e por elas se veio derramando. A sra. Lúcia Magalhães poz na primeira este disto do devoto: "Este livro, papai, é todo seu; de meu, só a saudade." Mas o presente trabalho não se limita a uma compilação ou organização documental. A inteligência colaborou de veras e em larga escala com o sentimento. Por entre as citações, a biografia está traçada sucinta mas eloquentemente. As fases daquela vida de trabalhador e de lutador naturalmente se definem numa sucessão harmoniosa. E não deixa de se fazer notar o engenho com que foram intercaladas as passagens de discurso, as reflexões de moral e de filosofia, os brados patéticos, as frases em que Fernando Magalhães mais sugestivamente deixou o exemplo do seu talento ou do seu caráter. Entre os excertos reunidos, e além do Decálogo famoso, que, a bem dizer, todos os jornais brasileiros reproduziram, vamos descobrindo ou reencontrando joias deste superior quilate espiritual:

— A Arte longa, tão longa quanto a humanidade sofredora...

— Então, eram as coisas inferiores aos homens: triste época em que os homens devem ser menos que as coisas...

— Aguçá o teu entendimento, longe do efêmero, e poderosa será a tua idéia. Reflete e sonha: si a lida caleja os dedos, a meditação clareia o espírito.

— Meu único padrão de glória (na sua primeira aula de lente da Faculdade de Medicina) é a teimosia com que me propuz chegar onde cheguei. Não conheci outros fatores à minha carreira. Meu exemplo é singelo e monótono: é a história obscura de uma vontade fiel.

— O Brasil (na Academia das Ciências, de Lisboa) deve a Portugal a própria terra. Terra e água dão barro. Terra e sangue dão Pátria, e foi assim que nos fizestes.

— Ninguém, por mais que seja a negação de sua crença, pode ter a "nostalgia do nada", mas cada qual precisa sentir a alegria da Eternidade.

— Ano Novo (em 1.º de Janeiro de 1943) Ano Bom. Bom porque é novo. Quando ele envelhecer, na curta vida que conta por tão pouco, não será mais o ano bom. Ninguém evitará os seus maus dias.

— O homem útil desconhece o peso da existência e o pavor da hora derradeira: volta a sua idéia para a Humanidade e para a Perfeição.

ATAQUES EPILÉPTICOS E NERVOSOS INTRANQUILIDADE, INSÔNIA

NOVO TRATAMENTO!



Não sofra mais! Há agora um tratamento moderno para combater os ataques nervosos ou epiléticos e a falta de sono MARAVAL — (solução), calmante poderoso, providencial combinação de elementos opoterápicos e vegetais, que restitui a alegria e o sossego. Inicie hoje mesmo este tratamento verdadeiramente científico. Não encontrando nas farmácias e drogarias, escreva ao Depositário. Caixa 1574-S. Paulo.

MARAVAL

Novas

Os VAGABUNDOS, novelas de Maximo Gorki, tradução de Araujo Alves — Rio de Janeiro. — 1944.

E' este, fóra da Rússia pelo menos, o livro entre todos célebre do grande sofredor e grande revoltado que no pseudônimo mesmo — o verdadeiro nome era Alexis Piskov — deixou uma feição da sua individualidade. Gorki significa "amargo".

De origem obscura e desde a infância condenado à pobreza extrema, Máximo Gorki teve que lutar com todos os revezes e todas as agruras. Assim que pôde trabalhar, exerceu misteres rudes e pesados. Foi aprendiz de sapateiro, de padeiro ganhou a vida como ajudante de cozinheiro de bordo, vendedor ambulante de cidra, barqueiro à sirga. E vagabundou pelas margens do Volga, ao Deus dará, à mercê de ocupação que porventura lhe aparecesse ou de qualquer maneira que lhe acudisse de não morrer de fome nem de frio nem de desespero. Viu então os cenários de miséria e de vício que a sua memória moça havia de guardar indelevelmente e a sua inteligência de homem, depois de bem as compreender, havia de explicar no conto, no romance, no teatro, numa obra destinada a tornar-se das maiores e mais admiradas do seu tempo.

As tres novelas reunidas no presente volume retratam uma série de indivíduos, entre os quais mal de vez em quando surge uma bela ou ditosa figura. Formam uma galeria de desgraça e de crime. Mostram-nos varias espécies de ladrões, ladrões de mar e de terra, do bandido feroz ao larapio sorrateiro e sutil. Os amores que nascem e morrem nestas histórias não dão, a bem dizer, felicidade nem alegria a ninguém. Como os personagens da primeira novela, *Malva*, todos os amantes são, mais ou menos ferozmente, vítimas da paixão. E com esses exemplos Maximo Gorki nos dá a lição duma época e dum mundo que caminhavam para uma grande revolução social...



MINIATURAS, versos de Petrarcha Maranhão — Rio de Janeiro, 1944.

"Não fazem mal as musas aos doutores". Estes é que, às vezes, as atormentam, a elas. Não pertence a tal categoria o sr. Petrarcha Maranhão que, nos vagares do mister de advogado, compoz as quadras em redondilha menor reunidas na presente brochura. Ora graves, conceituosas, ora sentimentais ou galantes, sempre estes versos dão a impressão da espontaneidade, da "facilidade". O prefaciador do volume, e fíco dos mais ilustres, sr. Luiz da Câmara Cascudo, emprega, para o definir, uma imagem sorridente: "Petrarcha Maranhão, fechando o livro sizado da legislação, abre a gaiola de ouro da rima e solta todos os canários da inspiração". Eis algumas árias desses cantares familiares:

Quanto mais a gente pensa
No destino e no ideal,
Mais constante e mais intensa
É a dor da ilusão fatal.

Só quem sofreu a amargura
De cruéis angústias de amor,
Póde julgar da ventura
De quem saiu vencedor...

Desejo apenas na vida
Esse venturoso dom
De te ver feliz, querida
E antes de tudo, ser bom.

Menina, teu lábio é doce
Qual fóra um favo de mel.
Talvez que feliz eu fosse
Se fosses menos cruel...

PEREIRA PASSOS, "biografia e história", da autoria de Raymundo de Athayde — Rio de Janeiro, 1944.

Por mais de trezentas páginas se desenvolve este trabalho inspirado na pessoa e na vida do glorioso prefeito Pereira Passos. Para conseguir obra bem baseada e em tudo compreensível não só o sr. Raymundo de Athayde remontou às origens familiares do biografado como, cada vez que tanto se lhe afigurou necessário, recuou pela História do Brasil, em busca de antecedentes ou prenúncios das suas realizações. Vemos Francisco Pereira Passos, menino de côco, recebendo da boa preta, sua ama, as primeiras lições de Bíblia Sagrada, aplicadas à propriedade rústica onde nascera. Acompanhamo-lo crescendo ao ar livre, traquinando, montando o primeiro cavalo, construindo com ingenuidade ainda mas já seguro engenho uma ponte sobre o riacho que corre pela fazenda. Seguimos-lhe os estudos e, sorrindo mas não sem certo fundo de admiração, consideramos os devaneios poéticos da sua juventude. Versos de amor e de galantaria nada prometem daquilo que havia de representar a inteligência, a capacidade empreendedora, a força combatente e sempre por fim vitoriosa do reformador da capital brasileira; nem por isso, no entanto, nos parecem menos dignos de atenção. Percorremos as estradas que ele traçou e abriu, todas as importantes obras de engenharia que projectou e a cuja execução presidiu com a solicitude, o zelo, o admirável "ciúme" de quem só confia nos próprios olhos e na própria existência de perfeição. Presenciamos o seu labor ardoroso e freme de governador desta cidade os seus combates ao preconceito e ao pirrismo, as tentativas de hostilidade e de obstáculo que nunca, por um só momento, lhe afetaram o ânimo privilegiado; os triunfos sucessivos que, além da sua vontade, só precisavam de tempo para se definir e assegurar. Vemo-lo, enfim, despedir-se da vida, coberto dos louvores e das bênçãos dum povo.



E' a longa e complexa trajetória duma existência ditosamente predestinada. O biógrafo a passa em revista com atenção extrema e a mais bem orientada dedicação. Na documentação da sua tarefa, vale-se de tudo o que pareça realmente aproveitável. Aos encontros dos comentadores circunspectos, junta, para nada ocultar e por bem saber que desse contraste só resultaria maior honra para o biografado, fantasias de cronistas boêmios, versos humorísticos, anedotas, caricaturas. Acerca dos grandes homens, tudo afinal interessa. E tudo serve para fortalecer ou embelezar os monumentos erguidos à sua memória.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Sã MATERNIDADE
CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES
3.ª EDIÇÃO
PREÇO: Cr\$ 15,00
Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

Dr. SPINOSA ROTHIER Membro do Circulo Médico de Buenos Aires
DOENÇAS SEXUAIS E UROLÓGICAS
(Andrologia, Opção, Eletrologia, Hormônios Sexuais)
Rua Senador Dantas, 45-B — 2.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3367

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁPRA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Humberto de Campos

(Continuação da pág. 14)

pítulo publicado abaixo — "Os dois Humbertos" — Um só estilo — Uma só Alma — Um só sentimento". No mesmo são reunidos, simultaneamente, trabalhos publicados por Humberto de Campos em vida, e outros psicografados por Chico Xavier, para serem submetidos ao estudo dos interessados que podem, assim, entregar-se a um interessante "test" e distinguir si ha ou não semelhança de estilo:

(1). Rezam as lendas bíblicas que o Senhor, após os seis dias de grandes atividades da criação do mundo, arrancado do caos pela sua sabedoria, descansou no sétimo para apreciar a sua obra.

(2). E o Criador via os portentos da Criação, maravilhado de paternal alegria. Sobre os mares imensos voejavam as aves alegres; nas florestas espessas desabrochavam flores radiantes de perfumes, enquanto as luzes, da imensidade, clarificavam as apoteoses da Natureza; resplandecendo no Infinito para louvar-lhe a glória e lhe exaltar a grandeza.

(3). Quando, após o sétimo dia da Criação, Deus despertou do seu sono de operário e viu que tudo que havia feito era bom, ficou de tal modo contente que se atirou a fabricar, para pequeninos enfeites do mundo, as pedras preciosas. A ametista, fizera-a ele de uma violeta esmagada; o topázio, de um raio de sol; a tur-

quesa, de um reflexo da lua; o ônix, de um pedaço da noite; a esmeralda, de uma folha de roseira; o berilo, de um pouco de mel; a safira, de um pinga da tinta do céu; a opala, com a água do mar; quando Eva, no Eden, feriu o dedo no primeiro espinho brotado na terra, fez-lhe, com a gota de sangue, o primeiro rubi; e da primeira lágrima alegre dos seus olhos, o diamante. E espalhou tudo isso pela face da Terra, para encanto dos dois únicos habitantes do Paraíso.

(4). Jeová, porém, logo após a queda de Adão e depois de expulsá-lo do Paraíso, afim de que ele procurasse na Terra o pão de cada dia com o suor do trabalho, recolheu-se entristecido aos seus imensos impérios celestiais, repartindo a sua obra terrena em departamentos diversos, que confiou ás potências angélicas. O Paraíso fechou-se, então, para a Terra, que se viu isolada no seio do Infinito. Adão ficou sobre o mundo, com a sua descendência amaldiçoada, longe das belezas do Eden perdido e no lugar onde se encontravam as grandiosidades divinas, não se viu mais que o vácuo levemente azulado da atmosfera. E o Senhor, junto dos Serafins, dos Arcanjos e dos Tronos, na sagrada curul da sua misericórdia, esperou que o tempo passasse. Ecoavam-se os anos, até que um dia o Criador convocou os Anjos a que confiara a gestão dos negócios terrestres, os quais lhe deviam apresentar relatórios precisos, acerca dos vários departamentos de suas responsabilidades individuais. Prepararam-se no Céu festas maravilhosas e alegrias surpreendentes para esse movimento de confraternização das forças divinas, e no dia aprazado, ao som de musicas gloriosas, chegavam ao Paraíso os Poderes angélicos encarregados da mis-

são de velar pelo orbe terreno. O Senhor recebeu-os com a sua bênção, do alto do seu trono bordado de lírios e de estrêlas e, diante da atenção respeitosa de todos os circunstantes, falou o Anjo das Luzes:

— "Senhor, todas as claridades que criastes para a Terra continuam refletindo as bênções da vossa misericórdia. O Sol ilumina os dias terrenos com os resplendores divinos, vitalizando todas as coisas da Natureza e repartindo com elas o seu calor e a sua energia. Nos crepúsculos, o firmamento recita os seus poemas de estrêlas e as noites são ali clarificadas pelos raios tênues e puros dos plenilúnios divinos. Nas paisagens terrestres todas as luzes evocam o vosso poder e a vossa misericórdia, enchendo a vida das criaturas de claridades benditas!"

Deus abençoou o Anjo das Luzes, concedendo-lhe a faculdade de multiplicá-las na face do mundo.

Depois, veio o Anjo da Terra e das Águas, exclamando com alegria:

— "Senhor, sobre o mundo que criastes, a Terra continua alimentando fartamente todas as criaturas; todos os reinos da Natureza retiram dela os tesouros sagrados da vida e as águas, que parecem constituir o sangue bendito da vossa obra terrena, circulam no seu seio imenso, cantando as vossas glórias incomensuráveis. Os mares falam com violência, afirmando o vosso poder soberano e os regatos macios dizem, nos silvados, da vossa piedade e brandura. As terras e as águas do mundo são plenas afirmações da vossa magnífica complacência!"

E o Criador agradeceu as palavras do seu servidor fiel, abençoando-lhe os trabalhos.

Em seguida, falou, radiante, o Anjo das Árvores e das Flores:

— "Senhor, a missão que concedestes aos vegetais da Terra vem sendo cumprida com sublime dedicação. As árvores oferecem sua sombra, seus frutos e utilidades a todas as criaturas como braços misericordiosos do vosso amor paternal, estendido sobre o solo do planeta. Quando maltratadas, sabem ocultar suas angústias, prestando sempre, com abnegação e nobreza, o concurso da sua bondade á existência dos homens. Algumas, como o sândalo, quando dilaceradas, deixam extravasar de suas feridas o ambiente em que nasceram... E as flores, meu Pai, são piedosas demonstrações das belezas celestiais nos tapetes verdongos da terra inteira. Seus perfumes falam, a todos os momentos, da vossa magnanimidade e sabedoria..."

E o Senhor, das culminancias do seu trono radioso, abençoou o seu servo fiel, facultando-lhe o poder de multiplicar a beleza e as utilidades das árvores e das flores terrestres.

Logo após, falou o Anjo dos Animais, apresentando a Deus um relato sincero, a respeito da vida dos seus subordinados:

— "Os animais terrestres, Senhor, sabem respeitar as vossas leis, acatar a vossa vontade. Todos vivem em harmonia com as disposições naturais da existência que a vossa sabedoria lhes traçou. Não abusam de suas faculdades procriadoras e têm uma época própria para o desempenho dessas funções, consoante os vossos desejos. Todos têm a sua missão a cumprir e alguns deles se colocaram, abnegadamente, ao lado do homem, para substituí-lo nos mais penosos misteres, ajudando-o a conservar a saúde e a buscar no trabalho o pão de cada dia. As aves, Senhor, são turbilhos alados, incensando, do altar da natureza terrestre, o vosso trono celestial, cantando as vossas grandezas ilimitadas. Elas se revestem constantemente para vos prestar essa homenagem de submissão e de amor, e enquanto algumas cantam durante as horas do dia, outras se reservam para as horas da noite, de modo a glorificarem incessantemente as belezas admiráveis da Criação, louvando-se a sabedoria do seu Autor Inimitável!"

E Deus, com um sorriso de júbilo paternal, deramou sobre o seu dedicado mensageiro as vibrações do seu divino agradecimento.

Foi quando, então, chegou a vez da palavra do Anjo dos Homens. Taciturno e entre angústias, provocando a admiração dos demais, pela sua consternação e pela sua tristeza, exclamou compungidamente:

— "Senhor!... ai de mim! enquanto meus companheiros vos podem falar da grandeza com que são executados os vossos decretos na face do mundo, pelos outros elementos da Criação, não posso afirmar o mesmo dos homens... A descendência de Adão se perde num labirinto de lutas, criado por ela mesma. Dentro das possibilidades do seu livre arbitrio, é engenhosa e sutil a inventar todos os motivos para a sua perdição..."

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e re-rescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador á vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite á pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.



NARCISO AZUL DE GALLY

Eterniza as mais doces recordações!...

Nos momentos felizes de um doce enlêvo, sua cutis deve ostentar beleza e perfeição... deve evolvar um perfume discreto, que aumente seus encantos...

Para isso, Gally criou o admirável pó de arroz Narciso Azul, de perfume floral e fragrância sutil, — que eterniza as mais doces recordações!

O pó de arroz Narciso Azul, de Gally, de composição finíssima e privilegiada aderência, harmoniza a beleza do seu rosto com um perfeito "maquillage".

Luxuosamente apresentado nas cores:

• Branco • Rosa • Raquel • Ocre-claro • Ocre-escuro • Ocre-rosée • Gitane • Péche

A venda em todo o Brasil



de Radio

DESEJADO CLUBE!

De um momento para outro, soprados não sei por qual espírito-santo de orelha, resolveram os locutores esquecer desavenças e prevenções para fundar um clube que os congregue todos em torno de algum programa de recreio e de reivindicações. É uma iniciativa bonita, palavra de honra. Mas não acredito assim, sem verificar a existência dos seus primeiros frutos, que possa realmente pacificar as almas inquietas desses homens profissionalmente vacinados com os microbios da ambição e do narcisismo. Reuni-los em assinaturas numa ata de fundação não faz espanto; difícil, se não impossível, será sustentá-los no culto dos propositos iniciais. Por pouco que se conheça a mentalidade dos *speakers* de radio brasileiros, o simples exame de suas atitudes em todos os momentos dá para se desconfiar do que vai acontecer, por exemplo, logo aos primeiros trabalhos do clube, isto é por ocasião das eleições da primeira diretoria. Do sr. Cesar Ladeira ao repolhudo sr. Raul Longras — em escala decrescente — todo o mundo há de querer de qualquer maneira a presidência do gremio... O sr. Ari Evangelista Barroso, com aquela presunção que Deus lhe deu e a ausencia de boas letras, não conseguiu sequer atenuar: ele se conformará com um título de 2.º Secretário, existindo o 1.º Secretário? E, se além da circunstancia, que naturalmente será considerada humilhante, da supremacia hierárquica do 1.º sobre o 2.º, aquele cargo ficar em mãos do sr. Mario Cordeiro? Positivamente, o Clube dos Locutores vai dar água pela barba dos seus organizadores...

Entretanto, repito que a idéia é excelente. Porque daí pode surgir mais tarde um sindicatinho e o nosso maior desejo — dos jornalistas profissionais — é nos separarmos da companhia que nos deu o Decreto-lei n.º 910, de 30 de Novembro de 1938... De maneira nenhuma queremos mal a esses jovens falastrões, admiradores fanaticos do talento que em regra não possuem. Analisados, um por um, acabarão por demonstrar, apesar de tudo, apreciáveis e louváveis qualidades. São bons rapazes, no fundo. Mas acontece que... "acontece que eles são baianos" e nós outros não o somos! E quando não há afinidade de gostos e de interesses o melhor mesmo é a separação.

Por outro lado a projetada associação pode resultar em beneficios reais para os ouvintes do "broadcasting". Um clube de *speakers* evidentemente não será igual no tamanho do cobre a qualquer reunião associativa de enxugadores de gelo ou apanhadores de baganas. Terá fundos e boa sede e realizações de caráter coletivo. O convívio social ensina a boa educação, lapida as inteligências, atenua mesmo os sentimentos de exclusivismo. Depois, também já ouvi falar que do programa de fundação do tal gremio consta a instalação de uma escola primaria...

alô... alô...

Do sr. Silvio Moreaux recebemos uma carta muito gentil agradecendo as referencias elogiosas mas justas que fizemos nesta pagina ao seu programa "Momentos Musicais". Gesto tão inesperado no meio radiofonico que, sinceramente e profundamente comovidos,

"NAÇÃO ARMADA"

Recebemos o numero 57 de "Nação Armada" revista civil e militar. É a edição referente ao mês de Agosto de 1944.

nos sentimos obrigados a agradecer esse agradecimento!

Mais uma estação nortista incorporada à rede dos "Diários Associados": — PRJ 9, de São Luiz do Maranhão.

Rumores sobre uma outra grande e popular estação que estaria em negociações para ser vendida...

A moda, em casos semelhantes, é perguntar:

— A que jornal?

Fernando Lobo, Dorival Caimmy e sua esposa foram vítimas de um grave desastre de automovel. Mas já estão restabelecidos, felizmente.

SEMPRE UMA BOA
FAZENDA
A LHE OFERECER OU COMPRAR
ANTONIO VANI

RUA DA QUITANDA, 70-1º AND. - TEL 23-0838 - RIO DE JANEIRO



Novo método para melhorar a pele em 14 dias!

— Método MASSAGEM FRICÇÃO PALMOLIVE

O maravilhoso método embelezador que oferecemos a todas as mulheres, consiste na Nova Massagem Fricção Palmolive, feita com a rica, cremosa e vitalizante espuma do sabonete Palmolive que lhe garante uma nova beleza em 14 dias apenas!

O novo método massagem Palmolive foi posto à prova por 36 especialistas em beleza da pele, em 1.285 mulheres de todas as idades e possuidoras de todos os tipos de pele. No Brasil, 81% das mulheres que experimentaram esse novo método, obtiveram resultados verdadeiramente surpreendentes. O Sabonete Palmolive é feito com os balsâmicos azeites de oliva e palma, os melhores ingredientes que a natureza produz para embelezar a cutis e retardar as rugas. Palmolive tem uma espuma diferente, cremosa, que penetra profundamente nos poros, limpando-os das impurezas e fazendo-os respirar livremente.



Que é o método massagem fricção Palmolive



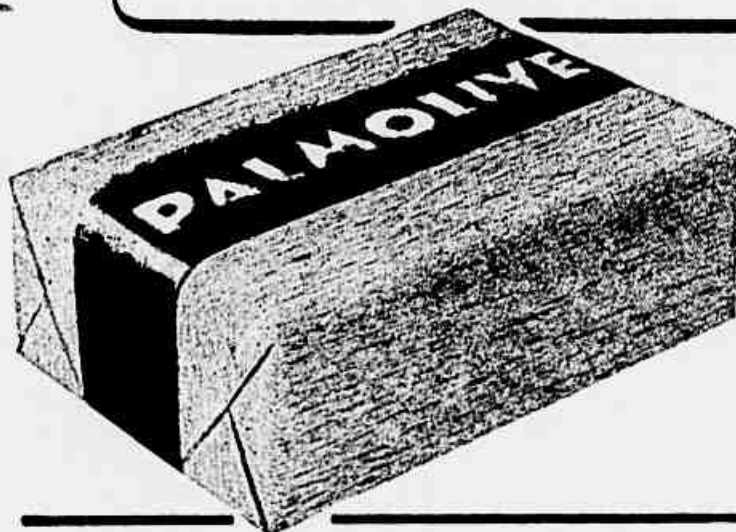
1.º - É lavar e ensaboar muito bem o rosto com sabonete Palmolive para que os poros fiquem livres das impurezas e recebam melhor a Massagem Fricção.



2.º - É lavar novamente o rosto para retirar a espuma e, em seguida secar, sem esfregar. — Essa operação deve ser feita de manhã, ao levantar, à noite, ao deitar, ou mesmo 3 vezes ao dia! Durante 14 dias seguidos!



3.º - É embeber uma pequena toalha comum na espuma cremosa e espessa de Palmolive e fazer, suavemente, a massagem, em todo o rosto, durante 1 minuto — exatamente 60 segundos.



EIS OS RESULTADOS QUE SE OBTÊM COM A MASSAGEM FRICÇÃO PALMOLIVE

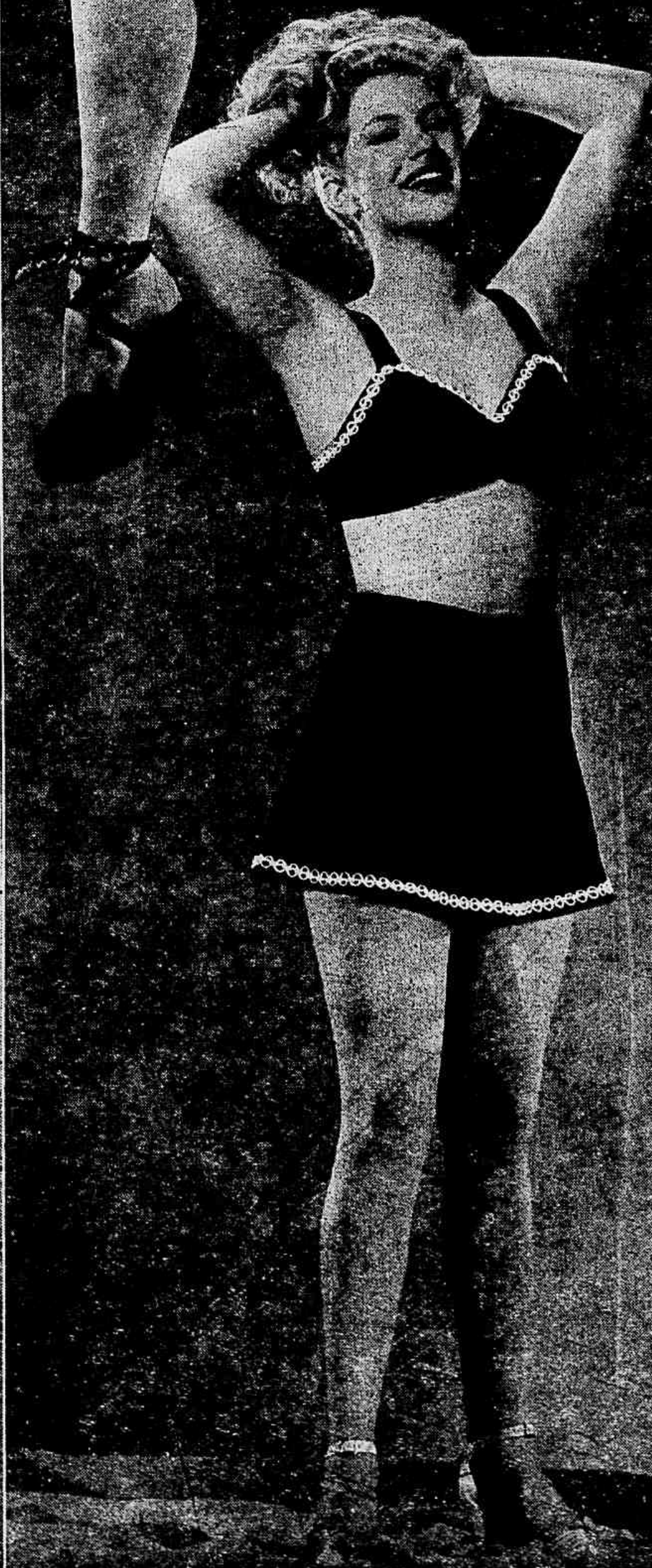
Com o Novo Método Massagem Fricção Palmolive, aplicado durante 14 dias seguidos, de manhã, ao levantar e à noite, ao deitar, ou mesmo 3 vezes ao dia, você conseguirá:

• Pele mais clara • Cutis aveludada • Menos manchada • Menos seca • Menos oleosa • Maciez e suavidade • Pele sadia.

Comece este novo e positivo sistema de usar Palmolive, ainda hoje. Em 14 dias você terá uma nova juventude, uma pele mais fresca, clara e encantadora.

Alegria de viver...

Elas sabem "gostar as delicias da vida", sem alusão a uma frase feita de outros tempos. Sabem que o segredo da juventude, se não eterna ao menos por um tempo, reside na educação física e espiritual pois não basta possuir a saúde do corpo. Sem a terapêutica mental, nada estará conseguido. Aqui ao lado, Margaret Landry mostra-nos um sorriso feitiço e contagioso, e na gravura inferior, a mesma *estrela*, tendo à direita Chili Williams, todas da RKO. Na página em frente, outra atitude jovial, feita por Evelyn Ankers, da Universal. Todas as gravuras dão-nos uma exata impressão do grau de desenvolvimento físico dessas pequenas graciosas, que não trepidam em deparar-se com o fotógrafo, mesmo nas atitudes mais imprevisas e nem sempre muito bem cuidadas...





Rotenol

NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FOR O PREÇO

cobrir o cadáver não se pode acusar al-
guém de morte. As nossas leis são claras
a esse respeito.

— Uma virtude que nem sempre
teem as leis inglesas...

— Uma exceção, é verdade.

— Bem, eu devo ir andando que já
está ficando tarde...

— Já vai?

— Acha cedo? Já passa de onze
horas...

— E' verdade. Não sabia que tí-
nhamos estado a conversar tanto tempo...

O médico ficou muito satisfeito com
o cumprimento.

— E' um prazer conversar com um
homem inteligente como você, Slade.

— Obrigado, doutor.

— Bem, então até amanhã. E obri-
gado pelo jantar. Esteve delicioso.

não cometer engano nenhum. O menor
descuido importaria na sua prisão. Era
preciso, portanto, tomar tôdas as precau-
ções.

Era uma quarta-feira e o vento ul-

VARIZES EM SENHORAS

Novo Tratamento sem Operação

Após longos estudos foi descoberto um
medicamento vegetal para o tratamen-
to com ótimos resultados de varizes,
que prejudicam a circulação venosa.
Esta medicação, na dose de três coi-
res das de chá ao dia, em água açu-
rada, restitue as pernas o seu estado
normal e a beleza estética. Em idêntica
dose debela os males causados pelos
mamilos hemorrágticos internos e externos,
inclusive os que sangram. Não encontra-
do nas farmácias ou drogarias, peça dire-
tamente ao depositário: CX. POSTAL 1874
(um o to-sete quatro) São Paulo.

HÊMO-VIRTUS (Líquido)

vava. Mau tempo. Justamente o que ele
vinha esperando há muitas semanas. Uma

quarta-feira tempestuosa. Noite em que
todos quizessem ficar em casa. Noite em
que as estrelas estariam ausentes e as
ruas da cidadezinha estariam desertas.
Ampla liberdade.

Slade tomou o almanaque que estava
sobre a mesa e manuseou-o febrilmente.
Acertara! Era aquele o dia.

— Esta noite ou nunca! — murmurou.

Tôdas as circunstâncias eram favorá-
veis à execução de seu plano. Nada o
impedia de pô-lo em prática. A hora apro-
ximava-se. Libertar-se-ia de uma vez por
tôdas.

A maré era vasante. As águas re-
cuavam até muito longe. Exatamente o
que esperava havia muito tempo. Spal-
ding viria no trem das doze e meia. Era
esta a hora do crime, a hora marcada
para agir.

Slade olhou para o relógio e viu que
se aproximava a hora. Resolveu ultimar
os preparativos.

A tempestade uivava lá fora. Com
certeza nevaria. Era preciso acabar tudo
antes de cair a neve...

Noite de quarta-feira. Estranho! Como
os fatores concorriam para seu sucesso!

REGULADOR XAVIER

• O Remédio da Mulher •
N.º 1-Fluxos abundantes
N.º 2-Falta de fluxos

ROUGE LÍQUIDO RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
DÁ AS FACES UM ROSADO
INCOMPARÁVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

Era bem possível que durante aquele ano
não tivessem uma quarta-feira tempes-
tuosa. Mas tinham tido. E tôdas as quar-
ta-feiras Spalding voltava no trem das
doze e meia. Nada mais restava a fazer
senão cometer o crime que havia muito
tempo ele planejava.

Parou para ouvir si havia algum
ruído em casa. Nada. A criada velha já

(Continua na página 48).

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas ru-
gas na testa e ao
redor dos olhos,
as sardas, man-
chas, cravos e es-
pinhas, são traícoiros inimigos da
beleza da mulher. Quando surgem
estas imperfeições, lançando nu-
vens sobre a sua felicidade, con-
fie nas virtudes do Creme Rugol.

Rugol corrige rapidamente as cau-
sas do envelhecimento prematuro
da cutis. Este famoso creme em-
belezador, usado todas as noites
em suaves massagens no rosto,
pescoço, e todos os dias como
base do "maquillage", remove as
impurezas que se acumulam nos
poros, fortalece os tecidos, dá vi-
gor e mocidade à pele. Com ape-
nas uma semana de uso do Creme
Rugol a sua cutis poderá ficar ma-
cia, limpa e acetinada, aumentan-
do os seus encantos e protegendo
a sua felicidade. A felicidade
de amar... e ser amada.

CREME

RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



— Oral De nada.

— Sinto muito que a conversa ver-
sasse sobre assunto tão ténico...

— Qualquer assunto com o senhor
torna-se interessante.

Agradecendo mais esta amabilidade
o médico partiu.

11

PREPARATIVOS

Sozinho em casa, Slade olhou em
tórno. Precisava recapitular tudo para

Agora muitos usam DENTADURA POSTIÇA com mais comodidade

FIXODENT, um pó alcalino (não
ácido), de agradável sabor, mantém
as dentaduras postiças firmes na boca.
Para comer e falar com mais como-
didade, experimente um pouco de
FIXODENT sobre sua dentadura
postiça. Não fica na boca nenhuma
sensação pegajosa. Combate o "cheiro
característico de dentadura" — per-
fuma o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo,
em qualquer farmácia ou depósito
dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

Com ESMALTE LALAUQUE
suas unhas brilham
como joias!

Nas cores:

- ★ Branco
- ★ Rosa natural
- ★ Rosa rubra
- ★ Rosa coral
- ★ Rosa antigo
- ★ Cardinal
- ★ Ruby
- ★ Cyclamen
- ★ Grenat



ESMALTE Lalaque

Protege e embeleza as unhas!
É fácil de aplicar e muito duradouro.

À VENDA
EM TODO O BRASIL



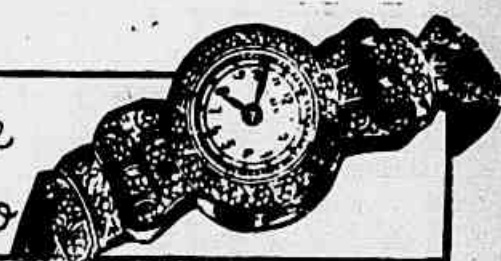
P.F



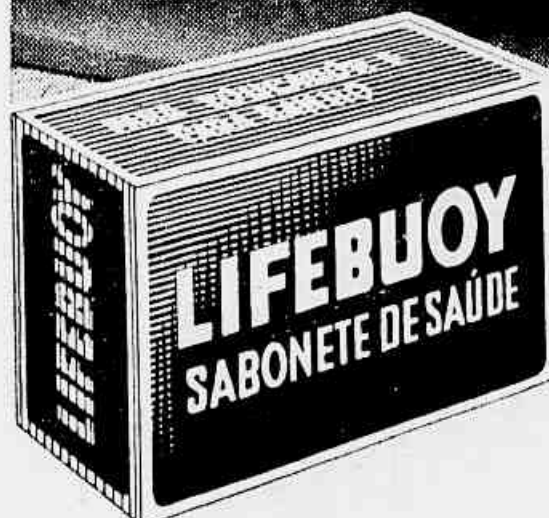
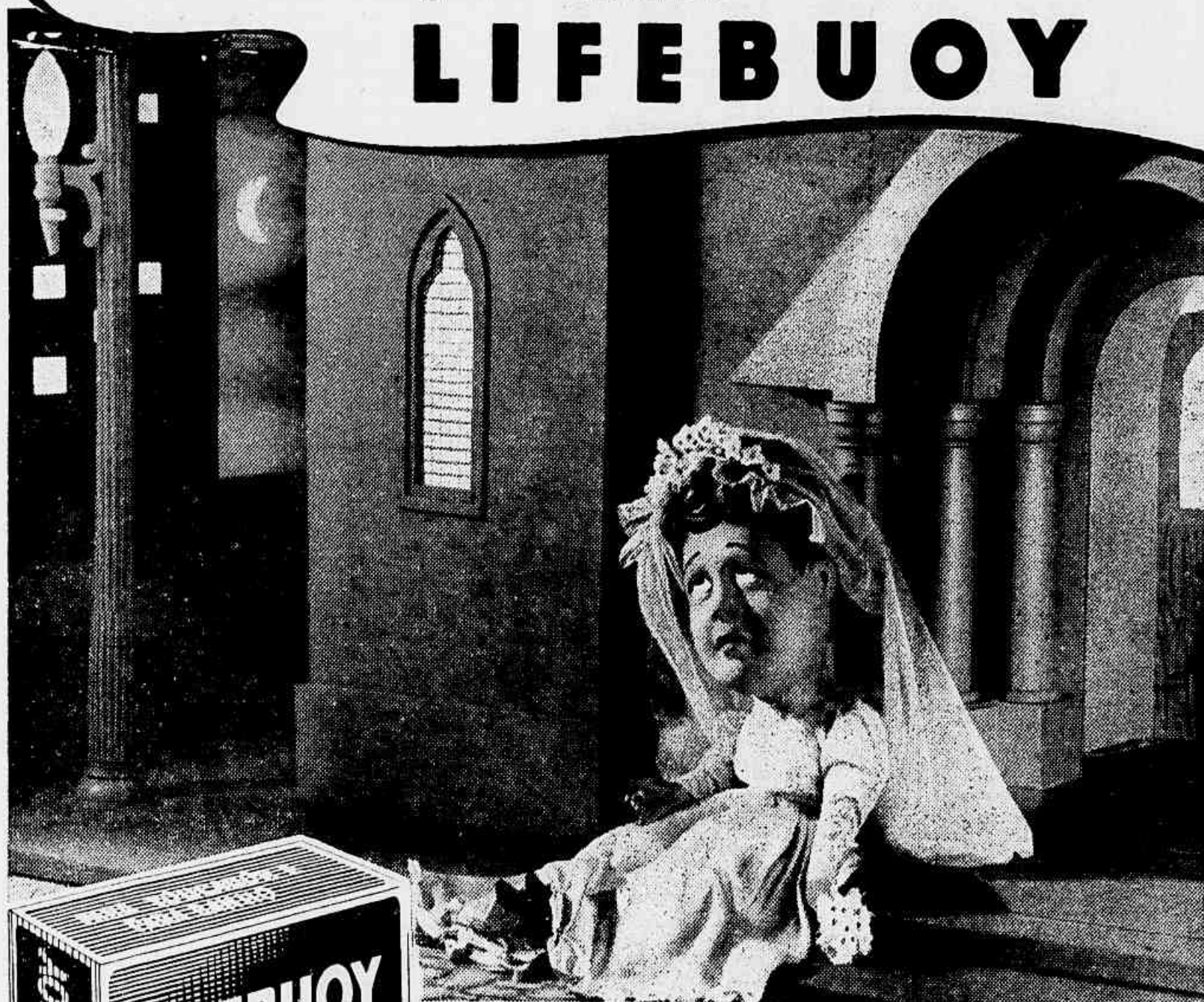
Jóias finas
para presentes

Joalheria Confiança
Uruguayana, 30
Tel. 22-2311

Relógios de
alta precisão



A "tal" que não usa **LIFEBUOY**



Cuidado! Se as coisas não lhe correm bem, tudo pode ser devido a odores desagradáveis, que Você não sente, mas os outros sim! Comece a usar Lifebuoy, cujo elemento purificador especial...

ASSEGURA SEU "ASSEIO CORPORAL"!

LINTAS GHS. 79-0220 A

CABELO BRANCO?
LOCÃO
Brilhante

RUGÔL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

CHAPÉUS

No guarda-roupa da mulher elegante dos nossos dias, cremos que nenhuma peça de seu vestuário sofreu tantas modificações como o chapéu. Ele é hoje o motivo mais fértil para a imaginação dos credores de moda. Há para todos os gostos e sobretudo todos os rostos e volta ele a ter grande influência na elegância feminina. Não se poderá imaginar, hoje, uma creatura verdadeiramente chic sem chapéu.



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

A MULHER NA GUERRA E NO APÓS-GUERRA

Ela está dando á Patria tudo quanto pode dar -- "braços, cérebro e coração" -- declara a senhora Iveta Ribeiro.

Também a escritora e jornalista sra. Iveta Ribeiro, ouvida pela nossa reportagem sobre o momentoso assunto, manifestou-se da maneira pela qual vamos ler, linhas abaixo. A sra. Iveta Ribeiro (Iveta Augusta da Cunha Ribeiro dos Santos) nasceu na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império e atual Capital Federal, a 7 de Março de 1886, e de longa data vem emprestando sua atividade em múltiplos setores: na Imprensa, na Literatura, na Pintura, no Teatro e na vida social, tendo sido a creadora do Clube das Vitorias Régias. Trata-se, portanto, de um nome sobejamente conhecido, senhora de grande bagagem literária e artística, que assim se pronunciou:

— Como encara o papel da mulher brasileira na hora em que os nossos soldados estão rumando aos campos da luta?

— Pela única forma clara, possível e justa, isto é como o papel que, em tais circunstâncias, devem representar as entidades cultas, crentes e conscientes de seus deveres de amor e sacrifício pelo bem comum.

“A atitude da Mulher Brasileira, neste momento histórico, não poderia ser outra senão aquela que ela está mostrando ao mundo. Atitude serena, corajosa, confiante em Deus, que não desampará a causa da Liberdade e da Ordem, da Justiça e do Direito, dentro do mais alto espírito cristão. Ela está dando á Patria tudo quanto pode dar, isto é braços para trabalhar, cérebro para pensar e coração para sofrer, estóica e silenciosamente, estimulando os Soldados Expedicionários para o grande combate pela Vitória, e com eles segue, vestindo o uniforme de Enfermeira, para que não lhes falte nunca a assistência devotada de seus sentimentos maternais, fraternos e altruísticos. E poderia ser outro o papel da Mulher Brasileira, herdeira direta das virtudes que sagraram Paraguassú, Felipa de Vilhena, Ana Nery e tantas outras ancestrais gloriosas?”

— Em sua opinião, que orientação espiritual terá a primeira geração de após-guerra?

— Partindo do princípio de que não há ação sem reação, e sendo mais do que claro que o fator principal da hecatombe

que está revolvendo, moral e materialmente, o mundo foi e é o banimento total do sentido cristão, na organização social e política das nações agressoras, o certo será pensar que, para a geração futura mais próxima, mesmo em meio das nebulosas em que ainda a envolve, só poderá ser uma orientação cristã, capaz de leva-la a compreender os princípios da Fraternidade, única base sólida para a reconstrução do mundo moral, tarefa histórica que lhe competirá. Só com essa orientação serão resolvidos os grandes e graves problemas que a guerra atual legará á Paz que se aproxima. Só com Cristo no coração e no cérebro a geração do Amanhã conseguirá libertar-se da tremenda herança e caminhar, livre e feliz, forte e alegre para a meta do seu futuro glorioso. De um solo adubado com o sangue de tantos heróis sacrificados, regado pelas lágrimas de tantas vítimas inocentes, e aquecido pelo calor de tantas almas despertadas para a Luz salvadora da Fé, só poderá surgir uma seara farta, benéfica, onde frutos e flores sorrirão á Gloria Suprema de Deus!

— Nas artes, letras, e em todas as atividades materiais, acha que a Mulher terá participação mais destacada no novo mundo de após-Guerra?

— Indubitavelmente. A chamada a Grande Guerra, entre os destroços de tudo quanto destruiu, de bom e de mau, deixou ao mundo, ainda aturdido, também os élos quebrados das algemas de erroneos preconceitos que prendiam a mulher ao pelourinho de todas as injustiças sociais, como incapaz de se dirigir sozinha, incapaz de equiparar-se ao homem pela inteligência e pela incapacidade de lutar pela propria independencia. Se, liberta desses pesados grilhões, em trinta anos de afirmativas gloriosas, a mulher soube impôr-se, fazer-se admirada e respeitada em todos os setores de atividades sociais, administrativas, culturais, educacionais e artisticas, como deixar, no após-guerra, de firmar-se no lugar que conquistou pelas forças conjugadas de sua inteligência, de suas energias morais, de sua vontade sólida e persistente?

“A meu ver, será nesse mundo de após-guerra, mundo que vai precisar de todos os elementos construtores

para se erguer das cinzas deste mundo tragico em que estamos vivendo, que a MULHER mais terá que intervir como colaboradora preciosa em todas as suas manifestações de progresso; e como as reconstruções são sempre mais belas e mais harmoniosas quasi que devemos abençoar a demolição que se está operando, por ordem, certamente, do Supremo Arquitecto — Deus!

— E no terreno sentimental?

— As correntes materialistas que andaram destruindo o senso da espiritualização da vida, passando a esponja de teorias civicas, tingidas de falsas cores científicas, no quadro negro onde a verdadeira sabedoria escrevia as mais belas lições aprimoradoras dos sentimentos humanos, em parte conseguiram apagar, na alma da mulher de agora, aquelas delicadezas sentimentais que sempre foram seu apanágio sagrado e sua maior força. Essas correntes nefastas conseguiram perturbar-lhe o entendimento, e ela ficou vacilante em definir o Amor, a Bondade e o Perdão, confundindo amor com satisfação biológica do instinto, bondade com ciencia creadora de assistência social ou com

fríos sistemas de reajustamentos sociais e perdão com covardia moral, capaz de crear impossibilidades vingadoras.

Afogadas essas nefastas correntes no caudal de sangue e fogo que desencadearam sobre uma grande parte do mundo civilizado mas desorientado, o Amor, a Bondade e o Perdão, que resumem todos os sentimentos puros da humanidade, virão a reflorescer, não só na alma feminina, mas na propria alma humana, e dentro dessa radiosa espiritualização da vida a mulher voltará a ser sentimental, embora pratica; delicada e fempil, embora forte de ânimo e decidida nas ações; bondosa de coração no exercício de suas funções diretivas ou subordinadas, em prol da melhoria moral e material dos sofredores esmagados pela ciencia; de desajustados, sabendo perdoar sem humilhar-se e levando os ofensores á necessidade de uma auto-reforma moral dignificadora. E ela será forte e de alma clara, porque o Cristianismo, que virá imperar no mundo de após-guerra, lhe recordará que o Sentimento é a chama que deve brilhar sempre sobre a corruptibilidade da materia, porque Sentimento é Doçura, Fé, Carinho e Abnegação.

COMPLETOU UM LUSTRO DE EXISTENCIA A CASA DE FERRAGENS PINHEIRO BRANCO LTDA.



O SR. MANOEL ALFREDO DIAS PINHEIRO, UM DOS SOCIOS DA FIRMA FERRAGENS PINHEIRO BRANCO LTDA.

Uma data significativa para o comercio do Rio de Janeiro, é o dia de hoje, que assinala a passagem do quinto aniversario da fundação da Firma Ferragens Pinheiro Branco Ltda., estabelecimento que vem seguindo as diretrizes a que se propuzeram os seus dirigentes, beneficiando em larga escala o publico, desde Setembro de 1939. Esta modelar casa de ferragens, anteriormente propriedade da firma F. Augusto Silva & Cia. Ltda., passou, em Maio de 1943 a ser administrada por Ferragens Pinheiro Branco Ltda., que vem, desde então, multiplicando os seus negocios e alargando o seu campo de ação, graças ao dinamismo construtor dos seus dirigentes, os Srs. Manoel Alfredo Dias Pinheiro e João Fernandes Branco, que não têm poupado esforços para que cada vez mais eficientemente possa a sua casa servir ao publico carioca, de acordo com a sugestiva legenda que constitui o lema de seus negocios: “Servir bem para conquistar a simpatia e confiança do freguez”.

Por motivo da festiva efemeride, os Srs. Manoel Alfredo Dias Pinheiro e João Fernandes Branco tem recebido de seus inumeros amigos e clientes os mais carinhosos cumprimentos e as mais eloquentes felicitações.



SRA. IVETA RIBEIRO

(Conclusão da pág. 45)

tinha ido dormir, havia muito tempo. Ninguém o perturbava...

Sairia conforme já tinha planejado e tornaria sem que sua ausência fosse percebida.

Os ponteiros do relógio pareciam andar com uma velocidade incrível. Slade ultimou os preparativos.

— Terei esquecido alguma coisa?

Tomou a arma que fabricara e examinou-a.

Era uma estranha arma. Um pedaço de corda sólida, amarrada pelas duas pontas, a um pedaço igualmente pequeno de madeira.

Tudo pronto. Slade apanhou um caderno de notas que tinha no bolso e releu o que se achava escrito ali. Em seguida queimou o caderno e, abrindo as janelas, deixou que o vento levasse as poucas cinzas.

As notas que o tinham interessado tanto eram uma descrição da maneira como os nativos de certa parte da Índia procediam a estrangulamentos...

III

MOTIVOS

Refletia no ato que iria dentro em breve cometer sem temores. Não tinha sombra de remorso prévio. Achava que o que faria era perfeitamente justificado e que, não havendo outro meio para se livrar de Spalding, podia muito bem, com toda a justiça, matá-lo para que ele não o impedisse de triunfar na carreira que havia escolhido. Da sua vida anterior Slade não conservava recordações nem remorsos. Fora ladrão, primeiro, e em seguida chantagista. Si bem que o exercício desses mistérios desonrosos lhe tirasse todos os escrúpulos, nunca, antes, matara. O mais que fazia, nos seus tempos de serviço ativo no exército do crime, era assustar suas vítimas para que não fossem contar à polícia que ele lhes fazia pagar

quantias enormes em troca de seu silêncio. E parecia uma estranha e curiosa ironia do destino o fato de que hoje, que ele procurava tornar-se um homem direito, fosse um que o conhecia nos seus tempos de bandido que o viesse a perseguir. Isso passava dos limites. O jovem Spalding sabia de tudo. Tivera por amigo um rapaz que se suicidara atormentado com as exigências de Slade e o fato de Slade estar ainda vivo e salvo era devido somente ao pedido do amigo a Spalding no sentido de não procurar castigar o seu carrasco, porque não queria, nem depois de morto, que viesse a tornar-se público o seu segredo.

Spalding ainda não o reconhecia, porém olhava-o sempre com uma expressão curiosa e, mais dia menos dia, lembrar-se-ia do homem cuja fisionomia vislumbrou, por acaso, saindo da casa do amigo que se suicidara havia muitos anos.

Slade não poderia perder a posição que conquistara com esforço, a reputação de advogado honesto e direito, em proveito de um imbecil que o denunciaria. Era matá-lo e quanto antes. Para isso elaborara os seus planos. Desde o dia em que fora apresentado a Spalding, numa festa e este dissera:

— Tenho a impressão de que já o vi...

— E' possível... Viajei muito...

— O senhor já esteve em Paris?

— Muitas vezes...

— Quem sabe si não foi lá...

— Talvez na Côte d'Azur também. O

senhor não esteve lá?

— Sim.

— Encontra-se sempre tanta gente na Côte d'Azur...

— E' verdade.

E o mais curioso era o fato de que se tinham tornado amigos, amigos quase íntimos. Porém a expressão curiosa que surpreendia no rosto de Spalding, às vezes, bastava para fazê-lo ver que o rapaz qualquer dia se lembraria onde o tinha visto antes e...

Era matá-lo.

Saiu de casa. O carro ia vagarosamente pela estrada deserta, rumo à estação. Ia esperar Spalding. Era quarta-feira e quase meia noite e meia. Chovia já. Era o dia, a hora e o tempo ideal para o crime como o planejara.

Guiava com calma, si bem que sentisse dentro de si um calor de febre apesar da temperatura fria.

O silêncio das ruas desertas era entrecortado pelo ulvar do vento e pelo barulho das árvores, que gemiam e se retorciam na tempestade.

Slade chegou, afinal, à estação. Parou o carro a uma milha da estação, desligou os faróis e o motor, e esperou.

IV

CRIME

Havia uma meia hora que esperava quando viu aparecer o trem. Estava com grande atraso. Mas isso em nada prejudicava os planos de Slade.

— Enfim! — murmurou ele.

O trem entrou na estação; houve um ruído de trelas; um chiado. Um apito do guarda anunciou a partida. E o trem tornou a partir, rumo ao sul.

Dentro de alguns minutos Slade ouviu passos rápidos que se aproximavam. Ficou absolutamente imóvel...

Um rapaz alto e louro passou pelo carro caminhando, apressado, sem perceber que havia um automóvel parado, ao lado da estrada.

Slade contou até duzentos, bem devagar, depois ligou o motor, acendeu os faróis e saiu atrás de Spalding.

Encontrou-o a meia milha de distância.

— E' você, Spalding?

— Quem é?

— Sou eu, Slade.

— Ah! Você, por aqui, a esta hora!

— E' verdade.

— Saiu tarde, hein?

— Foi. Quer uma "carona"?

— Aceito de boa vontade. Está uma noite horrível!

— Eu também acho.

— Que é que você está fazendo por aqui assim tão tarde?

— Fui jogar uma partida de bridge em casa de Miss Clay, e quando ia voltar para casa lembrei-me de que era quarta-feira e, como estava com o carro, resolvi passar por aqui para ver si ainda o conseguia apanhar e levá-lo para casa.

— Muito obrigado.

— De nada, meu velho.

— Quem estava lá em casa de Miss Clay?

Slade tinha o diálogo todo bem ensaiado.

— Não havia muita gente. Também com um tempo dêstel... Estavam lá aqueles dois rapazes de Cleveland... Você não se lembra? Eles foram, outro dia, à festa de Mr. Bright...

— Sei. Os dois americanos.

— Eles mesmos. Por sinal que estavam flirtando escandalosamente com Miss Clay. O velho Harwood estava furioso...

Mas o rapaz não prestava mais atenção à conversa. Novamente sua fisionomia tomara um ar vago, de quem tenta recordar-se de qualquer coisa.

— Sabe de uma coisa, Slade? Você é um enigma que me tortura.

— Eu?

— Sim. Sempre que estou com você tenho a sensação de que já o vi, mas não consigo saber onde...

— Sinto muito não poder satisfazer a sua curiosidade. E já disse a você que antes de lhe ser apresentado não o conhecia. Porém é possível que você me tenha visto alguma vez. Mas o fato de você não se recordar onde foi confirma a minha teoria de que não foi coisa assim tão importante. De outra maneira você se lembraria...

— E. Você tem razão... Mas...

— Você já tentou se lembrar si foi no estrangeiro ou si foi aqui, na Inglaterra?

— Já. Não consigo.

Estavam os dois se encarando. Slade virou o rosto para prestar atenção à estrada. Spalding ficou pensativo.

— Slade?

— Que é que há?

— Você tem certeza de que não me tinha visto antes?

— Ora, a gente nunca pode ter certeza. Tenho certeza de que nunca fui apresentado a você. Mas posso lá afirmar que já não topamos na rua um com o outro? Quem sabe si, alguma vez, eu não esbarrei em você na rua, ou não pisei no seu pé, sem querer? — disse Slade com um sorriso um pouco forçado.

Porém Spalding estava sério.

— Tenho certeza de que si eu o visse novamente, nas mesmas circunstâncias...

— A questão é quais são elas...

— E' verdade...

— E então?

— Não me lembro.

Slade riu.

— Isso já está se tornando obsessão! Nunca vi uma pessoa se impressionar tanto com um fato sem importância...

— Mas o fato não é sem importância...

— Como sabe?

— Sinto-o. Alguma coisa me diz que eu, por um motivo qualquer, devia reconhecê-lo...

— Ora...

Nesse momento Slade traiu-se. Foi um gesto, um gesto furtivo da mão, que o outro viu.

— Oh!

— Que houve?

— Agora eu tenho certeza!

— Certeza de que?

— De que já o vi.

— Mas... como?

— Você abanou a mão, assim, no ar. Já o vi fazer isso e foi...

— Tente lembrar-se...

— Foi...

— Sim?

— Era de noite... Você estava saindo de uma casa...

— Tente lembrar-se de quem era essa casa...

— Foi...

— Fale, vamos!

— Foi em Paris, na casa de Alain...

— Alain?

— Sim... Um amigo meu que morreu... suicidou-se. Já sei!

— Descobriu?

— Cínico! Você é o assassino de Alain...

— Não sei o que você está dizendo...

— Foi você o homem que o obrigou a suicidar-se...

— Quem lhe disse isso?

— Você não me engana, eu o vi!

Si ele não tivesse reconhecido o criminoso teria sido poupado. Talvez. Quem

sabe si, vendo-se seguro, Slade não teria piedade? Mas, descoberto, procurou defender-se. Tirou do bolso, com uma rapidez incrível, a arma que fabricara, e, antes que o outro pudesse dizer alguma coisa, passara a corda em torno do pescoço dele e torcia o pauzinho, esganando-o...

Spalding estrebuchou, gemeu fracamente e caiu pesadamente para um lado. O assassino olhou em torno. Ninguém. Parara o carro para cometer o crime. Pô-lo, agora, novamente em movimento e dirigiu-se para a praia.

O mar estava aparentemente calmo, apesar da tempestade... Mas Slade sabia que as correntes submarinas ali arrastariam o cadáver para muito longe. Ninguém saberia como um rapaz como Spalding fora tão louco que resolvera aproximar-se da beira d'água, numa noite tempestuosa. A vegetação submarina já tinha estrangulado mais de um nadador que mergulhara no meio da corrente...

Levantar o corpo requeria um esforço enorme. Spalding era robusto. Slade resolveu, finalmente, passar os braços do cadáver em torno de seu pescoço para poder agarrá-lo com mais facilidade pelos quadris... Assim fez. Deixou o carro longe e caminhou para a beira d'água... entrou n'água para depor o corpo um pouco distante, afim de que as correntes o levassem mais depressa. E resolveu, afinal, atirá-lo longe. Tomou impulso e atirou. Porém os braços do cadáver se tinham enrijecido em torno de seu pescoço e não houve meio de desprender-se. Com a força do impulso, Slade caiu para a frente. Caiu bem na corrente e o mar começou a puxá-lo. Ele fazia esforços sobre-humanos para libertar-se, porém o mar puxava, inexoravelmente, para dentro, mais para dentro... O crime fora de fato perfeito. A execução do complicado plano fora coroada do mais completo sucesso. Só uma coisa, imprevisível, perturbava o criminoso: o rigor mortis, endurecimento dos músculos do cadáver. Um crime perfeito... que poupou à polícia o trabalho de investigar, pois trouxe em si o castigo do criminoso.

— F I M —

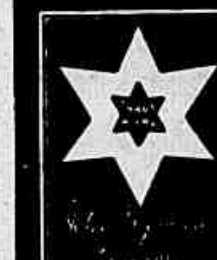
Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

OLEO FIGADO BACALHAU "ESTRELLA"



RICO EM VITAMINAS JOHN WYMAN LONDRES

A venda nas principais Drogarias e Farmácias em

Litros e ½ litros

Repr.: W. G. WILLS
Rua México, 98 — RIO

Cahe-lhe o cabelo?
Está perdendo o brilho?

Está embranquecendo?

Uze o

TONICO ORIENTAL

Ele fortifica a raiz do cabelo, faz cessar a queda e restitue-lhe o brilho e a beleza.

Extingue a caspa.

ISK



MALTOGENO

"Granado"

Medicação
tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



T. TARQUINO

IVES — Minha senhora!...

DENISE — Conduz o sr. Zimmerman ao quarto do sr. Alain de Kergueven...

ZIMMERMAN — Daqui a pouco... Não tenho pressa...

DENISE — Pode ir, Ives... Chamá-lo-ei quando necessário for...

IVES — Com licença, minha senhora...

Contra-regra: passos que se afastam.

ZIMMERMAN — Esse bretão, além de cabeçudo, acho que não foi com a minha cara!... Acho, senhorita, que o seu mordomo ainda vai se aborrecer muito comigo...

DENISE — Ives, doctorr... é um herói do Somme!...

ZIMMERMAN — Ah!... Herói... Já percebi... E tem a fita azul na lapela... alguma condecoração... já percebi isso...

IVES (distante) — Estou dizendo que não entra!...

PICOT — Como é que não entra!... Ele está aí! E onde ele está, o Picot entra!...

DENISE — Que é, Ives?

ZIMMERMAN — Oh!... E' o meu ajudante!... O meu braço direito!...

PICOT — Vamos!... Deixe de se fazer de bôbo!... O meu chefe está aí!

ZIMMERMAN — Com licença, mademoiselle...

Contra-regra: passos que se afastam.

WEHRINGER — Não estranhe, senhorita... De fato o corcunda Picot é o braço direito do doctorr Zimmerman...

DENISE (estranhando) — Picot? (pausa) Francês, capitão?

WEHRINGER — Colaboracionista, senhorita... Ele nos acompanha desde que penetramos em território francês...

DENISE — Aleijado?

WEHRINGER — Leu o "Corcunda de Notre Dame", senhorita... A natureza plagiou o grande Victor Hugo... Acho que ainda é muito mais monstruoso!...

DENISE — E ele é francês?

WEHRINGER — E grande amigo da Nova Ordem, senhorita...

DENISE — Realmente, senhor... Concordo... é muito mais monstruoso do que Quasimodo!

WEHRINGER — Oh!... Mademoiselle, engana-se... Fisicamente monstruoso, mas um espírito lúcido... avançado... e em poucos meses todos os franceses pensarão como esse corcunda...

DENISE — Creio, capitão, que mesmo os senhores, vencedores, adversários, e que obtem desse francês traído informações e outros benefícios para a campanha que empreendem, sentem de quando em vez profundo nójo desse auxiliar, não?

WEHRINGER — Senhorita!... O corcunda Picot é a menina dos olhos do Doctorr Zimmerman.

DENISE — O chefe da Gestapo nesta zona ocupada?

WEHRINGER — Oh!... Mademoiselle Kergueven... Fala com sentido desprezo da Gestapo! A Gestapo é uma polícia organizada... policial como qualquer outra polícia do mundo... Apenas mais metódica, mais inteligente e mais positiva... Espero que não me vá contar horrores dos campos de concentração... Não, mademoiselle, não creia... não se mata ninguém nos campos de concentração nazistas... Morrem lá como morreriam em Paris, em Copenhague ou no Rio de Janeiro... Pneumonia... embarrago gástrico... fígado... miocardite...

PICOT (passos e distante) — Pois é... pois é... Si eu não gritasse ele ia me enxotar... Ora essa!... Ah!... As suas botas estão engraxadas, doctorr...

ZIMMERMAN — Muito bem... muito bem, Picot...

DENISE — Os senhores estão à vontade, não é assim?

WEHRINGER — Retira-se, senhorita?

DENISE — Si o capitão achar a minha presença dispensável...

WEHRINGER — Oh!... Senhorita... Jamais dispensaria uma presença tão gentil e graciosa.

DENISE — Mas necessito retirar-me, senhores...

PICOT — Eu já sei... E' por minha causa... Essa maneira de me olhar... eu percebo... Olha-me com desprezo...

DENISE — Chama-se Picot?

PICOT — Sim... André Picot... Sou de Montoir sur Loire...

DENISE — Estou perguntando si você é francês, Picot...

PICOT — Mademoiselle... estou dizendo que sou de Montoir sur Le Loire Cher... Eu sei... eu sei... mas cada um pensa como quer... Surraram-me, doctorr, quando passáramos ontem naquela aldeia... Sujaram-me de pixe... Chamaram-me traidor... (chorando).

ZIMMERMAN — Vamos, Picot, que é isso? Eles hão de compreender-te mais tarde...

PICOT — Sim... Heil Hitler!...

CORO — Heil Hitler!...

PICOT — A França... A França! Quem era eu? Um miserável corcunda! Chacota dos moleques... Quando me davam de comer eu comia!... Quando não davam perguntavam-me quando eu chorava por que eu não morria... Que fez por mim Daladier? Que fez por mim Bonnet? Que fizeram por mim Briand ou Blum com a sua Frente Popular?... Nem um cartão de albergue para acomodar esta bossa... Ficavam com pena mas escondiam o pão no armário e o dinheiro na bolsa... Agora eu como... eu calço... Heil Hitler!

CORO — Heil, Hitler!

PICOT — E' esse o homem que deve mandar no mundo!... Eu sou colaboracionista!... Depois de nosso fuehrer há um homem em toda a França!... Pierre Laval!... Eu leio pela cartilha de Pierre Laval!...

DENISE — Basta, monstro!...

ZIMMERMAN — Rogo-lhe, mademoiselle, que não maltrate por palavras este homem... E' um elemento precioso à polícia militar alemã... E' mais do que um funcionário alemão... E' um francês que pensa com o nosso fuehrer!... Heil Hitler!...

CORO — Heil Hitler!...

DENISE — Sr. dr. Zimmerman, eu falo como francesa... E nada impede o meu nójo por esse homem!... Peço para retirar-me...

WEHRINGER — Perdão, senhorita... Não se falará mais a esse respeito... Daremos por encerrado este assunto... Eu preciso da companhia de mademoiselle para mostrar-me todas as peças do castelo afim de poder distribuir aos oficiais do estado maior que em breve chegarão ao castelo...

PICOT — Eu preciso dizer ao Herr doctorr uma coisa...

ZIMMERMAN — Você acompanhou os soldados que destaquei para aquela missão, Picot?

PICOT — Sim... Herr doctorr... eu descobri uma coisa... Aquê lavrador que mora logo depois da ponte escondeu os cereais debaixo do assoalho...

ZIMMERMAN — Tens certeza disso, Picot?

PICOT — Pela fé que eu tenho na Nova Ordem e na glória da Grande Alemanha!... Eu descobri!...

ZIMMERMAN — E por que não revelaste isso aos soldados, Picot?

PICOT — Porque eu descobri depois... Eu conheço essas coisas... Tudo aqui nesta aldeia é inimigo, Herr doctorr... Ele escondeu os mantimentos para se negar à requisição... Eu voltei lá, sozinho... Eles não me esperavam. E vi pelo buraco da fechadura... o marido e a mulher tirando lentilhas e arroz debaixo do assoalho... Pensam que enganam o Picot!...

ZIMMERMAN — Serão presos imediatamente!...

PICOT — Fuzilados!... Quem faz isso é nosso inimigo! Não é preciso ir, herr doctorr... Cinco soldados comigo, eu vou lá com eles... Eu vou mostrar onde estão os cereais...

ZIMMERMAN — Vamos... Muito bem, Picot!... Muito bem...

PICOT (risada cínica) — Eu acho que devia fuzilar mulher e marido, doctorr, para dar exemplo, não acha?

WEHRINGER — Um momento, herr Zimmerman... Não tomará essa medida, não é verdade?

ZIMMERMAN — Vou pensar ainda, herr capitão Weh-

ringer. . Bem sabe as instruções que recebi da chefia em Berlim...

PICOT — Claro... Quem não é nosso amigo é nosso inimigo... Morrendo meia dúzia a disciplina escorrega que é uma beleza, não é doctorr?

ZIMMERMAN — Claro!... Isso, Picot!... Tu és um agente que me enche inteiramente as medidas... Vamos!...

Contra-regra: passos que se aproximam.

WEHRINGER — Que é isso, mademoiselle de Kergueven... Está se sentindo mal?

DENISE — Um pouco tonta, capitão... Mas será possível, meu Deus! Um francês ligado à Gestapo, denunciando o sangue da sua gente... Como é duplamente monstruoso esse corcunda, meu Deus!... Como é monstruoso esse Picot!...

INTERLÚDIO

Contra-regra: soar de sineta. (pausa) Passos. Abrir de porta.

IVES — Oh!... Meu general!... Está chegando de Brest? O seu sobretudo e chapéu...

KERGUEVEN — Toma... (pausa e passos até nova rubrica). Esses automóveis militares no parque do castelo, Ives... estão aí?

IVES — Sim, meu general...

KERGUEVEN — Vem comigo para a saleta... Estão na biblioteca... As luzes estão acesas...

IVES — Sim... o estado maior alemão lá está reunido, meu general...

KERGUEVEN (passos) — Vem comigo para a saleta... E quando chegaram?

IVES — Às três horas da tarde... Eu não queria deixá-los entrar, meu general. Eles fizeram saltar os ferrolhos da porta, mas depois a senhora Westbury parou com eles e entraram. O general alemão chegou às seis horas.

KERGUEVEN — O general está também na biblioteca?

IVES — E' o gabinete dêle, meu general.

KERGUEVEN — Gabinete dêle... A minha biblioteca!... O meu castelo, minha dessa corja!...

IVES — Onde vai, meu general?... Vai à biblioteca? Eu vou com o senhor!

Contra-regra: passos pesados e lentos.

IVES — Irei com o meu general!...

KERGUEVEN — Não!... Fique onde está... Irei sozinho...

Contra-regra: murmúrios distantes. Ruído de vidros. Gorgolejar de licreiro. Risos discretos.

IVES — Oh!... Meu general!...

GENERAL — Fica onde está, já disse!...

Contra-regra: murmúrios e ruídos de vidros distantes que se aproximam. Ruído forte de maçaneta. Abrir violento de porta.

KERGUEVEN — Senhores!... Boa noite!... (forte) General Luiz Marie de Kergueven, antigo comandante do décimo quarto Exército!...

Contra-regra: bater de saltos de várias pessoas.

LEHNBACH — General Oberst Von Lehnbach... Permita-me apresentar-lhe... Coronel Werner Goeritz do Etappendiest... Chefe do meu estado maior!... Tenente-coronel Egon von Schelend, do Nacriehtendiest... Capitão Wehringer, meu oficial ordenança...

KERGUEVEN — Cavalheiros...

LEHNBACH — Meu general, se faz favor... E' grande honra que se sente ao nosso lado...

KERGUEVEN — Excelência, sinto muito declinar o convite que acaba de me fazer. Não estou em minha casa. O castelo de Benoet é seu de agora em diante.

LEHNBACH — Não!... Não!... Foi requisitado, apenas... O general conhece tão bem quanto eu as vicissitudes da guerra. Nós ocupamos o seu país. Temos de nos alojar em alguma parte... Como os franceses outrora na Renânia. Já dei ordem para que o general fôsse incomodado o menos possível. O general verá que nós respeitamos, como convém, os adversários corajosos que a sorte das armas não favoreceu. Naturalmente o general, a senhora sua filha e o seu filho ferido continuarão nos seus respectivos aposentos.

KERGUEVEN — Excelência... Eu lhe agradeço, mas decidi que eu e minha filha viveremos de agora em diante no pavilhão da guarda, à entrada do parque.

CÓRO — Oh!...

WEHRINGER — Perdão, meu general... mas isso não é justo com o alto grau de sua posição!...

KERGUEVEN — E' êsse, irrevogavelmente, o meu desejo... E quero apenas, excelência, com a sua permissão, que meu filho ferido, unicamente meu filho, fique no seu quarto.

LEHNBACH — Naturalmente. Mas insisto, general... em que...

KERGUEVEN — E' inútil. Quando meu país vai sofrer com a derrota, os seus defensores infelizes devem aceitar todas as dificuldades. Excelência! Boa noite!...

INTERLÚDIO

Contra-regra: pancadas discretas numa porta.

ALAIN — Quem é?

IVES (distante) — Eu, sr. Alain... O café...

ALAIN — Entra, Ives...

Contra-regra: ruído de maçaneta. Abrir de uma porta.

IVES — Melhor, senhor?

ALAIN — Um pouco, Ives...

IVES — Aí está o senhor prêso nessa cama por causa da perna...

ALAIN — Sim, Ives... mas o que se pode fazer?... E' verdade, enquanto não melhorar queres me servir as refeições aqui? Não desejo vê-los, meu velho...

IVES — Certamente... certamente, meu bom sr. Alain...

ALAIN — Reuniram a companhia no pátio do castelo há pouco... O general... Creio que é o general alemão, pois ainda não o vi de perto...

IVES — Alto e de meia idade... sim, senhor Alain... é o general...

ALAIN — Fez uma arenga às tropas... falou sobre armistício... ouviste bem o que êle disse aos seus soldados nesse pequeno discurso, Ives?

IVES — Senhor...

ALAIN — Que foi, meu bom velho?... Molharam-se os teus olhos, Ives... que houve?

IVES — Senhor... O armistício acaba de ser assinado na Floresta de Compiègne...

ALAIN — A França assinou o armistício?

IVES — Sim, sr. Alain... O armistício acaba de ser assinado!... A França caiu!... A nossa pátria, símbolo da liberdade e do direito, acaba de ser subjugada pelos bárbaros que ditam a violência pela força das armas!... Ela, que trabalhou com tanto sangue uma civilização, sr. Alain... (chorando) Oh! E eu, velho!... Seu pai, senhor, velho... Não poderemos repetir o que fizemos em Somme, Verdun, Chateau Thierry... Chemin des dames... O que fizemos com os ferimentos de nossa carne!...

ALAIN — Vamos, Ives... Não falemos mais nisso... Temos de nos conformar com os desígnios embora implacáveis do destino, meu velho... Serve-me o café, Ives... Pouco açúcar...

IVES — Sim, meu senhor...

Contra-regra: ruído bem discreto de louça.

ALAIN — Basta!... Perguntaram por mim? (transição) Chega de açúcar, Ives... Ouviste-me?

IVES — Senhor?

ALAIN — Perguntaram por mim?

IVES — Todo o estado maior sabe que o patrão está aqui em cima e ferido.

ALAIN — Ah!... Quer dizer que não vão me incomodar, não é assim?

IVES — Só esse cara de fuinha... o Zimmerman... Penso que ele virá aborrecê-lo...

Contra-regra: bater forte na porta.

ALAIN — Entre!...

ZIMMERMAN — Entra, Picot... (passos) Dr. Erich Zimmerman, chefe do serviço de segurança do estado maior. O senhor é o filho do general Kergueven?

ALAIN — Sim!... Evacuado da frente no dia 14 de Maio.

ZIMMERMAN — Por que?

ALAIN — Ferimento na perna esquerda... a rótula partida... Aqui estão a minha carteira militar e a minha licença de convalescente.

ZIMMERMAN — Já pode andar?

ALAIN — Mal, muito dificilmente, doutor... mesmo com muletas...

ZIMMERMAN — Picot!...

PICOT — Herr doctorr...

ZIMMERMAN — Onde viste esse homem andando dum lado para outro em seu quarto?

PICOT — Detrás dos olmos... Foi quando a tropa formou no pátio e o general, o nosso grande general discursou informando o armistício!

ZIMMERMAN — Desminta isso, sr. Alain de Kergueven!

ALAIN — Realmente, andei dum lado para outro... mas de muletas...

PICOT — Estava sem muletas... eu vi... Sou corcunda mas trepo em árvores... Eu subí naquele planalto... Sem muletas... Estava sim, doctorr... Eu vi...

ZIMMERMAN — Quero examinar o ferimento do seu joelho, sr. Alain de Kergueven.

ALAIN — Como?

ZIMMERMAN — Quero examinar o ferimento do seu joelho... Picot... apanha na pasta que trouxe a tesoura para cortar as gazes...

PICOT — Oh!... Doctorr... São Tomé... ver para crer... (ri).

ZIMMERMAN — Estenda bem a perna, sr. de Kergueven...

Contra-regra: passos.

ZIMMERMAN — Abra a pasta, Picot... Tire a tesoura...

Contra-regra: ruído de instrumentos de aço.

ZIMMERMAN — Quero examinar a sua perna...

FIM DO NONO EPISÓDIO

DÉCIMO EPISÓDIO

Contra-regra: gemidos abafados de Alain.

ZIMMERMAN — Pode estendê-la mais um pouco?

ALAIN — Posso... (gemido abafado).

ZIMMERMAN — Assim...

PICOT — A pasta, doctorr...

ZIMMERMAN — Abra-a, Picot... e tire a tesoura...

Contra-regra: ruído metálico de instrumentos.

PICOT — A tesoura, doctorr...

Contra-regra: ruído de uma tesoura cortando.

ZIMMERMAN — Está doendo?

ALAIN — Um pouco... É penoso conservar a perna nesta posição, doctorr...

ZIMMERMAN — Que é isso? Gesso?

ALAIN — Sim... O choque foi na rótula... Tenho a rótula partida, doutor Zimmerman... Peço-lhe que quebre o gesso devagar... mas deverá substituí-lo imediatamente...

ZIMMERMAN — Está bem... Torne a pôr os instrumentos na pasta, Picot.

PICOT — Por que não quebra o gesso, doctorr?...

ZIMMERMAN — Não, não é preciso... Acredito que ele tenha de fato a rótula partida, Picot...

PICOT — Às vezes, doctorr... às vezes (risada) Está bem, deixa... deixa...

ZIMMERMAN — Não te preocupes, meu bom Picot... Será exercida sobre ele a maior vigilância...

PICOT — Prisioneiro de guerra...

ZIMMERMAN — Outra coisa, e muito a propósito, sr. Alain de Kergueven: o senhor André Picot é meu auxiliar de confiança, e está autorizado, a qualquer hora, a entrar em qualquer dependência do castelo de Kergueven... É um homem de inteira confiança da Gestapo nesta zona ocupada...

ALAIN — Compreendo que não posso fazer objeção alguma...

PICOT — E... posso dizer, doctorr?

ZIMMERMAN — Claro, Picot... claro...

PICOT — A porta do seu quarto... nunca deve ser fechada à chave...

ALAIN — Perfeitamente... Não a fecharei...

PICOT — Hum... hum... Está certo, doctorr?

ZIMMERMAN — Perfeitamente, Picot... Gosto da tua diligência...

PICOT (rindo) — O!... Aprendi com o mestre... Eu copio o mestre, doctorr...

ZIMMERMAN — Sr. Alain de Kergueven, em princípio, devíamos interná-lo... mesmo ferido...

PICOT — Está vendo?... Consideração especial... Está vendo?

ALAIN — Obrigado pela consideração que me concedem...

ZIMMERMAN — Justamente, uma consideração especial... Poderá ficar aqui no seu quarto, sem se apresentar todas as semanas à Kommandantur da aldeia.

ALAIN — Obrigado.

ZIMMERMAN — Não há de que... (pausa) Vamos, Picot!... Heil Hitler!...

PICOT — Heil Hitler... (pausa) Um momento, doctorr... O senhor ouviu-o saudar o nosso fuehrer? Heil Hitler!...

ALAIN — Heil Hitler...

PICOT — Ah!... Agora eu ouvi...

ZIMMERMAN — Vamos, Picot...

Contra-regra: passos cambaleantes.

PICOT — Um momento, doctorr... Eu preciso dizer algumas palavras a esse velho... Esse mordomo cabeçudo...

ALAIN — Ives é um velho e inofensivo servidor de nossa família, doutor...

PICOT — Olhe... Vai se arrepender muito... Ouviu?... Si continuar a fazer o que... o que faz quando eu passo...

ZIMMERMAN — Insulta-te, Picot?

IVES — Cuspo no chão, quando ele passa!

ZIMMERMAN — Cale a boca!

IVES — Cuspo no chão, quando ele passa!

ZIMMERMAN — Esqueces-te a quem diriges a palavra?

IVES — Sr. Zimmerman, quem enfrentou as dun-dun em 14, não será depois de velho que vai receiar o pelotão de fuzilamento da Gestapo!

ZIMMERMAN — Ordeno-lhe que se cale!

IVES — Tenho nôjo dêsse francês imundo e traidor!... Como o doutor teria dum alemão que procedesse canalhamente como esse corcunda!...

PICOT — Deixa... deixa, doctorr... não há nada como dar tempo ao tempo... Você pagará... outros já pagaram... (risada).

ZIMMERMAN — Acho bom tomar em conta o que Picot acaba de lhe dizer, velho teimoso!...

PICOT (rindo) — Vamos, doctorr... o senhor não acha que devemos visitar a adega e outras dependências do castelo?

ZIMMERMAN — Sim, Picot... Vamos!... Heil Hitler!
CÔRO — Heil Hitler!...

Contra-regra: passos cambaleantes.

ALAIN (baixinho) — Fecha a porta, Ives...

IVES — Não, senhor... Esse corcunda vil é capaz de voltar na socapa e espionar pelo orifício da fechadura... E' melhor deixá-la aberta...

ALAIN — Você precisa ter cuidado, Ives... Esses dois homens o odeiam... pior é o monstro... êsse Picot... Sinto no olhar dêsse homens um ódio de morte por você...

IVES — Pouco importa, senhor... Continuarei cuspiendo toda vez que o encontrar na minha frente... Será a minha constante expressão de nôjo por êsse francês infeliz...

ALAIN — Não falemos mais nisso... O meu café esfriou...

IVES — Vou buscar outro na copa, senhor... Com licença. . (passos).

INTERLÚDIO

Contra-regra: pancadas discretas.

WEHRINGER — Entre!

KARL — Meu capitão!... O general Kergueven deseja avistá-lo!...

WEHRINGER — Oh! (passos distantes) Às ordens, meu general...

KERGUEVEN (distante) — Precisava dum livro, capitão Wehringer...

WEHRINGER — Queira entrar... Está na sua casa, sr. general Luiz de Kergueven...

KERGUEVEN — Obrigado... Só quero um livro da minha biblioteca (passos aproximando-se) Quero reler a obra de Messenier... sobre a campanha de Napoleão na Rússia...

WEHRINGER — Naturalmente, meu general... Si quer far-lhe-ei companhia...

KERGUEVEN — Obrigado, capitão... irei sozinho...

Contra-regra: passos.

LEHNBACH (passos que se aproximam) — Tem uma coleção notável de livros, meu general!

KERGUEVEN — Oh!... General Lehnbach...

LEHNBACH — Sinto imensamente surpreendê-lo... Estava sentado na poltrona junto à janela... Lia um pouco...

KERGUEVEN — Excelência, cumpre-me confessar-lhe que me surpreendeu em flagrante delito de curiosidade histórica.

LEHNBACH — Procura um livro, general Kergueven?

KERGUEVEN — Sim... Uma obra de Messenier sobre as operações do imperador Bonaparte antes e depois do Moscova...

LEHNBACH — Conheço o livro. E' muito interessante...

KERGUEVEN — Ah!... Ei-lo... Bem... desejo-lhe muito boa noite, general Lehnbach...

LEHNBACH — Um momento, general Kergueven... Desejava dizer-lhe algumas palavras. Acho que não se justifica o forte ressentimento que sente por mim e pela oficialidade que ocupa o seu castelo... Uma coisa, meu general... descobri por aí, dentro dum quadro, uma das suas citações em ordem do dia do Exército em 1916...

KERGUEVEN — Realmente, general Lehnbach... e qual a razão dessas referências sobre o meu passado de militar combatente?

LEHNBACH — Estamos a par dos seus altos feitos durante a outra guerra, mas ignorávamos êsse. O general comandava, então, a centésima décima terceira brigada de infantaria?

KERGUEVEN — Com efeito, em ligação com...

LEHNBACH — A sexta divisão britânica.

KERGUEVEN — Exatamente.

LEHNBACH — Coincidência curiosa! Quando o senhor era general de Brigada no Somme, na primavera de 16, eu comandava o primeiro regimento de granadeiros diante do senhor.

KERGUEVEN — Então se lembra, excelência, do ataque britânico de primeiro de Maio, ao norte de Albert, sustentado pela nossa artilharia.

LEHNBACH — Naturalmente... Eu poderia indicar-lhe, de memória, a disposição de nossas forças, num mapa... Mas o seu exército, meu prezado general Kergueven, não soube tirar proveito das vantagens conquistadas... Si tivessem levado avante com a mesma impetuosidade com que foi iniciado o ataque nessa memorável campanha, o senhor destruiria toda a nossa rede de trincheiras, em vez de se contentar com o lucro de 1.200 metros.

KERGUEVEN (entusiasmado e sorrindo) — Mas não pode negar, general Lehnbach, que foi um verdadeiro triunfo para as nossas forças!

LEHNBACH — Sim... Naquele tempo, general Kergueven... Mas, hoje... tudo mudou. Em 1916 sacrificavam-se 50.000 homens para conquistar 300 metros; hoje, com a nova tática alemã, avançamos 300 quilômetros pelo mesmo preço... e... não se magoe com essa verdade, general Kergueven: foi o que fez o novo exército da Nova Alemanha...

KERGUEVEN — Fala como vencedor... Os alemães tiraram a sua vingança.

LEHNBACH — Os seus colegas, general, pensaram erroneamente que iríamos jogar o mesmo jogo. A guerra evolui com o progresso. Os senhores ficaram com a obsoleta concepção da Linha Maginot. Mas há sete anos que compreendemos que o ar tinha tanta importância quanto a terra.

KERGUEVEN — Bem, senhor general Lehnbach... Sinto muito dizer-lhe que vim à biblioteca do meu castelo apanhar um livro e não discutir sobre a desgraça do exército de minha pátria...

LEHNBACH — Perdão... Não se vá ainda, general Kergueven... Estamos falando como amigos... Não tenho intenção alguma de o humilhar... Posso perguntar-lhe por que deseja reler o trabalho de Messenier sobre a campanha da Rússia?

KERGUEVEN — Oh!... Pura especulação de estratégia militar, general von Lehnbach. Nada mais do que isso, creia... Especulação estratégica...

LEHNBACH — Mas sinto, general Kergueven, que atrás dessas simples e teóricas palavras oculta-se uma segunda intenção, não é verdade?

KERGUEVEN — Confesso que sim.

LEHNBACH — Poderia conhecer essa intenção?

KERGUEVEN — Estou pensando no que se teria passado si a Alemanha não tivesse assinado um pacto de não-agressão com Stalin e precisasse lutar contra a Rússia.

LEHNBACH — O nosso fuehrer havia escrito: "Jamais duas frentes como em 1914"... Voilà tout, general Luiz de Kergueven.

KERGUEVEN — Já que o nobre general atacou de frente o assunto, pergunto-lhe como puderam se entender os alemães com o ditador soviético, que durante tantos anos o trataram de bandido?

LEHNBACH — A necessidade é lei. Somos realpolitiker, meu general. Quando convem que nos aliemos ao diabo, agarramo-nos à sua cauda. A Europa atualmente é um campo de caça mal defendido, onde os coelhos, paralizados pelos escrúpulos, se acotovelam nas suas tocas, com medo do colosso que rasga com os seus poderosos dentes as tradições diplomáticas. Tanto pior para os cordeiros indefesos... A lei da floresta é a nova ordem. Nós lhes mostraremos que a raça germânica pura, regenerada, revitalizada é a raça dos super-homens, que impõem a sua lei aos sub-homens!

KERGUEVEN — Super-homens? Considera super-homens êsses rapazes de vinte anos sugestionados pela sua propaganda, que do alto dos seus aviões metralham com indiferença civis desprotegidos nas estradas?

Sala de cos- tura



Os quartos de costura, onde as donas de casa ainda passam hoje, como nos séculos passados, uma boa parte do dia, devem ser montados, por isto mesmo, em peças arejadas e claras, com distribuição de luz adequada ao trabalho e mobiliário alegre e de cores pouco vivas.

No cliché que aqui reproduzimos, vê-se uma magnífica sala de costura que, como todas as peças análogas, acumula

as funções de sala de estar. Um grande divan oriental toma grande parte da parede lateral e, ao fundo, uma mesa de bordado trabalhada em laqué.

Um grande tapete cinza cobre completamente o assoalho.

A distribuição de luz é feita cientificamente, pelas janelas providas de persianas elásticas.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNIES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA-67-RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

